

## Universidade Federal da Bahia Faculdade de Comunicação Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas

# Comunidades Virtuais e Sites de Redes Sociais: Um Estudo sobre Práticas Comunitárias no Orkut

Ruan Carlos Brito

Dezembro de 2010 Salvador, Bahia



## Universidade Federal da Bahia Faculdade de Comunicação Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas

## Comunidades Virtuais e Sites de Redes Sociais: Um Estudo sobre Práticas Comunitárias no Orkut

Ruan Carlos Brito

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos

Santos Ribeiro

Dezembro de 2010 Salvador, Bahia

Dedico este trabalho aos meus pais, por todos os sacrificios que fizeram por mim e por sempre acreditarem no meu potencial.

## Agradecimentos

Há considerável dificuldade em escolher as palavras para expressar com precisão o quanto somos gratos e devedores a todos aqueles que, de diferentes formas, foram importante na obtenção de uma grande conquista. Porém, neste momento, não sinto maiores dificuldades em identificar as pessoas que me ajudaram ao longo do processo de produção deste trabalho, nem em admitir o quanto precisei destas pessoas — ainda que nem sempre tenha reconhecido devidamente ou de imediato.

Primeiramente, tenho a obrigação de reverenciar a minha família – meus pais, Érica Marie Brito e Antônio Carlos Brito – e meus irmãos – Ramon Carlos e Yasmin Lorena. A estas pessoas devo esta conquista e todas as outras, tudo que eu tenho e tudo que eu sou. Agradeço pelos incentivos, pelo esteio moral, pelo conforto emocional, por proporcionarem as condições para que eu busque os meus objetivos e assuma os meus riscos, sempre sabendo que terei a minha base mais fundamental para retornar, e que nela estarei sempre protegido.

Agradeço à orientação absolutamente rica e irrepreensível do professor José Carlos Ribeiro. Não esquecerei a dedicação, a seriedade e a generosidade com que fui orientado. Esta pesquisa, minha trajetória no mestrado e os conhecimentos que adquiri têm marcas indeléveis deste professor que se tornou para mim um modelo, seja do ponto de vista acadêmico e profissional, seja do ponto de vista pessoal.

Também preciso mencionar as instituições FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, e CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que viabilizaram a minha estadia em Salvador ao longo destes dois anos, bem como a produção desta pesquisa.

Preciso agradecer ainda a amigos que tenho ao meu lado, para o meu privilégio. Meus melhores amigos, de Belém, Fabrício, Lídia, Luiz Augusto, Matheus, Nara e Victor, podem perfeitamente ser inseridos na categoria de família e são fundamentais na minha vida. Agradeço pela torcida, pela compreensão, pelo carinho e pela paciência. Sou grato aos amigos de Salvador, Carlos, Rafael e Renato, que tornaram minha presença nesta cidade tão mais fácil e agradável. Jamais poderei reportar-me a trajetória que construí em Salvador sem mencionar os amigos Thiago Falcão, com quem pude contar em momentos de dificuldade e em quem encontrei disponibilidade e ricas orientações; Ana Terse, sempre tão atenciosa, confiável e amiga; e Vitor Braga,

companheiro de estrada acadêmica, com quem partilhei desafios e momentos de crescimento.

Finalmente, agradeço à Universidade Federal da Bahia – UFBA, à Faculdade de Comunicação – FACOM, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas – POSCOM, aos colegas do GITS – Grupo de Pesquisa em Interação, Tecnologias digitais e Sociedade, pelas discussões frutíferas e trocas de conhecimentos, e aos professores com quem sinceramente aprendi muitos nos últimos anos.

"Alguns qualificam o espaço cibernético como um novo mundo, um mundo virtual, mas não podemos nos equivocar. Não há dois mundos diferentes, um real e outro virtual, mas apenas um, no qual se devem aplicar e respeitar os mesmos valores de liberdade e dignidade da pessoa".

Jacques Chirac

#### Resumo

A dissertação aprofunda a compreensão e caracteriza interações sociais mantidas em Comunidades do Site Orkut, observando se elementos conceituais relacionados à Comunidade Virtual estão presentes no Site de Redes Sociais. Com isso, busca-se ainda investigar em que medida é possível uma aproximação teórica entre os conceitos de Comunidade Virtual e de Sites de Redes Sociais (SRSs). São analisadas, especificamente, três Comunidades voltadas a presidenciáveis nas eleições brasileiras de 2010: uma dedicada à candidata Dilma Rousseff / PT ("Votamos Dilma Presidente – PT"), uma dedicada ao candidato José Serra / PSDB ("José Serra Presidente") e outra dedicada à candidata Marina Silva / PV ("Marina Silva - PV"). A pesquisa é desenvolvida por meio de entrevistas com alguns dos participantes, além de observação do conteúdo postado nas Comunidades. Verificamos que os elementos conceituais da Permanência, da Territorialidade e do Pertencimento surgem de maneira mais clara. Já o elemento da Afetividade é constatado apenas parcialmente. A partir disto, discutimos sobre as particularidades presentes nas práticas de interação online, salientando em que aspectos e em quais dos agrupamentos estudados podem ser consideradas comunitárias.

Palavras-chave: Comunidades Virtuais, Orkut, Eleições 2010.

#### **Abstract**

This dissertation brings deeper comprehension and characterizes social interections verified in Communities from the Site Orkut, by observing if conceptual elements related to Virtual Communities are present in the Social Network Site. We also investigate if a theoretical correlation is possible between the concepts of Virtual Community and Social Network Sites. Three Communities concerning presidential candidates in the 2010 brazilian elections are analysed: one dedicated to candidate Dilma Rousseff / PT ("Votamos Dilma Presidente – PT"), one dedicated to candidate José Serra / PSDB ("José Serra Presidente"), and another dedicated to candidate Marina Silva / PV ("Marina Silva – PV"). Our research consists of interviews with users and observations of the content from the designated Communities. It was found that the conceptual elements of Permanence, Territoriality and Belonging emerge clearly. The element of Affection is only partially observed. From this analysis, follows a discussion about the peculiarities of online interaction, highlighting which groupings and what aspects of those groupings might be regarded as Community.

Keywords: Virtual Communities, Orkut, 2010 Elections.

## Lista de Ilustrações

Figura 1: Distância média entre usuários na Rede Club Nexus	54
Figura 2: Exemplos de sites de acordo com a tipologia de Thelwall	61
Figura 3: Idades e gêneros de usuários do MySpace	64
Figura 4: Exemplo de perfil do Orkut	67
Figura 5: Página inicial do Orkut na "versão antiga"	69
Figura 6: Página inicial do Orkut na "versão nova"	69
Figura 7: Dados demográficos do Orkut	71
Figura 8: Exemplos de Comunidades e mensagens anti-EUA no Orkut	73
Figura 9: Página inicial de uma Comunidade do Orkut	75
Figura 10: Espectro de Kozinets para participação do pesquisador em Comunidades	77
Figura 11: Evolução das intenções de voto segundo IBOPE.	82
Figura 12: Tópico da Comunidade "Votamos Dilma Presidente – PT"	87
Figura 13: Tópico da Comunidade "Marina Silva – PV"	88

## Lista de Tabelas

Tabela 1: Esquema para as características da Comunidade e da Sociedade	22
Tabela 2: Comunidades Moderna e Contemporânea	40
Tabela 3: Uso de Sites de Redes Sociais ao longo do tempo	66
Tabela 4: Distribuição dos usuários do Orkut por idade	70
Tabela 5: Distribuição dos usuários do Orkut por interesses	70
Tabela 6: Distribuição dos usuários do Orkut por país	71
Tabela 7: Dados demográficos dos entrevistados	89
Tabela 8: Freqüência de acesso ao Orkut	89
Tabela 9: Freqüência de acesso à Comunidade	90
Tabela 10: Comparativo entre acesso à Comunidade do presidenciável e as outras de que o entrevistado faz parte	91
Tabela 11: Frequência de leitura de tópicos e mensagens na Comunidade	92
Tabela 12: Freqüência de postagem de tópicos ou mensagens na Comunidade	92
Tabela 13: Período aproximado como membro da Comunidade	93
Tabela 14: Intenção de continuar participando da Comunidade após fim das eleições	94
Tabela 15: Passagem eventual ou sempre que possível pela Comunidade	95
Tabela 16: Importância da interação específica com os membros da Comunidade	97
Tabela 17: Compartilhamento de idéias e sentimentos na Comunidade	99
Tabela 18: Ligação afetiva ou de amizade com alguns da Comunidade	100
Tabela 19: Percepção dos membros da Comunidade como um grupo de que se faz parte	101
Tabela 20: Sensação de pertencimento à Comunidade	102

## Lista de Gráficos

Gráfico 1: Evolução das quantidades de membros nas Comunidades	84
Gráfico 2: Evolução das quantidades de tópicos criados ou comentados	85
Gráfico 3: Evolução das quantidades de mensagens postadas	86

## Sumário

Introdução	14
1 Abordagens Teóricas sobre Comunidades	18
1.1 Abordagens Clássicas sobre Comunidades	18
1.2 Comunidade nos Termos Contemporâneos	31
1.3 Comunidade Virtual	41
1.3.1 Elementos Conceituais Relacionados à Comunidade Virtual	50
2 Os Sites de Redes Sociais	52
2.1 Introdução Teórica ao Conceito de Redes	52
2.2 Definições e Pesquisas em SRSs	58
2.3 O Site Orkut	67
3 Comunidades do Orkut sobre Presidenciáveis	
3.1 Metodologia de Pesquisa	76
3.2 Apresentação e Análise dos Dados	83
3.2.1 Do Monitoramento e Observação das Comunidades	83
3.2.2 Das Entrevistas com os Participantes das Comunidades	88
4 Conclusão	104
Referências Bibliográficas	110
ANEXO A	CD-Rom

## Introdução

A segunda metade do século XX foi marcada por mudanças de grande importância histórica. Para além de avanços e reconfigurações naturais na humanidade com o decorrer do tempo, é possível compreender as últimas décadas como um ponto de alternância de paradigma. A cultura, a arte, a arquitetura, os ambientes urbanos, a política, a economia, as próprias percepções de tempo e espaço, enfim, diversos domínios da expressão e das experiências humanas apresentaram alterações do tipo mais fundamental. Neste sentido, os valores predominantes desde o Iluminismo parecem não conseguir mais explicar a vida contemporânea.

Do ponto de vista sociológico, é preciso examinar os movimentos sociais e o indivíduo atual sob novo prisma. Os traços comportamentais do indivíduo denominado pós-moderno, bem como os padrões de relacionamentos mantidos na sociedade de hoje, certamente inserem-se neste contexto de profundas alterações. Para autores que se dedicam a compreender a vida coletiva na atualidade, é possível verificar uma afetividade que toma conta do corpo social e promove reuniões de diversas naturezas. Estes encontros contemporâneos apresentam características distintas das práticas gregárias tradicionais, ao mesmo tempo em que diferem dos traços sociológicos valorizados pela modernidade.

De todo modo, é possível compreender a contemporaneidade pelo seu viés agregador, e é esta a proposta do presente estudo. Para tanto, faz-se necessário considerar ainda a decisiva função exercida pela internet nas mudanças sociais verificadas hoje. Não adotamos aqui uma oposição entre a técnica e as práticas humanas. Aceitamos que os processos de ordem tecnológica e de ordem social possuem estreita relação, de maneira que não é um que determina ou causa o outro, mas ambos se complementam e ocorrem paralelamente. O que devemos enfatizar é o papel socializante atribuído à ambiência digital. As novas tecnologias online potencializam conexões e interconexões por todo o globo, para inúmeros fins, viabilizando práticas interativas e mesmo comunitárias.

Para a compreensão de características que norteiam tais agrupamentos mantidos pelo uso das tecnologias digitais, selecionamos para a presente dissertação páginas do site de relacionamentos Orkut, denominadas Comunidades. Tendo em vista que se trata do Site de Redes Sociais mais popular no Brasil, o Orkut apresenta-se como ambiência

propícia para a observação de práticas gregárias contemporâneas em nosso país. Nesta plataforma online, verificam-se importantes fluxos sociais em torno daquilo que está em voga ou adquire visibilidade em território brasileiro. Comportamentos, eventos, acontecimentos, produtos, artistas, atrações televisivas, o mundo dos esportes, tudo aquilo que consegue atrair a atenção das pessoas, é repercutido no Orkut de maneira instantânea, especialmente na forma de Comunidades.

O mesmo processo se dá no que diz respeito à política. No Orkut, há diversas Comunidades voltadas para temas políticos - partidos, ideologias, debates, programas e ações políticas, governos e governantes. Muitas destas Comunidades atingem a marca de dezenas de milhares de pessoas, e algumas apresentam até mais de cem mil membros, como é o caso da "FORA LULA" 1, com cerca de cento e vinte mil membros, e da "Apoiamos Lula AGORA É DILMA PT" 2, com mais de cento e cinquenta mil membros. Em anos eleitorais, os movimentos nestas páginas tendem a aumentar, principalmente nas Comunidades voltadas a candidatos a cargos majoritários e de estados com as maiores populações. Neste sentido, os espaços do Orkut voltados aos presidenciáveis são privilegiados. Para serem analisadas nesta dissertação, foram selecionadas Comunidades dedicadas aos principais candidatos à presidência nas eleições brasileiras de 2010: Dilma Rousseff (PT), Marina Silva (PV) e José Serra (PSDB). No caso, todas as pesquisas de intenção de votos e a cobertura jornalística que envolvem as eleições indicaram protagonismo destes três candidatos.

É importante ressaltar que a ênfase da pesquisa não está na questão política, adotada nesta dissertação apenas como recorte temático. Diante da impossibilidade de estudar a infinidade de Comunidades presentes no Orkut, fez-se necessário adotar uma temática que delimitou as práticas gregárias online e permitiu a seleção de casos específicos a serem analisados. A atividade política promove as experiências sociais de agrupamento que nos interessam, especialmente em ano eleitoral, como este em que foi desenvolvida a pesquisa. De todo modo, nos ocupamos centralmente, não da atividade política em si, mas do estudo e caracterização das práticas comunitárias observadas na internet.

Quando da disseminação da Rede de Computadores pelo mundo, principalmente na década de 1990, os usuários e uma parte considerável dos pesquisadores enxergavam com entusiasmo o ciberespaço e as interações nele contidas. Havia grande expectativa

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=73071 (setembro de 2010)

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=2826730 (setembro de 2010)

por rápidos avanços e soluções definitivas para problemas, o que, em grande medida, contribuiu para a mistificação das práticas online. Se, por um lado, muitas alterações sócio-culturais tornaram-se evidentes, também encontramos usos de tecnologias digitais que se adéquam às rotinas sociais já vivenciadas fora da Rede.

No que tange às Comunidades Virtuais, estas foram recebidas com forte ceticismo por uns, e com uma espécie de romantismo por outros. Em vários momentos, o mundo acadêmico viu-se diante de um dilema marcadamente maniqueísta e paroquial: ou os agrupamentos online conduziriam a uma forma inédita de reciprocidade, ajuda mútua e conforto coletivo; ou implicariam prejuízo das interações face a face e isolamento acentuado dos indivíduos. Entretanto, as tecnologias digitais oferecem um conjunto de atividades cujos níveis de envolvimento, participação e interesse dos indivíduos, bem como as implicações de ordem prática, não podem ser conhecidos a priori.

Já naquilo que se refere aos Sites de Redes Sociais (SRSs), temos que, de acordo com pesquisas recentes e definições de maior relevância, estes sites estão focados na criação, navegação e listagem de perfis individuais. Desta feita, a maior parte das pesquisas que envolvem os SRSs – como é o caso do Orkut, selecionado para a presente dissertação – está voltada para a compreensão dos usos feitos pelos usuários, seus objetivos, motivações, traços demográficos proeminentes etc. Não é da tradição da pesquisa em SRSs enfatizar agrupamentos ou Comunidades, e sim os perfis dos usuários, suas características e as redes que os compõem.

Diante disto, nosso estudo propõe uma contribuição no sentido de investigar se e em que medida é possível uma convergência teórica entre os conceitos de Comunidade Virtual e SRSs – o que não se apresenta como tarefa previsível ou trivial, ainda que alguns autores já trabalhem neste sentido. A partir deste cenário, propomos ainda uma construção teórica acerca da noção de Comunidade – nas acepções clássica, contemporânea e virtual. Com isto, é possível compreender as especificidades e eventuais contradições em torno do conceito, a depender da abordagem sociológica utlizada. De todo modo, entendemos ser possível que SRSs como o Orkut, ainda que estejam centralmente voltados para os perfis individuais e suas listas de contatos, abriguem práticas coletivas cujos traços nos remetem para aquilo que autores definem como Comunidade Virtual.

Para tanto, no primeiro capítulo fazemos um resgate teórico sobre conceitos de Comunidade. Primeiramente, discorremos sobre a Comunidade em sua definição clássica; em seguida abordamos sua acepção no sentido contemporâneo; e finalmente pontuamos conceitos de Comunidades Virtuais, a partir dos quais destacamos quatro elementos conceituais a serem aplicados na análise dos agrupamentos selecionados para a pesquisa.

No segundo capítulo, discorremos sobre os Sites de Redes Sociais, contextualizando suas definições, usos possíveis e características proeminentes. Concedemos atenção especial ao Orkut, objeto de nosso estudo, salientando suas funções principais, bem como o privilegiado processo de popularização no Brasil.

No terceiro capítulo, trazemos a metodologia da pesquisa e a análise dos dados, obtidos por observação dos tópicos e entrevistas com os membros das Comunidades. Neste momento, teremos condições de averiguar quais elementos conceituais estão presentes nos agrupamentos analisados, portanto, se e de qual conceito de Comunidade Virtual se aproximam.

Na última parte, desenvolvemos as considerações finais da dissertação, observando em que medida foi possível avançar na interseção teórica entre Comunidades Virtuais e Sites de Redes Sociais, para além de outros aspectos relevantes que se apresentaram.

## 1. Abordagens Teóricas sobre Comunidade

Neste capítulo, serão levantadas abordagens teóricas sobre o conceito de Comunidade. Em um primeiro momento, a dissertação recorre a teóricos clássicos que tratam desta temática. Em seguida, o capítulo faz referência a abordagens contemporâneas, ou que se contrapõem às noções clássicas. Finalmente, serão introduzidos autores que abordam as Comunidades Virtuais. Esta dissertação propõe-se a identificar algumas das principais características relacionadas à prática comunitária em ambiência digital. Neste sentido, faz-se pertinente a análise de agrupamentos humanos em plataforma online.

### 1.1 Abordagens Clássicas sobre Comunidade

A abordagem sociológica de Ferdinand Tönnies é de grande relevância para o debate teórico deste capítulo. Este autor distingue dois tipos principais de agrupamentos humanos: Comunidade (*Gemeinschaft*) e Sociedade (*Gesellschaft*). Estes conceitostipos referem-se a uma sociologia denominada por Tönnies de pura. Isto significa que Comunidade e Sociedade sugerem definições fundamentais e ideais, mas não se propõem à descrição empírica dos processos históricos (o que caberia à sociologia aplicada). Na sociologia pura temos construções eminentemente mentais, que, nestes casos, adotam posições antagônicas.

Porém, antes de observarmos os conceitos de Comunidade e Sociedade, devemos compreender outros dois conceitos centrais e simétricos em Tönnies: as vontades, *Kurwille* e *Wesenwille*. Trata-se de duas unidades contraditórias, que representam realidades psíquicas coletivas, às quais competem salientar motivos, sentimentos e atitudes humanas. Para Tönnies:

"Os dois conceitos distintos de vontade serão considerados aqui como causas ou propensões para a atividade. Sua presença e constituição permitirão, em face de uma conduta específica, concluir se tal conduta é provável (entre tantas outras possíveis), ou se sob condições determinadas será imperativa e necessária" (TONNIES, 1995, p. 274).

A *Kurwille* implica predomínio do pensamento sobre a vontade e tem natureza racional. Já a *Wesenwille* é a vontade que contém o pensamento, mais afetiva, expressa a unidade orgânica. Assim, temos que:

"As duas formas de vontade humana definem duas formas de inter-relações. A vontade racional está na origem das relações fundadas sobre o cálculo e a troca. É a esfera na qual prevalece a norma de equidade definida pelos critérios objetivos. A vontade natural suscita relações de tipo incondicional, nas quais a noção de equilíbrio das prestações não se apresenta em termos de troca, mas em termos de contribuições individuais com fins comuns" (COENEN-HUTHER, 1995, p. 197).

Observando que os exemplos concretos são apenas aproximações dos conceitos da sociologia pura de Tönnies, CAHNMAN (1995) ilustra as definições de vontade da seguinte forma: "as relações dos membros de uma família são determinadas mais freqüentemente e intensamente por *Wesenwille* e direcionam-se para a Comunidade, ao contrário das relações internas em um escritório comercial ou repartição pública" (1995, p. 89).

Assim temos que os conceitos de vontade conduzem aos conceitos de Comunidade e Sociedade. A Comunidade é um tipo de associação mais antiga, anterior à Idade Moderna e à disseminação da ordem capitalista, está relacionada aos costumes e à tradição. As relações comunitárias são predominantes no estilo de vida rural. De sua parte, a Sociedade é um fenômeno mais recente, vincula-se à expansão da lógica mercantilista, e está ligada ao ambiente urbano. Por Comunidade, devemos entender um conjunto de experiências, necessariamente compartilhadas pelo grupo e marcadas por intimidade. As relações comunitárias são dadas desde o nascimento, e por isso já atravessaram diversos momentos da vida, tanto os felizes quanto aqueles desagradáveis. Deste modo, tais relações implicam forte vínculo afetivo. Já a Sociedade é o mundo que excede este círculo de proximidade e intimidade, é a vida pública e desconhecida.

Sobre a Comunidade, Tönnies coloca que:

"Essa associação, considerada como uma afirmação imediata e recíproca, expressase de modo mais incisivo em três tipos de relações: 1. a relação entre mãe e filho; 2. a relação entre homem e mulher, enquanto casal, e que é preciso compreender em um sentido natural e biológico; 3. a relação entre irmãos e irmãs, isto é, entre aqueles que se conhecem como sendo descendentes da mesma mãe" (TONNIES, 1995, p. 235).

O autor destaca estes três casos como os mais fortes e significativos, mas observa que a estes se agregam outros, como a relação entre pai e filho. Outra característica da Comunidade é a ação de forças naturais sobre a divisão do trabalho. Os cuidados com o lar, a manutenção e preparo dos alimentos, a preservação dos valores, são tarefas atribuídas à mulher. Já o homem fica responsável pela caça e pela proteção do território contra o inimigo externo.

Tönnies (1995) fala ainda sobre tipos de Comunidade, como (1) a Comunidade de sangue, unidade de ser ou existência; (2) a Comunidade de lugar, vinculada ao solo e à terra; e (3) a Comunidade de espírito, relativa a elementos sagrados e divindades. Temos ainda três gêneros de Comunidades: parentesco, que implica vida comum sob o mesmo teto; vizinhança, relativa à vida em aldeia e com aqueles que habitam nas proximidades; e a amizade, que se dá pelo trabalho ou por afinidade na forma de pensar.

Na Comunidade, predomina a perspectiva coletiva. Os objetivos não estão comprometidos com a vantagem individual, mesmo porque não há distinção clara entre o eu e o outro, todos constituem o mesmo organismo. Isto se dá porque "os valores dirigem a ação pessoal para a coletividade, que, no limite, consiste em uma dimensão ontológica (um ser social), que absorve seus componentes singulares, cuja essencialidade só se dá enquanto referida ao ser coletivo" (MIRANDA, 1995a, p. 64).

A Sociedade, por sua vez, pode ser definida da seguinte forma:

"Em teoria, a sociedade consiste em um grupo humano que vive e habita lado a lado de modo pacífico, como na comunidade, mas, ao contrário desta, seus componentes não estão ligados organicamente, mas organicamente separados. Enquanto na comunidade os homens permanecem essencialmente unidos, a despeito de tudo que os separa, na sociedade eles estão essencialmente separados, apesar de tudo que os une" (TONNIES, 1995, p. 252).

Assim, as relações na Sociedade não provêm de algo que já existia anteriormente, e as ações do indivíduo estão voltadas para si e eventualmente para aqueles com quem ele optou por se associar. Não são próprias deste tipo de agrupamento as atitudes altruístas ou desinteressadas. Perde-se a perspectiva do bem comum, e predomina a expectativa de obtenção de algo que compense a ação. O usufruto dos objetos é necessariamente individual e excludente.

Naquilo que diz respeito ao valor dos objetos, não há necessariamente correspondência com suas utilidades. Na vida em Sociedade, o valor dos artefatos está relacionado à produção e à comercialização. O indivíduo posiciona-se diante dos objetos como produtos, comparáveis entre si com base naquilo que custam. Assim, o dinheiro passa a exercer papel fundamental, uma vez que retira das coisas significados intrínsecos e atribui valores determinados pelas negociações. A divisão do trabalho também cede a esta lógica de perdas e ganhos, e não é mais estabelecida por critérios naturalmente dados. "Os sujeitos escolhem a parte do trabalho que responderá melhor

ao preço outorgado pela sociedade, e que lhe exija a menor quantidade possível de trabalho extra" (TONNIES, 1995, p. 256).

Para Cahnman (1995), a perda dos valores comunitários e a predominância dos elementos da Sociedade estão relacionadas ao surgimento do individualismo enquanto fator de transformação social. O isolamento e o sentimento de diferenciação em relação à coletividade fazem com que o sujeito moderno relacione-se com os outros como meios para determinado fim. Em Sociedade, "todos os meios são corretos quando servem ao fim, mesmo quando estão em contradição com gosto, costumes e consciência" (CAHNMAN, 1995, p. 91). Este sujeito não usufrui do contato com os outros em si, mas foca nos resultados que pode obter.

Este cenário é estimulado pelo surgimento e disseminação do comércio. Na Comunidade não havia a busca pela vantagem e pelo lucro, a sensação de pertencimento ao grupo favorecia atos de reciprocidade. Porém, um mercador não pode guiar-se por sentimentos afetivos, e sim pela racionalidade. Não é responsável pelos outros, apenas por si. "O mercador e o comerciante trazem às relações humanas o elemento revolucionário da reflexão e do cálculo, o que leva do contato ao contrato (acordo), e, enfim, a mudanças abrangentes" (CAHNMAN, 1995, p. 93).

Assim, verificamos o surgimento de um sujeito auto-referenciado, que reivindica sua singularidade e sua separação dos demais. Nestes termos, o indivíduo da modernidade possui uma unidade essencial, identitária, que lhe garante autonomia e diferenciação.

"A negação do ser social, isto é, a sociedade, transfere a condição de ser para o agente individuado. Todavia, este, que não pode realizar-se na comunidade (que é, plenamente, sua negação), não pode também prescindir das ligações comunitárias, necessárias à construção da identidade concreta. Abdicando dessas, para se entender como plenamente individualizado, reduz-se a uma abstração por se encontrar desprovido de qualquer dimensão cognoscível" (MIRANDA, 1995a, p. 69).

No que tange às questões políticas, temos que o Estado passará a exercer função relevante. Com o reforço dos interesses individuais, é importante que o Estado tenha poder para conter ambições pessoais e garantir o funcionamento geral da Sociedade. Uma vez que as relações tornam-se contratuais, e valoriza-se a noção de propriedade privada, é importante que o Estado sancione leis e garanta direitos. Porém, não é possível prever até onde vai a legitimidade deste poder generalizado. "Com uma

coerção completamente artificial, ela (*Gesellschaft*) é capaz de restringir, por um tempo, todas as contradições internas, todas as discordâncias que trabalham dentro da Sociedade, mas mais cedo ou mais tarde, elas acabarão por estourar" (ALDOUS, 1995, p. 117).

Bellebaum (1995) esquematiza as principais características de Comunidade e Sociedade, conforme a tabela 1 a seguir.

Tabela 1: Esquema para as características da Comunidade e da Sociedade

	Formas de Associação	
	Comunidade	Sociedade
1. Modos de união	Wesenwille	Kurwille
Motivação	Afetiva	Objetiva
2. Modelo de	União na separação	Separação na união
relação		
3. Círculo vital	Família – aldeia – cidade	Metrópole – nação –
		Estado-Mundo
4. Normas e controle	União – hábito/costume	Convenção – lei – opinião
	– religião	pública
5. Padrão de	Relações locais -	Relações supralocais –
Intensidade	interação	complexidade
6. Forma de unidade	Orgânica	Mecânica

Fonte: BELLEBAUM (1995, p. 79)

Outro autor a trabalhar com tipos simétricos de padrões sociais é Émile Durkheim, que propõe as solidariedades mecânica e orgânica. Durkheim está inserido em uma linha sociológica positivista, que se preocupou em demarcar com mais clareza os objetos das diversas ciências. Este autor propõe o estudo do reino social (em oposição aos reinos animal e mineral), observando suas características específicas e os métodos mais apropriados.

Para Durkheim, era importante distinguir, dentro da realidade humana, aquilo que pertence ao domínio de sociologia, e não da psicologia, da biologia, dentre outras

ciências. Neste sentido, o autor focou práticas que iam além das triviais, como comer, beber ou dormir. Interessava para Durkheim aquelas práticas que se definem fora do sujeito e de suas ações; e que se definem no direito, nos costumes, na educação, na religião, nos sistemas financeiros e comerciais etc. Todos estes esquemas de conduta exercem sobre os indivíduos forte influência, compelindo-os a agir desta ou daquela maneira. É nestes termos que o autor utiliza a noção de fato social:

"É fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentado uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter" (RODRIGUES, 1984, p. 52).

Para Bellebaum (1995), há forte ligação entre esta noção de Durkheim e a obra de Tönnies: "o que Durkheim denomina fato social para Tönnies deveria ser concebido como formas de vontade social, por exemplo, direito, costume e convenção" (1995, p. 82). De maneira parecida com a de Tönnies, Durkheim também identifica profundas mudanças sociais. Porém, para o último, estas mudanças têm como catalisador fundamental a divisão do trabalho em moldes modernos.

Durkheim (1999) entende que a disseminação do processo de industrialização acarretou uma extrema divisão do trabalho. Este fenômeno não se restringiu aos interiores das fábricas, consistiu mesmo em uma alteração das práticas humanas em diversos domínios. Para além das indústrias, as atividades agrícolas e o comércio reproduziram tal padrão de divisão das tarefas. Também funções coletivas que não têm caráter produtivo foram alcançadas. A filosofia deixou de ser instância científica única, para ramificar-se em uma série de disciplinas especializadas. O mesmo aconteceu nas artes, na política, no judiciário etc.

A própria opinião pública move-se no sentido de legitimar a divisão ostensiva das atividades e dos saberes. Se antes despertavam admiração aqueles que demonstravam vasto conhecimento, sobre um amplo leque de matérias; na modernidade, passaram a ser motivos de desconfiança as habilidades demasiadamente abrangentes e sem um foco claro. Há uma expectativa generalizada pela especialização, pela concentração dos esforços, em nome da racionalização e da eficiência. Para Durkheim:

"Passou o tempo em que o homem perfeito parecia-nos ser aquele que, sabendo interessar-se por tudo sem se dedicar exclusivamente a nada, capaz de provar tudo

e tudo compreender, tinha meios de reunir e condensar nele o que havia de mais requintado na civilização. Hoje, essa cultura geral, tão gabada outrora, só nos causa o efeito de uma disciplina frouxa e relaxada" (DURKHEIM, 1999, p. 5).

A divisão do trabalho nestes termos atende à demanda das instituições modernas, das corporações, organizações e grandes indústrias, que perseguem constantemente maiores índices de produtividade. Para tanto, faz mais sentido que as partes estejam designadas para tarefas as mais específicas possíveis. O próprio indivíduo moderno precisa adequar-se a esta lógica, buscando qualificar-se profissionalmente, para que caiba a ele uma função que agregue ao todo. Weber observa o fortalecimento daquilo que denominamos vocação, na sociedade capitalista:

"O 'racionalismo' é um conceito histórico que encerra um mundo de contradições, e teremos ocasião de investigar de que espírito nasceu essa forma concreta de pensamento e de vida racionais da qual resultaram a idéia de 'vocação profissional' e aquela dedicação de si ao trabalho profissional – tão irracional, como vimos, do ângulo dos interesses pessoais puramente eudemonistas³ –, que foi e continua a ser um dos elementos mais característicos de nossa cultura capitalista" (WEBER, 2004, p.69).

De todo modo, é principalmente à divisão do trabalho que Durkheim credita a passagem de uma solidariedade social mecânica para a orgânica. Antes de nos atermos a estes dois conceitos, é preciso anotar que Durkheim sinalizava para a existência de uma forma de consciência que excedia as nossas consciências individuais, ou seja, pertence a todos. Trata-se do "conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade" (DURKHEIM, 1999, p. 50).

Esta consciência não se verifica em uma única entidade, ela tem natureza difusa e disseminada. As circunstâncias e as condições individuais, que cada um de nós vivencia, não prejudicam a consciência de tipo coletivo. Ela nos excede em larga medida, e é a mesma para todas as gerações, lugares ou profissões. Falamos, assim, de um tipo psíquico, com propriedades e características próprias. Por ação deste tipo de consciência, "não só todos os membros do grupo são individualmente atraídos uns pelos outros, por se assemelharem, mas também são apegados ao que é condição de existência desse tipo coletivo, isto é, a sociedade que formam por sua reunião" (DURKHEIM, 1999, p. 78). Quando esta consciência conjunta tem influência proeminente sobre as

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Partidário do eudemonismo: doutrina que admite ser a felicidade individual ou coletiva o fundamento da conduta humana moral (Dicionário Aurélio, versão eletrônica 3.0, 1999).

nossas ações, priorizamos os objetivos coletivos, em detrimentos das ambições pessoais. Daí surge a primeira forma de solidariedade: a mecânica.

"A primeira (solidariedade) só pode ser forte na medida em que as idéias e as tendências comuns a todos os membros da sociedade superem em número e intensidade as que pertencem pessoalmente a cada um deles. Ela é tanto mais enérgica quanto mais considerável é esse excedente. Ora, o que faz nossa personalidade é o que cada um de nós tem de próprio e de característico, o que nos distingue dos outros. Portanto, essa solidariedade só pode crescer na razão inversa da personalidade" (DURKHEIM, 1999, p. 106).

Esta solidariedade provém das nossas semelhanças, promove a harmonia do todo, fazendo com que nossos movimentos sigam na mesma direção. Ela faz com que cada indivíduo esteja ligado, sem nenhuma intermediação, à sociedade, que devemos entender aqui como um conjunto de crenças e sentimentos comuns. A solidariedade mecânica atinge seu auge quando a consciência de tipo coletivo abrange as consciências de cada um de nós, anulando nossa individualidade. É denominada "mecânica" pela referência de Durkheim à coesão que liga os elementos dos corpos brutos, em oposição ao dinamismo das moléculas dos corpos vivos.

Sobre a segunda forma de solidariedade, encontramos que:

"Bem diverso é o caso da solidariedade produzida pela divisão do trabalho. Enquanto a precedente implica que os indivíduos se assemelham, esta supõe que eles diferem uns dos outros. A primeira só é possível na medida em que a personalidade individual é absorvida na personalidade coletiva; a segunda só é possível se cada um tiver uma esfera própria de ação, por conseguinte, uma personalidade. É necessário, pois, que a consciência coletiva deixe descoberta uma parte da consciência individual, para que nela se estabeleçam essas funções especiais que ela não pode regulamentar; e quanto mais esta região é extensa, mais forte é a coesão que resulta desta solidariedade. De fato, de um lado, cada um depende tanto mais estreitamente da sociedade quanto mais dividido for o trabalho nela e, de outro, a atividade de cada um é tanto mais pessoal quanto mais for especializada" (DURKHEIM, 1999, p. 108).

Neste caso, há interdependência entre as partes que compõe a sociedade, a qual deve ser vista agora como um conjunto de diferentes funções, interligadas por relações definidas. A denominação "orgânica" é devida a analogia de Durkheim entre as funções da sociedade e as dos organismos vivos. Por mais específica que seja a função de uma das partes, ela nunca será totalmente original. De todo modo, aumenta nossa dependência dos outros, que executam tarefas estranhas a nós. De nossa parte, procuramos uma função que nos diferencie cada vez mais. Historicamente, Durkheim (1999) coloca que a solidariedade mecânica vem progressivamente perdendo terreno, enquanto a solidariedade orgânica impõe-se como preponderante.

A contraposição destas solidariedades aponta para uma correspondência bastante clara com a sociologia pura de Tönnies, na medida em que ambas as teorias indicam perda dos valores comunitários clássicos, e maior ênfase sobre interações finalistas e contratuais, bem como sobre um sujeito racionalizado e ego-centrado. Ainda assim, há distinções importantes entre as duas obras. Sobre Durkheim, Miranda afirma que "embora vá se inspirar em Comunidade e Sociedade para construir seu Sobre a Divisão do Trabalho Social, percebe não poder caracterizar em Tönnies o par conceitual, diante das 'formulações dialéticas tão caras aos lógicos alemães'" (MIRANDA, 1995b, p. 55).

Outro autor a descrever um sujeito moderno voltado para si próprio e marcadamente ambicioso é Max Weber. Nesta abordagem, temos que o indivíduo moderno está constantemente preocupado em produzir e lucrar. O objetivo principal é utilizar o tempo de maneira a potencializar os ganhos o máximo possível. Nestes termos, a vida está centralmente voltada a um trabalho que garanta retorno financeiro e dignifique o homem. Esta cultura menospreza aqueles que não ocupam seu tempo de forma produtiva, ou 'vagabundeiam' por boa parte do dia. A acumulação dos bens materiais é um fim por excelência. Para tanto, é necessário que este sujeito ostente valores como ser bom pagador, ser digno de crédito e ter perspicácia nos negócios. Weber (2004) relaciona este estilo de vida com o que ele denomina 'ética protestante' e 'espírito do capitalismo'.

Sobre o protestantismo, o autor chama atenção para uma correspondência estatística entre esta religião e o sucesso nos negócios. De maneira geral, os protestantes eram majoritários entre os proprietários do capital e o empresariado. O mesmo valia para os profissionais mais qualificados, técnica ou comercialmente. Os católicos, por sua vez, eram mais numerosos entre o operariado menos qualificado, nas grandes indústrias modernas.

"Não só nos lugares onda a diferença de confissão religiosa coincide com uma diferença de nacionalidade e, portanto, com um grau distinto de desenvolvimento cultural, como ocorre no Leste da Alemanha entre alemães e poloneses, mas em quase toda parte onde o desenvolvimento do capitalismo [na época de sua expansão] esteve com as mãos livres para redistribuir a população em camadas sociais e profissionais em função de suas necessidades – e quanto mais assim se deu, tanto mais nitidamente esse fenômeno aparece estampado em números na estatística religiosa" (WEBER, 2004, p. 29).

Historicamente, os protestantes vinham de famílias mais abastadas e muitas vezes herdavam bom patrimônio. Além disso, era mais comum entre os praticantes do

protestantismo investir na educação dos filhos, para que galgassem melhores posições profissionais no futuro. Entretanto, Weber (2004) argumenta que esta disparidade na adaptação ao estilo de vida moderno também está relacionada a diferenças puramente religiosas entre estes dois grupos. Ao contrário do católico, que acredita que a salvação está relacionada com boas ações na vida terrena, o protestante entende que a salvação cabe somente a Deus e não pode sofrer interferência das ações do homem neste plano.

Na visão protestante, não há nada na humanidade que possa antecipar os desígnios divinos, nem mesmo a Igreja teria esta capacidade. Daí a passagem de uma prática religiosa coletiva para uma vida religiosa eminentemente individual. Surge, assim, a noção de Predestinação – não são ações terrenas que levarão ou não à salvação, esta será concedida somente por critério divino. Nesta concepção, ser bem afortunado na terra é visto como sinal de que se é predestinado. Com isso, passa-se a valorizar o trabalho e seus frutos. A riqueza pessoal e a acumulação de bens não são mais vistas como apego à materialidade e pouca elevação espiritual; ao contrário, fortuna passou a estar associada a um sinal de salvação.

Esta nova relação com a individualidade, a riqueza e a acumulação, consiste mesmo em uma nova cultura, um novo *ethos* comportamental. Para além de um conjunto de comportamentos ou técnicas a serem reproduzidos, nos defrontamos com uma ética específica, disseminada pelo mundo ocidental, cuja transgressão é vista como algo irracional e até mesmo uma falta para com o dever. É disto que se trata o 'espírito' do capitalismo, definido por Weber como "uma individualidade histórica, isto é, um complexo de conexões que se dão na realidade histórica e que nós encadeamos conceitualmente em um todo, do ponto de vista de sua significação cultural" (2004, p. 41).

Como nas duas abordagens anteriores, de Durkheim e Tönnies, identificamos a transição de um modo de vida que favorecia o grupo, para uma cultura que enfatiza o indivíduo e seus próprios interesses. Isto não significa que estas teorias sejam equivalentes. Ao contrário, elas guardam importantes diferenças. Para Miranda:

"A construção de tipos empíricos (como na sociologia americana), históricos (como em Max Weber) ou lógicos (como em Durkheim) não é o objetivo de Tönnies. Para ele, os tipos constituídos são, antes de mais nada, um recurso metodológico, que permite à ciência social buscar na história os elementos 'naturais' contidos nas formas sociais e, como tais, simultaneamente explicativos e transcendentes à conjuntura" (MIRANDA, 1995b, p. 58).

Ainda assim, podemos observar que a Comunidade, em termos clássicos, vai cedendo espaço para outro padrão de interações. Este conjunto de conexões humanas, que Tönnies associa ao tipo Sociedade, apresenta novas possibilidades e demanda outra atitude do homem moderno. A ordem capitalista, bem como o acelerado crescimento das cidades e de seus contingentes populacionais, implicam uma realidade social sem paralelos históricos.

A este respeito, Simmel (1976) propõe que o sujeito da modernidade tem novos desafios a enfrentar. Se em outro momento, o homem primitivo tinha de confrontar a natureza para sua sobrevivência física, o homem moderno tem de enfrentar as forças sociais, para impor a sua autonomia e individualidade. Na grande cidade, o homem não seria mais subjugado pela natureza. Ao contrário, deveria estabelecer a sua própria natureza. Ao observar a condição psíquica do homem, em ambiente metropolitano, Simmel também aponta para um progressivo individualismo e isolamento. Para este autor, a metrópole oferece um volume de estímulos nervosos que exige de seus habitantes um esforço mental inédito.

Na vida em aldeia, a convivência estava restrita a um grupo pequeno. As experiências eram vivenciadas de maneira mais marcante e podiam ser melhor diferenciadas. Os momentos e as impressões que afetavam a mente deste homem prémoderno eram mais duradouros e exigiam menor esforço psicológico. O cenário metropolitano é bastante distinto:

"A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível — enquanto oposição à vida de pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais" (SIMMEL, 1976, p. 14).

Este dinamismo econômico e social da metrópole faz com que o indivíduo construa uma espécie de mecanismo de defesa psíquico. O volume de estímulos é tão intenso que este indivíduo precisa tornar-se mais intelectualizado, para reter as mensagens em uma camada mais superficial da mente, e melhor discerni-las. Diante da multiplicidade de fenômenos, o intelecto evita maiores choques ou conflitos interiores. Desta maneira, o homem metropolitano "reage com a cabeça, ao invés de com o coração" (SIMMEL, 1976, p. 15).

Seria mesmo inviável que este sujeito mantivesse a mesma atitude mental de antes, uma vez que, não apenas o menor volume de estímulos, mas também o menor número de pessoas no círculo de convivência, permitia a formação de vínculos emocionais mais profundos, ou seja, era possível 'agir com o coração'. Já a metrópole, do ponto de vista de um padrão comportamental predominante, favorece um processo de racionalização, que acaba por levar ao isolamento.

Simmel propõe compreender esta indiferença do homem moderno para com o seu entorno social com a noção de comportamento *blasé*.

"Não há talvez fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente reservado à metrópole quanto a atitude *blasé*. A atitude *blasé* resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compreensão concentrada, são impostos aos nervos. Disto também parece originalmente jorrar a intensificação da intelectualidade metropolitana. Portanto, as pessoas estúpidas, que não têm existência intelectual, não são exatamente *blasé*" (SIMMEL, 1976, p. 18).

Desta forma, na metrópole somos compelidos a não reagir de maneira intensa aos novos estímulos. Tudo se torna homogeneizado, mesmo os objetos não são percebidos pelas suas próprias qualidades, mas são apreciados por quanto valem, em dinheiro. De fato, o dinheiro é um exemplo latente de uma universalização dos valores. Todas as coisas são comparáveis entre si, e podem ser hierarquizadas com base em quanto custam. Assim, os objetos oferecidos ao homem metropolitano assumem caráter uniforme e plano. Mais uma vez, verificamos que a lógica capitalista desempenha papel importante na construção do sujeito racional e isolado.

Não devemos entender que esta indiferença generalizada para com seu entorno implique ausência de pares para interagir. Em Simmel (1972), a condição do isolamento consiste numa associação, ainda que negativa. Para este autor, a formação sociológica mais simples é a díade, ou seja, aquela que se dá entre dois elementos. Logo, até mesmo o sujeito isolado está inserido em um conjunto de conexões, ainda que indiretas. Verifica-se, de todo modo, desinteresse pela troca social. Podemos considerar o isolamento como um efeito da distância social ou ainda um intencional voltar as costas à socialização.

Portanto, temos que, em termos clássicos, a Comunidade é pensada por meio de vínculos profundos, fortemente afetivos e duradouros. Nestes termos, predominaria uma consciência coletiva, que faz com que os indivíduos ponham os objetivos do grupo

acima dos pessoais. Porém, segundo as abordagens teóricas visitadas até então, percebese que estes traços sociais perderam-se no tempo, e a sociedade moderna foi cada vez mais fortalecendo a individualização, em detrimento do sentimento de grupo. A este respeito, Palacios (1995) coloca que:

"A Sociologia Clássica, produto típico desse momento de consolidação da Modernidade, conquanto tenha na Comunidade um de seus eixos centrais, vai estruturar o debate em termos de contraposição, ou seja, caracterizando o presente como constituído pelo avanço de uma forma de organização (a Sociedade Complexa), às expensas de uma outra, que vai se tornando mais e mais residual (a Comunidade). Venha ou não temperado por um romântico anticapitalismo, ou por elementos nostálgicos de uma suposta Idade de Ouro perdida, tal posicionamento é evidente, seja nas abordagens sociológicas de cunho tipológico (Tönnies, Weber), seja naquelas de cunho metodológico (Durkheim)" (PALACIOS, 1995, p. 89).

Este autor propõe ainda critérios para definir uma Comunidade moderna. Para tanto, destaca seis elementos que devem estar presentes em um modelo ideal de Comunidade na modernidade. Primeiramente, seria necessário observar a questão do *pertencimento*, ou seja, um sentimento de ligação. Por exemplo, os membros de um movimento que reivindique causas dos negros só formariam uma Comunidade se sentirem que pertencem ao grupo. Em segundo lugar, tal sensação de pertencimento deve conduzir a uma atitude cooperativa da Comunidade que, em última instância, consistiria em um *projeto comum*.

Além destas, outras características são essenciais para pensar a Comunidade moderna: "a permanência (em contraposição à efemeridade), a territorialidade (sejam tais territórios reais ou simbólicos) e a existência de uma forma própria de comunicação entre seus membros (murais, boletins, jornais, serviços de alto-falantes, rádios etc.)" (PALACIOS, 1995, p. 92). O conjunto destas características permitiria o surgimento de mais uma, qual seja: a institucionalização. Com o decorrer do tempo, a Comunidade tenderia a estabilizar-se e consolidar-se, "com uma organização visível, hierarquia formal, delegação de responsabilidades e poderes, personalidade jurídica etc." (PALACIOS, 1995, p. 92).

No próximo item desta dissertação, trataremos de autores cujas abordagens contrapõem-se às visões já apresentadas. Algumas destas abordagens são consideradas como tipicamente pós-modernas, outras contribuem para repensar muitos dos postulados sociológicos clássicos.

#### 1.2. Comunidade nos Termos Contemporâneos

Apesar de a maior parte de sua obra datar do final do século XIX, Gabriel Tarde representa uma importante inflexão teórica no debate sobre as práticas sociais. Este autor foi contemporâneo de Tönnies e Durkheim, mas sua concepção e metodologia sociológicas divergem destes outros autores em pontos importantes. Em Tarde, temos que o advento da modernidade não conduz necessariamente ao processo de individualização progressiva. Nesta abordagem, os movimentos coletivos continuam a desempenhar papel central na vida dos sujeitos, e as tecnologias midiáticas favorecem o surgimento de uma convergência espiritual.

Para Tarde (2005), os indivíduos não criam ou inventam por si mesmos as suas opiniões e idéias. Ao contrário, nós apenas descobrimos, ou trazemos à luz, boa parte do que pensamos ou sentimos. Este processo de descoberta consiste mesmo em um 'cruzamento feliz', que ocorre em um cérebro inteligente coletivo. Assim, encontramos nossos gostos, opiniões e idéias por meio de fluxos sociais, dos quais somos apenas um dos inúmeros componentes. Devemos nos adequar a este organismo que nos excede em larga medida. Verificamos assim clara contraposição com o corpo social marcado pelo isolamento e autonomia, das abordagens anteriores.

Para Gabriel Tarde (2005), é com a consolidação dos meios de comunicação que os indivíduos podem constituir um grupo com idéias similares, ou seja, um público. Ao contrário da multidão, que se reunia compartilhando o mesmo espaço físico, os públicos podem convergir espiritualmente ainda que à distância, desde que tenham acesso aos mesmos conteúdos. É a imprensa que permite esta comunhão de convicções e paixões em correntes de pensamento compostas por leitores que podem nunca ter tido qualquer contato.

"Não é em reuniões de homens nas ruas ou na praça pública que têm origem e se desenvolvem esses rios sociais, esses grandes arrebatamentos que hoje tomam de assalto os corações mais firmes, as razões mais resistentes e fazem os parlamentos ou os governos lhes consagrarem leis ou decretos. Coisa estranha, os homens que assim se empolgam, que se sugestionam mutuamente, ou melhor, que transmitem uns aos outros a sugestão vinda de cima, esses homens não se tocam, não se vêem nem se ouvem: estão sentados em sua casa, lendo o mesmo jornal e dispersos num vasto território" (TARDE, 2005, p. 06).

Nesta perspectiva, graças às leituras cotidianas dos jornais, temos fluxos sociais que constroem uma identificação coletiva marcada pela simultaneidade de opiniões, de tendências e de pensamentos. Neste processo, tanto os leitores podem buscar as publicações que melhor refletem suas visões, como os jornais também podem almejar

um público em específico. Ambos os pólos desta comunicação procuram adequar-se um ao outro ao longo do tempo. Naturalmente, o sujeito poderá compor mais de um público, a depender do objeto em questão. De sua parte, o público é indefinidamente extensível.

De toda forma, é preciso considerar que o público representa uma evolução naquilo que diz respeito às aproximações entre os indivíduos. Aqui, os sujeitos não se harmonizam pela articulação racional de suas diferenças ou especialidades reciprocamente úteis. Por outro lado, as eventuais similaridades não são naturalmente dadas, como por vínculo sanguíneo ou em interações restritas a uma pequena aldeia. Os integrantes do público são concernidos por aquilo que comungam em um plano simbólico, das idéias e das paixões.

Para além das leituras dos jornais, a descoberta da opinião pelo sujeito também passa por aquilo que Tarde denomina conversação. Este fator é mais antigo, contínuo e universalizado na formação dos públicos. Trata-se de uma influência invisível, mas muito poderosa e amplamente disseminada, ainda que com desníveis.

"Por conversação entendo todo diálogo sem utilidade direta e imediata, em que se fala sobretudo por falar, por prazer, por distração, por polidez. Essa definição exclui de nosso tema tanto os interrogatórios judiciários como as negociações diplomáticas ou comerciais, os concílios e até mesmo os congressos científicos, embora se caracterizem por muito falatório supérfluo. Ela não exclui o flerte mundano nem as conversas amorosas em geral, apesar da transparência freqüente de seu objetivo que não as impede de serem agradáveis por si mesmas" (TARDE, 2005, p. 76).

Na conversação, os homens podem exercer influência mútua com profundidade devido à atenção que concedem um ao outro. Este efeito é fundamental para a disseminação dos sentimentos e dos comportamentos. Os grandes líderes e os discursos para multidões são menos influentes, por causa da intenção declarada de persuadir. Já na conversação os interlocutores agem diretamente uns sobre os outros. Sinais emitidos pelas expressões, gestos, olhares, voz etc. potencializam o poder de influência da conversação.

Nesta abordagem, nota-se que a sociedade é compreendida como um conjunto de pessoas em permanente contato, travando constantes trocas. A ênfase está nas relações e associações que os indivíduos podem construir em seus contextos. As conversações são emancipadas e constituem aquilo que Tarde (2005) denomina "círculo mágico" – um processo em permanente expansão de união entre pessoas. O papel da imprensa, ainda que importante, é relativizado diante da força destas interações diretas

entre os humanos. Talvez, caiba aos meios de comunicação mais pautar e agendar aquilo que será apropriado pelas pessoas, de maneira sempre imponderável.

Esta abordagem traz uma inflexão importante na medida em que mantém, na sociedade moderna, o foco no grupo, cujo estado final é o público. Tarde observa uma atração, de cunho espiritual, em torno de temas políticos, religiosos, econômicos, culturais etc. Não há, aqui, indiferença ou desinteresse pelos cursos sociais. Para além de um sujeito único e circunscrito, percebe-se a ascendência de uma exterioridade misteriosa, para a qual o indivíduo é apenas um mediador. Em Tarde, não há natureza humana que deve ser confrontada ou imposta ao social, há apenas natureza social, a natureza que transcende e atravessa todos os indivíduos.

Outro autor a desconstruir a idéia de um sujeito individualizado é o sociólogo francês Michel Maffesoli. Este autor identifica que a problemática do individualismo está presente em boa parte dos estudos de natureza psicológica, histórica, sociológica ou política, constituindo item indispensável para compreensão da modernidade. Porém, Maffesoli adota postura fortemente crítica diante do sujeito individualizado, uma vez que observa no corpo social configurações não compatíveis com o isolamento e o egocentrismo.

"O teatro de Beckett nos mostra o caminho, destruindo a ilusão de um indivíduo senhor de si mesmo e de sua história. De maneira extramodo e um tanto quanto premonitória, ele aponta a contingência, o aspecto efêmero de todo individualismo, sublinhando, igualmente, a facticidade do processo de individuação e o fato de que ele conduz a um encarceramento. O individualismo é um *bunker* obsoleto, e como tal merece ser abandonado" (MAFFESOLI, 2006, p.36).

Para Maffesoli, é mais apropriado falar na "persona", no lugar do indivíduo. A noção de persona faz referência às máscaras que podem ser manuseadas, a partir das diversas situações, ou cenas, pelas quais transitamos na vida social. Nesta concepção, temos um sujeito fragmentado, desvinculado de uma essência ou personalidade fixa, racional e acabada. Este sujeito é eminentemente relacional, afeito à comunicação com seus pares e com tendência comunitária. "Com efeito, enquanto a lógica individualista se apóia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa (persona) só existe na relação com o outro" (MAFFESOLI, 2006, p. 37).

O próprio conceito de identidade passa a fazer menos sentido nesta perspectiva sociológica. O sujeito contemporâneo é norteado por diversas, e muitas vezes contraditórias, identificações. Isto significa que somos concernidos por diversas imagens, símbolos, estilos, conceitos, que não necessariamente guardam coerência entre

si. As identificações são erráticas e imprevisíveis, por isso revelam o que possuímos de mais plural. De todo modo, elas favorecem as práticas gregárias, uma vez que nos juntamos com aqueles que compartilham os mesmos sentimentos. Na visão deste autor, a identidade é individualista por excelência, enquanto as identificações são coletivas, gregárias e mais apropriadas para compreender a contemporaneidade.

Encontramos concepção similar em Esposito (2007), uma vez que este autor questiona o postulado moderno do individualismo, e percebe um sujeito que se expõe a uma tendência que força os limites individuais, encara o que está fora e valoriza o que é exterior. Este sujeito estaria vinculado a uma Comunidade caracterizada não pela soma de indivíduos, não pelo "mais", e sim pelo "menos", pela ausência de subjetividade, de identidade, de propriedade. Aqui, a Comunidade não é tida por um ente, um sujeito coletivo ou mesmo um conjunto de sujeitos; é mesmo a relação, o limiar, o ponto de encontro, e a busca pelo compartilhamento e o pertencimento. Assim, o ser da Comunidade é descentrado, perde a si mesmo e afasta-se do individualismo.

"É a comunidade, ou melhor, as comunidades particulares, onde se despedaça o arquétipo tönnesiano, que sucede à sociedade moderna, em uma fase marcada pela crise do paradigma estatal e pela difusão do conflito multicultural. Nesse caso, a comunidade não é mais entendida como um fenômeno residual no que diz respeito às formas socioculturais adotadas pela modernidade, e sim como uma réplica à insuficiência do seu modelo individualístico-universalista: é a mesma sociedade dos indivíduos, já destruidora da antiga comunidade orgânica, que agora gera novas formas comunitárias como reação póstuma à própria entropia interna" (ESPOSITO, 2007, p. 16).

De fato, os moldes dicotômicos elaborados pelo Iluminismo reservaram ao sujeito moderno um lugar restritivo, unidimensional, artificialmente coerente e oposto ao mundo natural. Este sujeito encontrava suas respostas no paradigma científico, e em função dele estavam todas as outras coisas do mundo. Mas, ainda na compreensão sociológica maffesoliana, é chegado o momento em que o mundo natural reivindica seu protagonismo, e um novo sujeito precisa adotar nova postura. Para adequar-se a esta arquitetura social, a persona contemporânea precisaria integrar-se como uma das partes do todo, numa relação menos dialética e mais de simbiose.

"Em suma, por participar do mundo natural, o dos objetos, comungo com o outro, o 'eu' cede lugar ao 'nós', a distinção inverte-se em viscosidade, a crítica do mundo como ele é se torna a afirmação da existência e, enfim, o ativismo tende a deslizar para a impassibilidade. Tudo isso caracteriza, entre outras coisas, o ar do tempo, em que o indivíduo, na sua identidade, sexo, ideologia, profissão, relações institucionais (familiares, conjugais, partidárias), não tem mais a certeza de antes, mas tenta buscar refúgio nos grupos restritos, nichos de segurança não mais concedida pela identidade" (MAFFESOLI, 1997, p. 198).

Ao propor a passagem da lógica do eu para a lógica da comunhão, Maffesoli (1996) utiliza a noção de 'ética da estética'. Tradicionalmente, entende-se por 'estética' o ramo da filosofia que estuda as percepções das obras de arte. Sendo que, nesta abordagem, as obras de arte não pertencem a uma esfera cultural superior, comumente classificada como erudita. Maffesoli redimensiona este conceito para uma escala muito mais ampla. A estética estaria presente nas mais triviais formas de interação. Isto porque mesmo as situações cotidianas conteriam um vitalismo social poderoso, que é vetor de criação e reflete a heterogeneidade dos valores.

"A potência coletiva cria uma obra de arte: a vida social em seu todo, e em suas diversas modalidades. É, portanto, a partir de uma arte generalizada que se pode compreender a estética como faculdade de sentir em comum. Ao fazer isso, retomo a concepção que Kant dava à *aisthesis*: a ênfase sendo dada menos sobre o objeto artístico como tal, que sobre o *processo* que me faz admirar esse objeto" (MAFFESOLI, 1996, p. 28).

Partindo da mesma proposição kantiana, Vattimo (2007) pontua que o valor estético depende de um sentimento de partilha ilimitado que experimentamos diante do belo. Assim, poderíamos identificar a experiência do belo como uma experiência comunitária, que não se associa à experiência da descoberta científica ou da afinidade moral, mas que consiste em um sentir-se bem com o próximo na contemplação ou apreciação de objetos — não necessariamente na condição de úteis ou bons, mas primordialmente na condição de belos. Com isso, podemos pensar a experiência estética como "participação em um jogo ou em um rito coletivo, no qual prevalece o pertencimento dos jogadores ao jogo, mais que um juízo sobre um objeto ou ainda sobre alguma coisa de exterior aos jogadores" (VATTIMO, 2007, p. 66).

Este autor aponta uma tendência para a construção da Comunidade, eventualmente com o prejuízo do valor das obras individuais. Assim, teríamos o ressurgimento da arte como evento coletivo, numa época que parecia anunciar sua morte, com a reprodutibilidade técnica das obras. Vattimo (2007) reporta-se ainda à importância de reconhecermos enquanto experiências estéticas autênticas manifestações grupais como concertos de rock, reuniões de jovens em discotecas, ou mesmo os momentos mais musicais e heterodoxos das missas nas igrejas. Estes contextos são marcados pela ligação com o grupo, pela valorização do presente e pela afinidade. Em suas palavras, o autor argumenta que:

"Na perspectiva apresenta aqui, a fruição estética dessas obras-não-obras tem, sim, a ver com uma conciliação, não porém só como futura, mas como vivida no

momento, ainda que só ideal, da partilha de uma condição humana e de um gosto que nos unem a um mundo concreto dos nossos contemporâneos, na alegria, na tristeza, ou ainda só na esperança da realização de uma promessa" (VATTIMO, 2007, p. 66).

Diante destas mudanças tão importantes, Maffesoli (1996) propõe ainda outro tipo de socialização, cuja ênfase está nas ligações sociais em um nível micro, efêmeras, banais, mas que constituem espécies de 'neotribos'. O autor contrapõe-se à proposta moderna de um projeto coletivo universal e desenvolvimentista, para se voltar ao entendimento da socialização que privilegia acontecimentos menores, relativos aos agrupamentos com que cada indivíduo tem contato no contexto em que está inserido. Os diferentes estilos de vida passam a desempenhar um importante papel, na medida em que é necessário observar o sujeito na sua relação com o outro e as tribos pelas quais ele transita. Na compreensão maffesoliana:

"Pode-se dizer que se trata de uma socialização que é, talvez, especifica, mas que não deixa de apresentar todas as características de socialização: a de integrar num conjunto e de transcender o indivíduo. Acontece que, para isso, a tônica é colocada mais na sensação coletiva que num projeto racional comum. Mas o resultado não é diferente: fazer participar desse corpo geral, de um corpo social" (1996, p.41).

Surge, desta maneira, o estar-junto antropológico, cuja ênfase está no todo em relação aos seus vários componentes. Esta nova conjuntura é contaminada por uma dimensão estética, em que predominaria a experimentação de emoções, paixões comuns, nos diversos domínios do corpo social. É possível falar em um "enfoque no sentido não-individual de se estar junto em atividades comuns, espontâneas, que se dão fora dos interstícios dos campos institucionais; há uma ênfase na sensualidade comum em estar com os outros em uma sociabilidade frívola, lúdica" (FEATHERSTONE, 1997, p. 83).

Neste contexto sociológico, a figura da Comunidade exerce papel essencial. Os sujeitos tornam-se componentes que adquirem sentido quando se encontram, formando o todo. Na presente abordagem, tal sinergia coletiva caracteriza nossa época, definindo padrões de interação que apresentam traços religiosos, ou seja, de re-ligação de uns com os outros, uma permanente busca pela alteridade. Este elemento religioso é constatado mesmo em ambientes inusitados ou profanos: na música, no entretenimento, nos esportes, na política. São todos domínios invadidos pela lógica da comunhão.

"O ressurgimento da atração social (P. Tacussel) é certamente o testemunho mais forte da dimensão antropológica da comunidade. O fato de que, apesar de todos os esforços da modernidade, assiste-se ao retorno do transe e da possessão coletiva é

um signo indiscutível da animalidade política, no sentido passional do termo, do homem" (MAFFESOLI, 1997, p. 205).

Temos nesta abordagem teórica uma espécie de viscosidade social, um conexionismo generalizado que faz com que as pessoas reúnam-se em diversas oportunidades. A idéia não é produzir resultados ou buscar fins pré-estabelecidos. A tônica desta atração está principalmente no prazer de compartilhar experiências. É a busca pelo outro, pela coletividade que move o sujeito que pode ser denominado pósmoderno. A figura social vista agora é visivelmente divergente daquela que predominou na modernidade. "Ao fim desse panorama sobre as diferentes facetas do estar-junto comunitário, pode-se, sob a forma de pistas de reflexão, mostrar, de uma parte, que este é atravessado pela dimensão estética e, de outra, que essa dimensão ganha especial relevo em nossos dias" (MAFFESOLI, 1997, p. 243).

Um exemplo que nos ajuda a compreender este movimento sociológico contemporâneo é o que se dá no âmbito da política. Na perspectiva maffesoliana, haveria um grave descompasso entre os discursos oficiais, institucionalizados e a vida coletiva popular. Aqueles que concentram poder (político, econômico ou simbólico) e ocupam os espaços de tomada de decisão passariam a carecer de legitimidade social. As demandas populares, elaboradas de modos progressivamente mais complexos e heterogêneos, provocariam a falência da própria ação política, e muitas vezes conseguiriam encontrar saídas que driblam as instâncias decisórias. Ainda que os mecanismos políticos e burocráticos permaneçam em inúmeras esferas da vida cotidiana, estes exercem uma função cada vez mais protocolar e apontam para um esvaziamento de sentido social.

"É importante ver em que a sabedoria mortífera de nossos dinossauros modernos deixa de estar em sintonia com aqueles que dizem sim à vida; sim, apesar de tudo, à vida! Pois é disso que se trata: da extraordinária defasagem das elites intelectuais e políticas em relação às coisas da vida. De sua incompreensão de uma vitalidade que lhes escapa. De sua ignorância do víride próprio da vida cotidiana" (MAFFESOLI, 2009, p. 18).

Esta conjuntura atual levaria a novas formas de debate político e de agregações em torno desta temática. O que se verifica, nesta perspectiva, é a passagem de uma forma política – abstrata, distante, racionalizada e tecnicista – para formas de política mais desprendidas, vinculadas a expressões cotidianas, mais próximas do sujeito, relacionáveis e orgânicas. É a partir deste cenário que Maffesoli propõe então a

transfiguração do político, ou seja, uma transfiguração político-social que nos remete a um ambiente marcadamente diferente daquele que predominou na modernidade:

"À maneira de uma fusão em cadeia, a transfiguração opera-se quando uma imagem se apóia sobre uma figura existente para tornar-se outra coisa. No caso, por conter elementos comunitários a política pode transformar-se em figura alternativa. Ou, ainda, o 'contrato social', o consenso político e outras formas de projeto de sociedade repousam sobre essa propensão a associar-se que delimitou, em todos os tempos e lugares, a ordem societal" (MAFFESOLI, 1997, p. 229).

Os encaminhamentos políticos atuais não seriam mais ou menos eficazes do que os antigos, porque a própria lógica destes movimentos não se caracteriza pelo velho produtivismo objetivo, nem pelo finalismo. Ao contrário, eles devem ser observados em suas propostas presenteístas de interesse pelo que está próximo. Trata menos do engajamento responsável em um projeto formal, construído sobre formulações abstratas; e mais de uma valorização do emocional, em uma perspectiva hedonista, na qual o prazer está no compartilhamento das experiências, um "instante eterno" mais importante do que o objetivo final. "A transfiguração do político completa-se quando a ambiência emocional toma o lugar da argumentação ou quando o sentimento substitui a convicção" (MAFFESOLI, 1997, p. 147).

Especialmente neste aspecto do reforço do elemento emocional, observamos que as formulações maffesolianas guardam correlação com o conceito de Comunidade de Max Weber. Segundo este último autor, a Comunidade consiste em um sentimento solidário e depende mais de ligações emocionais do que das interações efetivas entre os sujeitos. Nesta abordagem, as ações comunitárias não são movidas por interesses ou juízos racionais. Para Weber (2002), podemos considerar uma relação social como Comunidade "na medida em que a orientação da ação social – seja no caso individual, na média ou no tipo ideal – baseia-se em um sentimento de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes" (2002, p. 71).

Neste sentido, Weber, cuja obra é anterior em várias décadas, antecede Maffesoli ao considerar como elemento fundamental para a Comunidade o vínculo emocional e afetivo. Nesta perspectiva, a Comunidade diz respeito a sentimentos como os de irmandade espiritual, lealdade pessoal ou mesmo relacionamentos eróticos. Outro elemento importante para entender esta definição das relações comunitárias é a tradição, como nos casos da identidade nacional ou do companheirismo militar. Assim, a acepção de Comunidade em Weber (2002) é diametral ao conceito de luta. A princípio predomina a harmonia, ainda que não seja possível descartar os elementos de

submissão, coerção e seleção, mesmo nas relações comunitárias mais íntimas. De todo modo, temos que:

"Toda relação social que vai além da busca de fins comuns imediatamente atingíveis envolve um grau relativo de permanência entre as mesmas pessoas e tais relações não podem ser limitadas a atividades de uma natureza puramente técnica. Uma tal tendência pode ser observada no caso de uma sociedade dentro da mesma unidade militar ou na mesma classe na escola, ou no mesmo escritório ou loja, embora a intensidade das afeições desenvolvidas varie consideravelmente" (WEBER, 2002, p. 72)

No item anterior desta dissertação, vimos que Palacios (1995) pontua elementos chaves para a definição de Comunidade nos termos clássicos. Partindo da sociologia maffesoliana e de noções de Anthony Giddens, este autor propõe características fundamentais também para o conceito de Comunidade contemporânea. Para Giddens, a modernidade se tornará um lugar fantasmagórico:

"O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros "ausentes", localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza" (GIDDENS, 1991, p. 22).

Nesta perspectiva, o sentimento de pertencimento – essencialmente ligado ao conceito de Comunidade – desencaixa-se da localização, pois é possível pertencer à distância. Por sua vez, a territorialidade precisa ser compreendida não somente em termos geográficos, mas também em termos simbólicos ou não-físicos. É preciso ressaltar que estes traços sociais não são inaugurados na contemporaneidade, já existiam na época moderna, e são apenas tendências salientadas nos dias atuais.

Assim, a Comunidade contemporânea, na definição de Palacios, mantém as características de pertencimento, ainda que à distância, e territorialidade, ainda que simbólica. Estas duas primeiras características definem Comunidades de qualquer espécie, segundo o autor. A terceira característica, de permanência, agora apresenta forma diferenciada, visto que os agrupamentos pós-modernos possuem temporalidade própria, tendem a ser efêmeros e esgotam-se em sua própria ação.

"A múltipla inscrição dos indivíduos em agrupamentos, as atrações e repulsões, a quotidianidade e o imediatismo (presenteísmo) fazem com que, certamente, a idéia de permanência passe a ter, na Contemporaneidade, uma acepção muito distinta desse mesmo elemento quanto remetido à caracterização da Comunidade em sua acepção moderna" (PALACIOS, 1995, p. 101).

A quarta característica, projeto comum, também precisa ser repensada, no que tange as novas Comunidades, pois a idéia projetista é eminentemente moderna. De fato, a pós-modernidade caracteriza-se pela crise das meta-narrativas e das instâncias discursivas centralizadoras. Ainda que, de alguma forma, práticas comunitárias atuais possam apresentar determinado vínculo com projetos de longo prazo e voltados à sociedade como um todo, observa-se aqui a valorização de novos contornos para a experiência comunitária. Isto porque tal vínculo com grandes projetos, quando houver, poderá ser dado em um contexto mais informal, despretensioso, pontual e de objetivos menos rígidos.

Quanto ao quinto elemento, as formas próprias de comunicação, é preciso redefini-lo. Tais processos comunicativos próprios não estariam mais restritos a jornais, murais ou rádios comunitárias — as redes eletrônicas também podem constituir-se enquanto o meio de comunicação e a própria condição de existência dos agrupamentos. Finalmente, diferentemente das Comunidades clássicas, nas Comunidades contemporâneas, o caráter instituinte passa a ter predominância sobre o caráter instituído (PALACIOS, 1995).

Desta maneira, poderíamos construir a seguinte tabela para os diferentes conceitos de Comunidade, em Palacios:

Tabela 2: Comunidades Moderna e Contemporânea

Comunidade Moderna	Comunidade Contemporânea		
Sentimento de Pertencimento	Sentimento de Pertencimento		
Territorialidade (simbólica ou	Territorialidade (simbólica ou		
geográfica) definida	geográfica) definida		
Permanência	Efemeridade		
Necessidade de Projeto Comum	Sem necessidade de Projeto		
	Comum		
Formas próprias de comunicação	Formas próprias de comunicação		
	(redefinidas como redes		
	eletrônicas)		
Tendência à institucionalização	Predominância do caráter		
	instituinte sobre o instituído		

Fonte: PALACIOS (1995)

Portanto, temos aqui um conceito de Comunidade marcadamente contrário àquele verificado nas abordagens clássicas. Não tratamos mais de práticas comunitárias que se restringem à família e aos vizinhos, com vínculos emocionais fortes e permanentes. Tampouco nos reportamos a uma consciência coletiva que abrange toda a sociedade e que subjuga qualquer individualidade. O estilo de vida individualista e do isolamento claramente não tem lugar nas abordagens associadas à contemporaneidade.

Verificamos aqui agrupamentos efêmeros, hedonistas, porém possuidores de forte vitalismo social e que conseguiriam descrever com precisão a vida coletiva em nossa época. Em termos contemporâneos, a Comunidade não foi diluída, mas resistiu à modernidade, só que com outra lógica. Não é que o indivíduo precisaria anular suas características, em nome da sociedade como um todo, mas sim que estas características próprias, por multifacetadas e contraditórias que são, fazem com que o indivíduo identifique-se com diferentes grupos (ou tribos), em uma experiência estética, descomprometida e fortemente gregária.

No próximo item, propomos pontuar abordagens teóricas que esclareçam em que moldes acontecem as práticas comunitárias na internet. Ao mesmo tempo, buscaremos possíveis conceitos para Comunidades Virtuais<sup>4</sup>, destacando quais elementos estão associados a este tipo de atividade.

### 1.3 Comunidade Virtual

Sobre as práticas comunitárias em ambiência online, Maffesoli (1997) reconhece que a forma de socialização contemporânea a qual se refere encontra nas ferramentas digitais aliadas poderosas. O autor esclarece que as interações do estar-junto comunitário não necessariamente dependem da co-presença física, e podem constituir uma *cosa mentale*, ou seja, "um imaginário que me une a outros de maneira um pouco misteriosa, mas não menos real" (1997, p. 244). Uma vez prescindindo da co-presença física, a valorização do prazer compartilhado torna-se um fenômeno que também pode se dar mediado pelas novas tecnologias:

"Neste sentido, por mais paradoxal que isso pareça, pode-se estabelecer uma estreita ligação entre o desenvolvimento tecnológico e a amplificação da estética. A técnica que fora o elemento essencial da reificação, da separação, inverte-se e favorece uma espécie de tatilidade, uma experiência comum. Essa experiência da

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Ao longo desta pesquisa, serão os utilizados os termos "comunidade virtual" e "comunidade online" de maneira indistinta. Em ambos os momentos, estaremos nos reportando ao mesmo fenômeno sociológico, ao qual propomos referências teóricas e análise de casos.

ligação ou da tribo (*Bunderlebins*) que os românticos alemães tinham, marginalmente, vivido com a natureza, tornou-se por capilarizações sucessivas um fato social de conseqüências ainda desconhecidas" (MAFFESOLI, 1997, p. 244).

Partindo da sociologia maffesoliana, André Lemos propõe a noção de cibersocialidade, que é "a sinergia entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias do ciberespaço" (LEMOS, 2004, p. 81). Isto implica que as tecnologias digitais podem favorecer as práticas convivais e comunitárias. Para Lemos, todos estes traços sociológicos contemporâneos – tribalismo, ética da estética, vitalismo – podem nos ajudar a compreender a cibercultura e isto que denomina cibersocialidade. O autor está especialmente interessado na interseção entre as novas tecnologias e as interações pós-modernas, que conduzem à cibercultura. "Ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, elas (as tecnologias) vão agir como vetores potencializadores dessas situações, da socialidade" (LEMOS, 2004, p. 84).

Por sua vez, o filósofo francês Pierre Lévy trabalha com a compreensão de que um conjunto de mudanças na sociedade não pode ser atribuído unicamente a um fenômeno técnico. As tecnologias estão associadas a grandes alterações, uma vez que são apropriadas pelos sujeitos, ou seja, também deve haver demanda social pelo instrumento técnico para que ele promova desdobramentos por toda a sociedade. Para o autor, isto se deu com o desenvolvimento da indústria automobilística no século XX – que satisfez uma busca dos sujeitos por autonomia e potência – e também se dá, em nossa época, com o ciberespaço, que representa um desejo coletivo por reciprocidade e inteligência coletiva (LÉVY, 1999).

Este autor também destaca no ciberespaço, para além de seus elementos técnicos e estruturais, sua propriedade de promover relações entre as pessoas. Se, em outro momento, os correios estiveram associados a uma cultura de manifestação e circulação das idéias, e de livre comunicação entre os indivíduos; hoje, o ciberespaço favorece uma interação "recíproca, comunitária e intercomunitária" (LEVY, 1999, p. 126), em que cada ser humano pode participar e contribuir.

Nesta abordagem, as tecnologias digitais são pensadas em termos gregários e socializantes. O próprio desenvolvimento do ciberespaço teria sido marcado pela tendência de conexão entre sujeitos, tendo como horizonte que cada ponto da rede esteja apto a receber informações, proporcionando uma comunicação universalizada. "Uma das idéias, ou talvez, devêssemos dizer, uma das pulsões mais fortes na origem do

ciberespaço é a da interconexão. Para a cibercultura, a conexão é sempre preferível ao isolamento. A conexão é um bem em si" (LÉVY, 1999, p. 127).

Podemos compreender o ciberespaço como um espaço simbólico, em que se encontram os espaços físico-analógico e o digital, uma interface entre a estrutura das máquinas computacionais e o inesgotável volume de informações e conteúdos produzidos pelos humanos. Porém, uma das formas de compreendermos a relevância do ciberespaço para os estudos sociológicos e antropológicos diz respeito a sua propriedade gregária, no fato de potencializar ou canalizar a efervescência social contemporânea. Segundo Lemos (2004), esta seria a ambiência adequada para detectarmos o 'reencantamento da tecnologia', que permite um conjunto de experiências coletivas quotidianas marcadas pelo lúdico, pelo espetacular e pelo sensual.

"Este (o ciberespaço), enquanto forma técnica é, ao mesmo tempo, limite e potencial de uma estrutura social de conexões tácteis, que são as comunidades virtuais eletrônicas (*chats*, MUDs e outras agregações eletrônicas). Em um mundo saturado de objetos técnicos, será nesta forma técnica (as redes telemáticas), que a vida social vai impor seu vitalismo. As diversas manifestações contemporâneas da cibercultura podem ser vistas como a expressão quotidiana da vida que se rebela contra as formas instituídas e cristalizadas" (LEMOS, 2004, p. 85).

É a partir de tal contexto que este autor reporta-se à Comunidade Virtual, observando um desejo de reunião que o ciberespaço fomenta. As tecnologias digitais parecem instituir agregações comunitárias. Porém, devemos entender que as redes formadas, por máquinas e pessoas, não necessariamente correspondem ao sentido clássico de Comunidade, com forte e duradouro envolvimento afetivo (como já descrito no primeiro item deste capítulo). A este respeito, tendemos a concordar que as práticas comunicativas verificadas no ciberespaço podem ou não ser comunitárias.

"Para o que nos interessa aqui, podemos dizer que nem toda associação no ciberespaço é comunitária, existindo, de forma muito extensa, agregações comunitárias e contratuais de tipo societário. Gostaríamos, então, de evitar falar em comunidades virtuais generalizadas, mas atestar o fator agregador do ciberespaço" (LEMOS, 2004, p. 143).

O autor avança na distinção entre grupos comunitários e não-comunitários, propondo que os primeiros precisariam apresentar sentimento de afinidade subjetiva, delimitação territorial simbólica, e troca de experiências pessoais. Além disso, o elemento temporal também é de grande importância: para ser Comunidade, o grupo deve durar. Já os grupos não-comunitários não apresentam envolvimento entre os participantes, há apenas lócus de encontro e compartilhamento de informações e

experiências, sem qualquer compromisso de que a atividade continue acontecendo e de maneira totalmente desterritorializada.

"Assim, uma sala de chat, por exemplo, pode ser uma ou outra coisa; se vou sempre encontrar meus "pares", assim reconhecidos por mim, e trocamos experiência de cunho privado, este chat pode ser o lugar de manutenção da "minha comunidade". Se, por outro lado, ele for apenas um lugar de passagem como todos os outros, um "não lugar" como diria Marc Augé, então, neste caso, ele seria apenas uma forma de me agregar ao outro sem me vincular como membro de uma comunidade. Passo por ali mas não me sinto membro de nenhum agrupamento comunitário. A Internet está povoada de espaços desses dois tipos" (LEMOS, 2002, *online*).

Palacios também propõe uma problematização acerca do elemento do projeto comum, naquilo que concerne às Comunidades Virtuais. Para o autor, não é possível afirmar de modo definitivo como estes agrupamentos irão relacionar-se com a questão projetista, sendo possível uma variedade de formas. Se, por um lado, a característica de manutenção de um projeto era típica das Comunidades clássicas; na ambiência online, este elemento não pode ser totalmente descartado. Segundo o autor, temos que:

"Novamente aqui devemos avançar com cautela. O cyberespaço parece conter todo tipo imaginável de comunidade, algumas das quais certamente apontando claramente para a idéia de um projeto, contendo em si a dimensão do futuro. Podese alegar que tais projetos têm um caráter pontual, localizado, distinguindo-se dos projetos de transformação global da sociedade, característicos da Modernidade. Não obstante, não há como ignorar-se o fato de que eles constituem projetos, com uma clara indicação rumo ao futuro" (PALACIOS, 1996, p. 09).

Já na conceituação de Lévy, temos que a Comunidade Virtual é um resultado natural e inexorável do inter-conexionismo disseminado na ambiência digital. Nesta concepção, o surgimento de Comunidades Virtuais é elemento fundamental, ou outro princípio da lógica do ciberespaço. O foco está claramente no compartilhamento de idéias e sentimentos, de maneira afetuosa e com possibilidade de forte envolvimento emocional. "Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais" (LÉVY, 1999, p. 127).

O autor esclarece que o movimento gregário verificado no uso das tecnologias digitais não está a serviço de um projeto político ou cultural no sentido clássico do termo, nem converge para um único conteúdo específico. Trata-se mesmo de uma ênfase sobre a socialização, em todos os campos e em torno de inúmeros temas, cujas características podem ser sérias, econômicas, intelectuais, ou lúdicas e frívolas.

A obra de Pierre Lévy (1999) também trabalha com a noção de 'público', pontuando que a opinião pública também está presente no ciberespaço. Neste caso, as Comunidades Virtuais poderiam estruturar membros com convergência de pensamento em torno de determinado tema — em uma compreensão próxima daquela desenvolvida por Gabriel Tarde, especialmente no que diz respeito à convergência espiritual de certos grupos sociais. Porém, os agrupamentos online não devem nos reportar à noção moderna de opinião pública — intimamente vinculada a figuras políticas tradicionais, como de democracia e república. Para Lévy, os públicos constituídos por meios digitais apresentam um campo de práticas mais aberto, mais participativo e mais distribuído, em comparação com aqueles que utilizavam as mídias clássicas.

De todo modo, o que verificamos nesta abordagem é, principalmente, a apreciação de práticas comunicativas online eminentemente estéticas e convivais. Em inúmeros domínios da coletividade, verifica-se a apropriação da tecnologia para encontros e trocas, agora realizados por vias digitais, ainda que sem regularidade prédeterminada ou sem engajamento em um projeto convencional. O primordial, nesta concepção, é o contato viabilizado pela técnica, e como ele caracteriza a vida social em nossa época.

"A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comum, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato" (LÉVY, 1999, p. 130)

A idéia de uma Comunidade fortemente afetiva é reforçada por Howard Rheingold. Em sua participação na Comunidade WELL<sup>5</sup>, Rheingold (1993) estava preparado para uma comunicação de tipo fria, mas relata que a experiência foi apaixonante. "Eu me importo com estas pessoas que eu conheci por meio do meu computador, e eu me importo profundamente com o futuro do meio que permite a nossa reunião" (RHEINGOLD, 1993, *online*)<sup>6</sup>. O autor procurou enfatizar que não está sozinho neste envolvimento emocional. De fato, ainda hoje, milhões de pessoas, por todo o globo, participam deste processo de agrupamento social que pode dar origem a

-

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Whole Earth 'Lectronic Link (http://www.well.com/)

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Tradução do autor para: "I care about these people I met through my computer, and I care deeply about the future of the medium that enables us to assemble".

Comunidades Virtuais, as quais o autor define como "agregações sociais que emergem da Internet quando um grupo satisfatório de pessoas reproduz essas discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço" (RHEINGOLD, 1993, *online*)<sup>7</sup>.

Com o passar dos anos, diversas plataformas online surgiram, proporcionando diferentes formas de socialização na internet. A este respeito, os Sites de Redes Sociais apresentaram relevantes processos de popularização, em várias partes do mundo. Com isso, tornou-se cada vez mais comum a criação de perfis e a manutenção de laços sociais, nestes tipos de sites, por contingentes expressivos de usuários. Quando pensamos nas interações online, nos dias de hoje, no Brasil, é tarefa difícil ignorar o site de relacionamentos Orkut, uma vez que este é o endereço mais popular do gênero no país, o que viabiliza o florescimento das práticas gregárias contemporâneas.

"Quanto a isso, os vários boletins paroquiais e os inquisidores que povoam os comitês 'teódulos' e outros comitês, conselhos ou redações, não terão nenhum poder contra a contaminação informática: 'blogs', fóruns de discussão, 'Orkut', tudo isso reforça uma nova socialidade na sombra onde se elaboram, talvez, com ingenuidade, freqüentemente com humor, sempre com sinceridade, as novas regras do espírito pós-moderno" (MAFFESOLI, 2009, p. 27).

Com esta nota, reforçamos que as plataformas online dão vazão à socialidade contemporânea, esta viscosidade social que reúne pessoas em torno de imagens, conceitos e idéias. A obra de Maffesoli menciona exatamente blogs, fóruns e o site de redes sociais, Orkut, como facilitadores desta efervescência social. Muitas vezes, este processo se dá em torno de determinadas temáticas – como é o caso da política, objeto desta dissertação.

"Mas esse conexionismo, acelerado pelas tecnologias da informação e pelo desenvolvimento da informática, ocorre também em política: a constituição de pequenos clãs; em religião: as formas menores do sagrado (seitas); na ordem do pensamento: a república das letras, a *Universitas*, substituída pela profusão de igrejinhas intelectuais. Não é mais o contrato racional que predomina, mas a atração e a estética emocionais" (MAFFESOLI, 1997, p. 204).

Notadamente, os sites de redes sociais possuem histórico e características específicos, que precisam ser considerados quando da análise das interações que neles ocorrem (pontos mais bem explorados no próximo capítulo). Porém, é possível trabalhar com a possibilidade de estas ferramentas digitais permitirem o surgimento de grupos

\_

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Tradução do autor para: "Virtual communities are social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace".

que apresentem elementos relacionados às Comunidades Virtuais. Para Raquel Recuero, "embora o termo 'comunidade virtual' não seja muito utilizado pela expressiva maioria de trabalhos direcionados a redes sociais, muitos autores reconhecem sua pertinência como um dos elementos-objeto da abordagem" (2006, p. 128).

Outro autor que propõe a percepção e o estudo das Comunidades Virtuais como redes sociais é Barry Wellman. A abordagem deste autor enfatiza que as relações comunitárias não se restringem mais aos parentes e vizinhos, uma vez que uma série de avanços tecnológicos (na comunicação e nos transportes) permite a manutenção de relações à distância. Neste sentido, os grupos pelos quais nutrimos alguma solidariedade não precisam mais ser compostos pelas pessoas que moram o mais próximo possível, mas são expandidos para um conjunto de indivíduos em basicamente qualquer localização.

"Não é que o mundo seja uma aldeia global, mas como McLuhan disse originalmente, a 'vila' de um individuo pode alcançar o globo. Esta revolução conceitual alterou a definição de comunidade em termos de espaço – vizinhança – para uma definição em termos de redes sociais (WELLMAN e GULIA, 1999, p. 02)<sup>8</sup>".

Segundo os autores, este deslocamento teórico teve de re-educar os estudiosos das comunidades, até então orientados pelo lugar. Para Wellman e Gulia (1999), não se deve relevar o fato de que as relações mantidas por meio do computador são também redes sociais, que se expandem por largas distâncias.

Ademais, não se pode ignorar que o uso da internet está relacionado com outros aspectos das vidas dos usuários. Assim, é equivocado qualquer pensamento que trate a internet como uma realidade separada. No que diz respeito às práticas comunitárias, Wellman e Gulia (1999) apontam que muitos escritores temiam que o envolvimento em Comunidades Virtuais afastasse as pessoas de Comunidades "da vida real". Porém, os autores apontam que "muitos laços comunitários conectam off-line tanto quanto on-line. É a relação que importa, e não o meio de comunicação" (WELLMAN e GULIA, 1999, p. 13)<sup>9</sup>.

A este respeito, Lévy demonstra que as interações mediadas pelas tecnologias online não substituem os tipos de interação pré-existentes. É mais plausível entender

Tradução do autor para: "Many community tiés connet off-line as well as on-line. It is the relantionship that is the important thing, and not the communication medium".

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Tradução do autor para: "It is not that the world is a global village, but as McLuhan originally Said, one's village could span the globe. This conceptual revolution moved from defining community in terms of space – neighborhoods – to defining it in terms of social networks".

este processo nos termos da complementação e da convivência entre diferentes formas de associação. Assim como o cinema não eliminou, apenas deslocou o teatro; e a escrita não extinguiu, mas alterou a fala; "o desenvolvimento das Comunidades Virtuais acompanha, em geral, contatos e interações de todos os tipos. A imagem do indivíduo 'isolado em frente a sua tela' é muito mais próxima do fantasma do que da pesquisa sociológica" (LÉVY, 1999, p. 129). Portanto, não tratamos de um tipo de agrupamento imaginário, ilusório ou irreal.

A própria oposição entre real e virtual é falsa. Comumente, o termo virtual é utilizado para designar inexistência, ou ainda aquilo que não pode ser percebido de modo material e tangível. Enquanto o real designaria o que está imediatamente dado, o virtual corresponderia a um devir, ou mesmo a uma ilusão. Entretanto, temos que:

"A palavra virtual vem do latim medieval virtualis, derivado por sua vez de virtus, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tente a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: a virtualidade e a atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes" (LÉVY, 1996, p. 15).

Também para Paiva (2007), a participação em Comunidades Virtuais impõe debates complexos acerca das mudanças nas relações entre as pessoas, da devida caracterização de uma vivência comunitária, das novas possibilidades de trocas afetivas etc. De todo modo, a autora aponta para o caráter dual das comunicações online, uma vez que estas permitem tanto manter laços precedentes, como cativar novos relacionamentos. Sobre o suposto dilema entre o envolvimento em atividades na rede e a convivência com amigos próximos e vizinhos, propõem-se:

"É possível utilizá-lo (o instrumento comunicativo digital) para consolidar amizades antigas, algumas fadadas a se perder com a intensificação da velocidade do quotidiano das populações, mas também para contactar novos e possíveis afetos, movidos em primeira instância por interesses comuns. Mas se instauram como questão e inquietação o perfil e possíveis conformações da estrutura comunitária na atualidade" (PAIVA, 2007, p. 134).

Ainda em Wellman e Gulia (1999), conferimos que as Comunidades Online podem exercer importante papel emocional. Nesta visão, a internet não serve apenas para a troca de informações, e as pessoas que participam de grupos online podem até mesmo adquirir ajuda para problemas de ordem social, física ou mental. Ainda que haja variação na força dos laços formados nestes grupos, a tecnologia digital consiste em mais uma alternativa para as pessoas buscarem ajuda mútua e reciprocidade. "Apoio

emocional, companhia, informação, formação de arranjos, provisão de um senso de pertencimento são todos recursos sociais não-materiais que são freqüentemente possíveis de se fornecer do conforto do computador" (WELLMAN e GULIA, 1999, p. 6) 10.

Wellman (2002) apresenta ainda a possibilidade do individualismo em rede (networked individualism). Para o autor, o mundo desenvolvido passa por uma transição de paradigma, naquilo que tange às formas como as pessoas e as instituições são conectadas. Por esta perspectiva, a sociedade já foi formada por "pequenas caixas" (little boxes), antes de ser marcada pelas diversas redes sociais de hoje. A internet reflete ao mesmo tempo em que facilita esta mudança histórica. Nas pequenas caixas, as pessoas estavam encapsuladas social e cognitivamente em pequenos grupos homogêneos, formados principalmente por familiares, vizinhos, colegas de trabalhos, conhecidos da igreja etc. Já na sociedade das redes, as pessoas têm maior flexibilidade para formar seus círculos de contatos para além de redutos convencionais e geograficamente próximos.

Nesta concepção, as Comunidades formadas pelos laços informais seriam múltiplas, parciais e raramente apresentariam estruturas organizadas. As pessoas estariam buscando aqueles com quem têm afinidade e interesse em interagir, e não se contentando com aqueles com quem são levadas a conviver por circunstâncias externas. Logicamente, as tecnologias online reforçam este processo. Neste fenômeno sociológico, a ênfase está mais no indivíduo e suas redes, e menos no grupo em si, daí a idéia de "individualismo em rede". De acordo com seu objetivo ou sua necessidade, o sujeito move-se por suas redes, buscando um contato em específico. Esta busca pela conexão com pessoas específicas é potencializada pelo surgimento das tecnologias móveis e da internet wireless. Nestes casos, os agrupamentos online refletiriam relações especializadas, ou seja, voltadas a determinados interesses.

"A proliferação de relações especializadas mediadas por computador proporciona a base para estruturas baseadas em interesses que fornecem apoio, solidariedade parcial e veículos para agregação e articulação de interesses" (WELLMAN, 2002, online) 11.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Tradução do autor para: "Emotional support, companionship, information, making arrangements, and providing a sense of belonging are all non-material social resources that are often possible to provide from the confort of one's computer".

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Tradução do autor para: "The proliferation of computer-supported specialized relationships provides a basis for interest -based structures that provide support, partial solidarity, and vehicles for aggregating and articulating interests".

Por um lado, os referenciais teóricos que sugerem, para a definição de Comunidade Online, agrupamentos com forte engajamento emocional e de grande relevância para os indivíduos, revelam uma visão um tanto romantizada sobre as práticas interativas, até mesmo resgatando traços típicos das Comunidades em termos clássicos. O nível de envolvimento afetivo e o alcance quantitativo das práticas comunicativas travadas digitalmente não são fatores que podem ser antecipados ou generalizados. Desta maneira, são de fundamental importância as ressalvas no sentido de pontuar as características observadas em cada caso, em cada grupo analisado. Todavia, o conjunto destas abordagens sinaliza para um fenômeno sócio-antropológico de fundamental importância para a compreensão da vida contemporânea.

Não é possível ignorar que as tecnologias digitais oferecem a possibilidade para a reunião de pessoas com algo a compartilhar. Para além de constituir mais uma ferramenta que vem interferir na relação do homem com o tempo-espaço, a internet reconfigura os padrões de relacionamentos entre as pessoas, oferecendo novas lógicas e novos contextos. De início, verificamos maior facilidade para o usuário da *web* encontrar, reconhecer e participar de grupos com os quais se identifica. Com maior ou menor envolvimento afetivo, com mais ou menos regularidade, seja qual for o objetivo, novos conflitos, soluções, trocas e experiências são vivenciadas por um contingente importante da população mundial.

Neste estudo, consideramos importante, do ponto de vista metodológico, trabalharmos com um conceito bem delimitado de Comunidade Virtual, o qual esteja devidamente fundamentado nas reflexões assinaladas até então. Para contemplar tal proposição, segue o próximo item, com elementos teóricos que sustentam o conceito central desta pesquisa.

### 1.3.1 Elementos Conceituais Relacionados à Comunidade Virtual

Para efeitos desta pesquisa, selecionamos quatro elementos conceituais relacionados às Comunidades Online, que serão analisados nos agrupamentos escolhidos para a presente dissertação. Os elementos são: Pertencimento, Territorialidade, Permanência e Afetividade.

A primeira característica, do **Pertencimento**, é descrita como elementar para falarmos de Comunidades de qualquer tipo (ESPOSITO, 2007; GIDDENS, 1995; PALACIOS, 1991; VATTIMO, 2007; WELLMAN E GULIA, 1999). Neste sentido, é

preciso verificar em que medida os participantes dos grupos pesquisados possuem esta percepção em relação ao grupo em que estão inseridos. Com efeito, faz-se necessário investigar como estas pessoas são concernidas pelas atividades de suas respectivas Comunidades, em que medida e de que forma integram-se ou não com estas práticas.

O segundo fator, **Territorialidade**, também é central para o conceito de Comunidade (GIDDENS, 1995; PALACIOS, 1991; LEMOS, 2002). Logicamente, tratamos aqui de uma Territorialidade simbólica, mantida à distância. De todo modo, é necessário verificar se e em que termos este lócus online funciona como referência ou desempenha alguma função relevante para as práticas interativas analisadas.

Sobre o elemento da **Permanência**, devemos considerar que vários autores reportam-se à questão temporal dos agrupamentos verificados na sociedade de hoje (LEMOS, 2002, 2004; LÉVY, 1999, MAFFESOLI, 1996, 1997). Traço marcante das experiências gregárias contemporâneas é que, em sua maioria, são efêmeras e descomprometidas com estruturas institucionalizadas ou projetos tradicionais. Portanto, são associações espontâneas, não planejadas, sem prazos fixos ou pré-estabelecidos para ocorrerem. A partir deste cenário, a pesquisa deve observar se os agrupamentos em análise, ainda que sem programação formal, acontecem de maneira errática e pontual, ou se podem ser vistos como grupos com alguma Permanência no tempo, e para os quais os indivíduos podem retornar com certa freqüência.

O elemento da **Afetividade** também é considerado como fortemente caracterizador da vida coletiva contemporânea, bem como das práticas comunitárias típicas (LEMOS, 2002, 2004; LÉVY, 1999; MAFFESOLI, 1997, 1996; RHEINGOLD, 1993; WEBER, 2002; WELLMAN E GULIA, 1999). Assim, esta dissertação deve pontuar se, e em que medida, há envolvimento emocional ou trocas de natureza pessoal entre os membros dos grupos.

Antes disto, trataremos no capítulo seguinte dos Sites de Redes Sociais, em especial o Orkut, em que estão os agrupamentos selecionados para esta dissertação.

## 2. Os Sites de Redes Sociais

Neste capítulo, esta dissertação propõe um levantamento bibliográfico acerca de Sites de Redes Sociais, com as principais abordagens conceituais, exemplos de propostas e usos feitos destas Redes, características dos usuários já identificadas em estudos prévios, bem como possíveis motivações para a ampla disseminação destas plataformas online. Em seguida, abordamos especificamente o site Orkut, selecionado para o presente estudo. Fez-se necessário um histórico do Orkut, pontuação de características relevantes do site, bem como levantamento de pesquisas que procuraram relacioná-lo com a popularização de seu uso no Brasil. No entanto, antes de tudo, propõe-se uma apreciação sobre a própria lógica de Rede que nos cerca nos dias de hoje.

# 2.1 Introdução Teórica ao Conceito de Redes

Na sociedade globalizada, o indivíduo é permeado por redes de diversas naturezas. Familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho ou de estudo, dentre outros, compõem redes sociais. Nos ecossistemas, espécies de seres vivos oscilam entre as condições de predador e presa, para constituir redes alimentares. Os computadores que compõem a Internet, bem como as páginas da *world wide web*, estão dispostos na forma de redes. Em cada um destes exemplos, é possível identificar nós (pessoas, seres vivos, máquinas ou páginas online) que estão ligados a alguns outros nós, o que é a característica básica da Rede. Na Enciclopédia Einaudi, tem-se que:

"Uma rede é constituída antes de mais nada por nós, que são quaisquer objetos: lugares, memórias, centros de seleção ou de correspondência, máquinas para informação; depois por ligações de duas a duas: uma ligação é incidente a dois nós, e segundo os casos é orientada de um nó para o outro ou não. Aos nós e ligações podem ser associadas variáveis: comprimento, semelhança, duração, capacidade, custo, perda, multiplicador, no que diz respeito às ligações; estado, potencial, carga, data, no que diz respeito aos nós. Enfim, para qualquer tipo de rede há leis específicas que ligam as variáveis de qualquer nós e as ligações que lhe são incidentes" (ENCICLOPÉDIA EINAUDI, 1998, p. 229).

A obra de Mark Buchanan (2002) revela que não apenas há uma variedade de tipos de redes em nosso mundo, como também estas redes apresentam semelhanças importantes. Um destes traços comuns às redes já pesquisadas diz respeito a uma surpreendente proximidade entre pontos aleatoriamente escolhidos, um fenômeno

conhecido como Small World (ou 'mundo pequeno'). Um dos primeiros experimentos a constatar este padrão foi o de Stanley Milgran. Utilizando uma série de cartas rastreáveis, Milgran (1967) demonstrou que eram necessárias em média seis conexões, para fazer uma correspondência sair das mãos de um cidadão americano, dos estados de Kansas ou Nebraska, até um destinatário completamente desconhecido, na cidade de Boston. Esta experiência deu origem à teoria dos seis graus de separação, pela qual seriam necessárias seis ligações sociais para vincular quaisquer duas pessoas no mundo.

Os matemáticos Watts e Strogatz (apud BUCHANAN, 2002) pensam a rede social como um gráfico, em que as pessoas são representadas por nós, e todas aquelas que se conhecem estão interligadas. Em 1998, estes pesquisadores descobriram que a rede social é representada por um gráfico que não pode ser considerado totalmente aleatório, nem completamente ordenado, mas que tem a configuração de um Small World. O estudo destes autores reforçou a idéia de que todos os seis bilhões de seres humanos podem estar conectados por poucos graus. Na arquitetura do 'mundo pequeno', ninguém estaria tão distante assim. Nos termos de Watts:

> "Quase todo mundo tem familiaridade com a sensação de encontrar com um completo estranho em uma festa ou em algum lugar público e, depois de uma breve conversa, descobrir que tem um conhecido inesperado em comum. 'Bem, é um mundo pequeno!', exclamam. O fenômeno Small World é uma versão generalizada desta experiência, a alegação é a de que mesmo quando as pessoas não têm um amigo em comum, elas estão separadas apenas por uma pequena cadeia de intermediários" (WATTS, 1999, p. 4)<sup>12</sup>.

O mais intrigante é que Watts e Strogatz (apud BUCHANAN, 2002) reconheceram em outras redes sem qualquer relação aparente com a rede social – como a rede de transmissão de eletricidade dos Estados Unidos e a rede de neurônios do verme nematóide – a mesma estrutura de 'mundo pequeno'. Desde que estes autores publicaram os resultados de seus experimentos, inúmeros outros trabalhos, elaborados por matemáticos, físicos e cientistas da computação, apontam para a presença da configuração Small World em muitas outras redes. Investigações similares já deram conta de que a Rede Mundial de Computadores, a World Wide Web e mesmo a estrutura molecular da bactéria E. coli. compartilham o padrão de curtas distâncias entre nós da rede.

party or in some public arena and, after a short conversation, discovering that they know somebody unexpected in common. "Well, it's a small world!" they exclaim. The small-world phenomenon is a generalised version of this experience, the claim being that even two people do not have a friend in common, they are separated by only a short

chain of intermediaries".

<sup>12</sup> Tradução do autor para: " Almost everyone is familiar with the sensation of running into a complete stranger at a

O conjunto destes estudos aponta para a existência de um profundo princípio organizador no nosso mundo. Redes essencialmente distintas, que se desenvolveram sob diferentes condições e para atender a diferentes demandas, parecem ser quase idênticas em suas estruturas. As razões para isso ainda estão sendo investigadas por uma nova corrente teórica especializada em redes, que se ramifica por diversas áreas do conhecimento.

Segundo Buchanan, "pela primeira vez na história, cientistas estão começando a aprender como falar significativamente sobre a arquitetura de redes de todos os tipos, e a perceber importantes padrões e regularidades, onde não conseguiam ver antes" (2002, p. 19). Estas revelações conduzem a um importante debate. Muitas destas descobertas sugerem até mesmo que haveria um tipo de inteligência inata nas estruturas destas redes, como se elas tivessem sido desenhadas pelas mãos de um arquiteto divino. Não é o caso de dar respostas definitivas sobre a configuração das redes presentes em nosso mundo. No caso das redes sociais, por exemplo, podem existir pessoas que não estão ligadas por conhecidos em comum. Entretanto, há indícios de que os caminhos que interligariam nós aleatoriamente escolhidos, e aparentemente sem relação, provavelmente existem e são curtos. Esta é a essência do 'mundo pequeno'.

Estudiosos têm relacionado também os Sites de Redes Sociais à idéia dos seis graus de separação inicialmente proposta por Milgram. Os pesquisadores Adamic, Buyukkokten, e Adar (2003) analisaram uma Rede Online utilizada pela Comunidade universitária de Stanford – a Club Nexus – e puderam observar um efeito *Small World*, em que a distância entre quaisquer dois usuários da Rede era de quatro ligações em média (*avarage distance*), conforme mostra a figura 1.

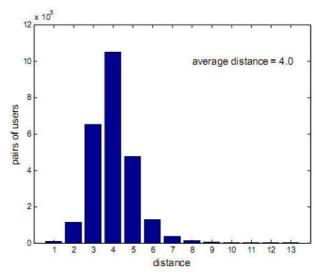


Figura 1: Distância média entre usuários na Rede Club Nexus (ADAMIC et. al., 2003).

Os pesquisadores constataram que "os indivíduos tendiam a se socializar em grupos menores, freqüentemente determinados por fatores como ano na universidade, departamento ou dormitório, porém quaisquer dois usuários estão separados apenas por um pequeno número de ligações" (ADAMIC, BUYUKKOKTEN e ADAR, 2003, p. 4)<sup>13</sup>.

Por sua vez, Fragoso (2006) cita o mesmo padrão em sua análise do site de relacionamentos Orkut:

"Talvez o mais fascinante seja, no entanto, aquela que é a característica básica desse tipo de software de rede social, que é a 'corporificação' dos links entre as pessoas. Assim é que, após alguns minutos saltando de seus amigos para os amigos dos amigos, o usuário se vê diante de uma representação que explica até quase à obviedade a noção de 'seis graus de separação' formulada por Milgram" (FRAGOSO, 2006, p. 4).

De todo modo, independentemente da hipótese do *Small World* ou da distância de fato entre os nós, esta arquitetura em rede têm importantes conseqüências sobre as interações entre os indivíduos. É esta morfologia social, favorecida pelas tecnologias digitais, que interessa de maneira especial a esta dissertação. A esse respeito, Manuel Castells (1999) tem contribuição importante.

Este autor acredita em um novo modo de desenvolvimento de cunho informacional, constituído pelo surgimento de um novo Paradigma Tecnológico baseado na tecnologia da informação. Uma das características deste Paradigma diz respeito à lógica das redes em qualquer sistema ou conjunto de relações. Tal lógica disseminada das redes utilizaria exatamente as novas tecnologias da informação. Nesta visão, temos que "essa configuração topológica, a rede, agora pode ser implementada materialmente em todos os tipos de processos e organizações graças a recentes tecnologias da informação. Sem elas, tal implementação seria bastante complicada" (CASTELLS, 1999, p. 108). Se há conseqüências materiais desta nova arquitetura global, também podemos verificar efeitos de cunho cultural. Neste sentido, temos que "redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura" (CASTELLS, 1999, p. 565).

Portanto, estamos falando de um modelo de desenvolvimento e organização que estrutura a sociedade nas suas mais variadas esferas, em níveis materiais e simbólicos.

55

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Tradução do autor para: "individuals tend to socialize in smaller cliques, often determined by factors such as year in school, department or dorm, yet any two users are separated by only a small number of hops".

Também nesta perspectiva, propõe-se um sistema de interconexão de nós. Para Castells, "rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de rede concreta de que falamos" (CASTELLS, 1999, p. 566). Para o autor, as possibilidades de redes abarcam de mercados de bolsas e conselhos políticos, até gangues de rua e traficantes de drogas; de sistemas de televisão e estúdios de entretenimento, até equipes para coberturas jornalísticas.

Um aspecto que deve ser considerado na observação das redes, especialmente aquelas de tipo social, é o de que as ligações que separam os nós possuirão diferentes graus de intensidade ou força. As conexões sociais estabelecidas entre pessoas, por exemplo, terão variados graus de envolvimento e relevância. Granovetter sugere uma definição para o que podemos chamar de "força do laço": "é uma combinação (provavelmente linear) da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos que caracterizam o laço" (GRANOVETTER, 1973, p. 1361) <sup>14</sup>.

Da perspectiva do padrão *Small World* em redes sociais, mesmo os laços mais fracos consistem em conexões, e vinculam os sujeitos da mesma forma que os laços mais fortes. De fato, Granovetter (1983) pontua que laços fracos são até mais úteis em certas situações, como na procura por um emprego. Porém, pode tornar-se problemático, em muitas ocasiões, identificar com quem mantemos os laços mais fracos. Podemos afirmar com maior segurança com quem temos relações mais próximas, freqüentes ou íntimas. Entretanto, lembrar de todas as relações mais esporádicas, ou mesmo definir se efetivamente temos um "laço" com determinadas pessoas pode não ser simples. Para além da graduação na força dos laços, outra variável a ser levada em conta na observação das redes sociais diz respeito a noção de "reciprocidade", proposta por Recuero (2009, p. 41):

"É possível que um ator A considere B como seu melhor amigo (laço forte) e que B, em retorno, não considere A como uma pessoa tão próxima (laço mais fraco). [...] Quando os laços que conectam dois indivíduos possuem forças diferentes nos dois sentidos (AB e BA), tratam-se de laços assimétricos. Já os laços são considerados simétricos quando têm a mesma força nos dois sentidos."

<sup>-</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Tradução do autor para: "the strength of a tie is a (probably linear) combination of the amount of time, the emotional intensity, the intimacy (mutual confiding), and the reciprocal services which characterize the tie".

Nestes casos, verificamos não apenas uma graduação na força dos laços, mas uma incompatibilidade na própria forma como a relação é vista pelas partes envolvidas. Em última instância isto pode significar uma orientação na relação, ou seja, um indvíduo considera-se relacionado a alguém que não terá a mesma percepção em contrapartida.

Também nas redes sociais mantidas online, é possível verificar ambiguidades nas conexões entre os nós. Entretanto, é preciso observar que tais nós, nas mídias digitais, configuram-se de maneira distinta. Para tratar dos nós nestes tipos de rede, Recuero (2009) emprega o termo "atores". No caso das redes sociais online, os atores envolvidos na interação podem estar distantes, ou seja, não serão imediatamente discerníveis. Assim, têm-se representações dos atores sociais no ciberespaço.

"Um ator, assim, pode ser representado por um weblog, por um fotolog, por um twitter, ou mesmo por um perfil no Orkut. E, mesmo assim, essas ferramentas podem apresentar um único nó (como um weblog, por exemplo), que é mantido por vários atores (um grupo de autores do mesmo blog coletivo)" (RECUERO, 2009, p. 25).

Um exemplo que nos ajuda a pensar como redes na Internet precisam ser observadas não apenas do ponto de vista das conexões entre os atores, mas também considerando os contextos em que estas conexões se dão, é o de uma rede de blogs que tratam do mesmo tema. Estes blogs, pelos interesses e objetivos que partilham podem possuir diversos links entre si, mas também poderão apresentar hierarquias bastante demarcadas. Nestas redes, um blog pode ser muito mais conhecido que a média, recebendo links da maioria dos outros blogs (o que torna os conhecidos ainda mais conhecidos). Entretanto, esta página mais popular apresenta poucos links para outras páginas. Neste caso, fica evidente a orientação do laço, que existe em um sentido, mas não existe no sentido inverso. A questão é ainda mais complexa do que a assimetria, em que a força do laço muda de acordo com o sentido. Um dos nós sequer percebe a existência do outro, ainda que topograficamente eles estejam "conectados". Um blog hiper conectado poderá ser acessado a partir dos outros, mas os outros não poderão ser acessados a partir dele.

Para situações como esta, ainda que haja o fenômeno do 'mundo pequeno', esta distância talvez não possa ser percorrida. É preciso que as conexões permitam este percurso, do ponto de vista qualitativo. Em outras palavras, ainda que determinadas páginas estejam "linkadas" em algum sentido, algumas delas não estarão acessíveis às outras. É o caso de relativizarmos a arquitetura do *Small World*, na medida em que é

insuficiente pensar a simples conexão entre os nós, para falar em "aproximação" entre os atores. É preciso verificar as condições de acessibilidade dos nós, a natureza qualitativa das relações mantidas, em suas diversas variáveis. De todo modo, nesta pesquisa, estamos interessados em interações sociais que ocorrem em Sites de Redes Sociais.

# 2.2 Definições e Pesquisas em SRSs

Boyd e Ellison trouxeram para a pesquisa na área a definição mais utilizada para Sites de Redes Sociais, qual seja: um serviço baseado na Internet que permite aos indivíduos (1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema conectado, (2) articular uma lista de outros usuários com os quais compartilham uma conexão, e (3) visualizar e mover-se por sua lista de conexões e pelas dos outros usuários, no mesmo sistema (BOYD e ELLISSON, 2007). Outra característica deste tipo de site é a presença de um conjunto de informações pessoais relativas ao usuário, exibidas em seu perfil. Geralmente, são solicitados dados como idade, cidade, interesses, preferências, hábitos etc., além de um espaço para uma auto-descrição. A maior parte destes sites permite ainda exibição de foto ou imagem na página do perfil. Além disso, há seções em que o usuário pode postar álbuns de fotos ou imagens, ou mesmo vídeos. Sites populares como Facebook¹5 e Orkut¹6 também fornecem aos participantes a possibilidade de exibir aplicativos sociais em seus perfis, ou seja, programas temáticos desenvolvidos pelos próprios usuários ou por empresas especializadas.

A partir da definição das autoras, o primeiro Site de Rede Social, SixDegrees.com<sup>17</sup>, foi lançado em 1997. A plataforma permitia que o usuário criasse um perfil, listasse seus contatos e navegasse pelas listas de contatos. Todos estes recursos já existiam na web, sob alguma forma, mas o SixDegrees.com foi o primeiro a reunir todas estas características. O site proclamava-se como uma ferramenta que ajudaria as pessoas a se conectarem e a trocarem mensagens entre si.

Depois do lançamento do SixDegrees, surgiu uma série de ferramentas comunitárias que combinavam o uso de perfis com a articulação pública de amigos, a

-

<sup>15</sup> http://www.facebook.com/

<sup>16</sup> http://www.orkut.com.br/

<sup>17</sup> http://www.sixdegrees.com/

exemplo de sites como AsianAvenue<sup>18</sup> e BlackPlanet<sup>19</sup>, lançados em 1999, além do MiGente<sup>20</sup>, lançado em 2000. Estas plataformas permitem a seus participantes a busca por relações pessoais, profissionais e amorosas. No LiveJournal<sup>21</sup>, lançado em 1999, era possível marcar outros usuários para acompanhar suas postagens. Sites como LinkedIn<sup>22</sup> e Xing<sup>23</sup>, por sua vez, foram voltados para relações profissionais e negócios. Da mesma forma, o Ryze.com<sup>24</sup> surgiu em 2001 para ajudar as pessoas a expandirem suas redes de negócios, mas sem nunca alcançar grande popularidade (BOYD e ELLISON, 2007).

Outras Redes Sociais online nascem voltadas para um grupo ou uma Comunidade específica. É o caso da BlackPlanet, iniciada em 1999, cuja proposta era conectar e fortalecer a Comunidade negra, sugerindo a Internet como uma ferramenta para tal. A AsianAvenue, formada em 1997, também propunha ênfase na questão étnica e na aproximação das pessoas. A Gaia Online<sup>25</sup>, fundada em 2003, é peculiar por ser desenvolvida sob a temática anime (animação japonesa). Nesta Rede, os usuários não carregam uma foto pessoal, mas utilizam uma animação como avatar para interagir com os outros participantes (THELWALL, 2009).

O Friendster<sup>26</sup>, lançado em 2002 como um site para promover namoros, foi um caso de grande sucesso e popularidade. Enquanto a maioria dos sites deste tipo propunha aproximação entre pessoas que não se conheciam e tinham interesses em comum, o Friendster surgiu com a proposta de aproximar amigos de amigos. Os criadores da rede partiram do pressuposto de que amigos de amigos teriam maiores chances de entendimento do que estranhos. Inicialmente, o site tornou-se especialmente popular entre três grupos: blogueiros, participantes do festival de arte denominado Burning Man, e homens gays. Entretanto, não demorou para que o Friendster crescesse rapidamente, atingindo a marca de 300 mil usuários, espalhados pelo mundo todo, em maio de 2003, sem maiores divulgações nas mídias de massa (BOYD e ELLISON, 2007). Atualmente, em nível global, os maiores Sites de Redes Sociais são o Facebook, o Youtube<sup>27</sup>, o Twitter<sup>28</sup> e o LinkedIn que aparecem na lista do site de monitoramento

<sup>18</sup> http://www.asianave.com/

<sup>19</sup> http://www.blackplanet.com/

<sup>20</sup> http://www.migente.com/

<sup>21</sup> http://www.livejournal.com/

<sup>22</sup> http://www.linkedin.com/

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> http://www.xing.com/

<sup>24</sup> http://ryze.com/

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> http://www.gaiaonline.com/

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> http://www.friendster.com/

http://www.youtube.com/

<sup>28</sup> http://twitter.com/

de acessos, Alexa<sup>29</sup>, como 2°, 3°, 10° e 21° sites mais acessados do mundo, respectivamente.

Apesar de ser amplamente referenciada na pesquisa em Sites de Redes Sociais, a definição de Boyd e Ellison (2007) enfrenta críticas importantes. Para David Beer (2008), por exemplo, a conceituação das autoras é demasiadamente abrangente, e procura abarcar plataformas com diferenças muito marcantes, dificultando uma tipologia mais diferenciada destas aplicações geradas por usuários na web. O autor entende que faria mais sentido uma classificação mais específica das novas culturas online e que contemplasse práticas distintas, como *wikis*, folksonomia, *mashups* e Sites de Redes Sociais.

A abordagem de Boyd e Ellison (2007) valoriza, neste tipo de sites, a possibilidade de os usuários articularem e tornarem visíveis suas redes sociais. Na concepção das autoras, ainda que estas Redes permitam conexões que não seriam possíveis de outra forma ou entre estranhos, o que acontece com mais frequência é a reprodução de laços que já existem fora da internet. Para ilustrar esta característica do uso das Redes Online, as autoras fazem uma distinção entre os termos "networking" e "network": enquanto o primeiro enfatiza a iniciação de um relacionamento, freqüentemente entre estranhos; o segundo enfatiza uma rede de contatos já existente e, portanto, seria mais apropriado para descrever a prática de interação social verificada nos sites em questão (BOYD e ELLISON, 2007).

É possível ainda que a ocorrência de um ou outro padrão de conexão esteja relacionada com características das próprias Redes. Mike Thelwall (2009) propõe uma tipologia neste sentido, observando que há claras diferenças entre sites como Facebook, MySpace ou Orkut, que são ambientes eminentemente sociais, e Youtube ou Flickr<sup>30</sup>, voltados para compartilhamento de conteúdo. Na tipologia de Thelwall, temos três tipos básicos de Sites de Redes Sociais:

• Socialising SNSs: este tipo de site é projetado para comunicação social recreativa entre os membros. As conexões entre "amigos", na Rede, são utilizadas normalmente (mas nem sempre) para encontrar e exibir listas de amigos que existem offline. Como exemplo, temos o Facebook, o Orkut, o MySpace, o Hi5<sup>31</sup>, Bebo<sup>32</sup>, dentre outros.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> Disponível em: http://www.alexa.com/topsites/global (23 de novembro de 2010).

<sup>30</sup> http://www.flickr.com/

<sup>31</sup> http://hi5.com/

- Networking SNSs: são projetados principalmente para comunicação "não-social", ou seja, em que a socialização eminentemente recreativa não é o propósito central. As conexões entre os "amigos" são usadas para encontrar novos contatos. A lista de amigos provavelmente irá incluir uma proporção significativa de conhecidos e pessoas anteriormente desconhecidas. Como exemplo, temos o LinkedIn, em que as pessoas procuram expandir seus contatos profissionais.
- (Social) Navigation SNSs: possuem características de redes sociais, mas estas são usadas principalmente como um modo de ajudar os usuários a encontrarem determinado tipo de informação ou conteúdo. As conexões entre "amigos" são usadas para acessar informações ou conteúdos associados a estas pessoas. Como exemplos, temos o Youtube e o Flickr.

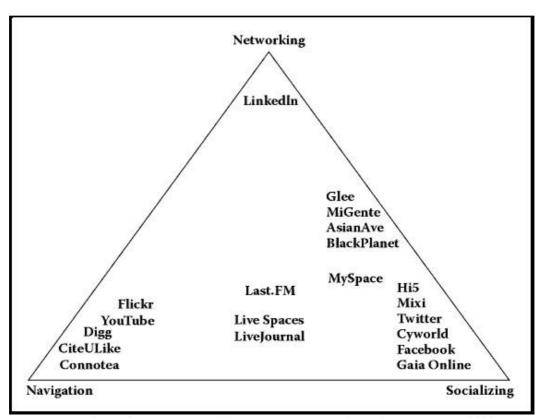


Figura 2: Exemplos de sites de acordo com a tipologia de Thelwall (2009).

A figura 2 mostra exemplos de Sites de Redes Sociais distribuídos conforme as noções desenvolvidas por Thelwall (2009). O autor ressalta que a classificação é fluida e diz mais respeito às intenções dos sites ou às práticas dos seus membros, do que às

\_

<sup>32</sup> http://www.bebo.com/

características de fato. Muitas redes oscilam entre os três tipos ideais. O LiveJournal, por exemplo, é voltado para a navegação (*Navigation SNSs*), pois os membros navegam pelos conteúdos dos blogs uns dos outros. Entretanto, como o conteúdo de muitos destes blogs é bastante pessoal, há uma tendência para aproximação social entre os usuários, o que proporciona socialização (*Socialising SNSs*). Ao mesmo tempo, a Rede também permite conexões entre blogs de teor mais profissional (*Networking SNSs*). O BlackPlanet, apesar de ser usado para socialização, também possui uma ferramenta para relações de paquera, ou seja, potencialmente entre desconhecidos, o que consistiria em *networking*.

Entretanto, é preciso considerar que características pessoais dos usuários podem ter peso decisivo no processo de interação que eles exercerão nas Redes Online. Como na vida em geral, a Internet pode valorizar a reunião de grupos que partilham características, interesses, hábitos, causas, bandeiras etc., proporcionando casos de *networking*. Ou é possível que a rede seja usada principalmente para entrar em contatos com pessoas já conhecidas. De qualquer forma, não necessariamente um padrão de conexão – como aquela que se dá entre pessoas que já se conhecem (*network*) – substitui, impede ou limita outro padrão de conexão – como aquela que se inicia entre desconhecidos, em torno de atributos pessoais, imagens ou símbolos (*networking*).

Certamente, as Redes Online, em suas propostas e contextos distintos, abrigam usos e conexões de variadas naturezas, muitas vezes sequer previstas pelos seus idealizadores. De fato, as motivações que levam os usuários das Redes a estabelecerem conexões entre si têm sido um aspecto desafiador para a pesquisa no tema. São inúmeras as situações e as motivações que levam pessoas a tornarem-se "amigas" em Sites de Redes Sociais. Em sua pesquisa nas Redes Sociais Friendster e MySpace, Boyd (2007) argumenta que, pelo fato de a arquitetura dos Sites de Redes Sociais ser fundamentalmente diferente da arquitetura dos espaços sociais não mediados, estes sites apresentam um ambiente muito diferente daquele ao qual estamos acostumados. A partir de sua pesquisa, a autora destaca as seguintes razões como as mais comuns para os usuários adicionarem outras pessoas como amigas: (1) ser amigo de fato; (2) ser conhecido, membro da família, colega; (3) considerar inapropriado dizer não porque são pessoas que você conhece; (4) acreditar que ter muitos amigos faz você parecer popular; (5) ser um modo de indicar que você é fã (da pessoa, banda ou produto); (6) entender que a lista de amigos revela quem você é; (7) considerar que o perfil da pessoa que enviou o convite é legal, o que faz os amigos dela parecerem legais; (8) poder visualizar

mais perfis em função de maior quantidade de contatos (Friendster); (9) ser o único modo de ver um perfil privado (MySpace); (10) passar a ter acesso ao boletim da pessoa, e as suas postagens no blog abertas apenas para amigos (MySpace); (11) permitir que a pessoa que enviou o convite veja boletins, perfil privado, blog privado (MySpace); (12) poder usar a lista de amigos da pessoa que enviou o convite para encontrar alguém depois; (13) ser mais fácil dizer "sim" do que "não".

Outro aspecto já investigado sobre as conexões feitas em Sites de Redes Sociais aponta para processos de construção identitária. Boyd e Donath (2004) argumentam que as pessoas exibem conexões sociais para revelar informações sobre quem elas são. As autoras lembram que, mesmo fora da Internet, as pessoas exibem suas conexões de várias formas: fazem festas para apresentar amigos, citam casualmente nomes de conhecidos de alto status em conversas, decoram geladeiras com fotos, ou mesmo aparecem em público com um conhecido, o que já consiste na exibição de conexões. Para Boyd e Donath (2004) cada uma destas ações contém estratégias para impressionar o interlocutor ou resgatar memórias de sentimentos agradáveis com amigos. Nesta perspectiva, os Sites de Redes Sociais reforçariam tais estratégias identitárias contidas na exibição pública de contatos (GOFFMAN, 1983).

Estudos apontam ainda para a hipótese de os indivíduos buscarem interagir com aqueles que são parecidos com eles, em algum aspecto. Adamic, Buyukkokten e Adar (2003), em sua pesquisa sobre o site Club Nexus, descobriram que usuários que tinham interesse por dança de salão, por exemplo, tinham tendência maior que a média para associarem-se com outros indivíduos que também gostavam de dança de salão. Aproximadamente todos os interesses pesquisados apontaram para tendências estatisticamente significativas de associação entre aqueles usuários que compartilhavam tais interesses. Este padrão foi especialmente verificado no caso de atividades ou interesses compartilhados por grupos mais restritos de pessoas, a exemplo de interesse pelo esporte lacrosse ou hóquei, em contraposição ao interesse por futebol; ou ainda interesse por filmes da temática gay e lésbica, em contraposição a filmes sobre ficção e literatura.

Esta relação diretamente proporcional entre similaridade e associação é denominada homofilia (ou *homophily*) e, segundo McPherson *et al.* (2001) trata-se de um princípio organizador básico, bem documentado por todo o pensamento ocidental. Aristóteles já havia notado que as pessoas "amam aqueles que são iguais a elas"; para Platão, similaridade gera amizade (McPHERSON *et. al.*, 2001, p. 216). Em sua

pesquisa "Homophily in Social Network Sites", os autores argumentam que a relação positiva entre a similaridade de dois nós em uma rede e a probabilidade de laço entre eles foi uma das primeiras características observadas pelos primeiros analistas estruturais. Diferentes tipos de homofilia podem ser gerados a partir de características como raça, gênero, idade, religião, educação, ocupação, classe social, comportamento, posturas, habilidades, crenças, aspirações etc.

Naquilo que diz respeito ao perfil médio do usuário de Redes Online, alguns trabalhos prévios buscaram detectar características predominantes dos participantes deste tipo de sites. Thelwall (2008), por exemplo, em sua pesquisa sobre o MySpace, traçou estatísticas sobre o perfil dos usuários, com base no gênero e na idade. No que diz respeito ao gênero, foi verificado que, no geral, há mais mulheres do que homens, apesar de não haver uma disparidade tão acentuada. A quantidade de mulheres adolescentes foi expressivamente maior que a de homens adolescentes. Entretanto, há mais homens na faixa etária dos 25 a 30 anos, como ilustrado pela figura 3:

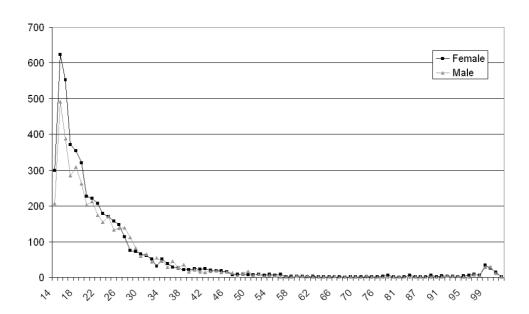


Figura 3: Idades e gêneros de usuários do MySpace (THELWALL, 2008).

Já no que se refere à idade, houve um claro viés de juventude no MySpace, com uma média de idade de 21 anos (THELWALL, 2008). Apesar de estes dados sugerirem diagnósticos parecidos para outras Redes – com uso mais freqüente entre jovens e adolescentes – é preciso considerar a possibilidade de o MySpace ser especialmente mais popular entre este segmento. De toda forma, não é possível reduzir o universo de usuários de Redes Online a apenas um perfil. Para Thelwall (2009),

"Não há um típico usuário de Sites de Redes Sociais porque diferentes Sites de Redes Sociais, com características similares, podem ter audiências amplamente diferentes. Em alguns casos, isto é compreensível, como na tendência de o Facebook ter usuários mais educados que os usuários do MySpace, possivelmente por causa da origem educacional do Facebook (THELWALL, 2009, p. 13) 33.

O Facebook foi usado originalmente por estudantes da Universidade de Harvard; o acesso só era permitido a quem possuía um e-mail hospedado no endereço harvard.edu. Posteriormente, o site foi aberto para outras Universidades, mas ainda assim era necessário possuir e-mail vinculado a uma instituição de ensino superior para participar. Até esta fase, a plataforma manteve-se relativamente restrita. Por sua vez, o MySpace apresenta características bastante distintas. Neste site, a música exerce um papel central. Apesar de possuir os traços típicos de Rede Social Online, o site também disponibiliza um tocador de músicas nos seus perfis. Na maioria dos casos, se o usuário do MySpace gosta da canção que ouviu no perfil de um amigo ou artista, ele pode adicioná-la facilmente ao seu próprio perfil. Este mecanismo acaba atraindo a atenção de adolescentes. "Música é cola cultural entre a juventude" (BOYD, 2008, p. 122).

Mas o que poderia explicar a popularização em escala mundial deste tipo de plataforma online? Em sua investigação para compreender o poder de atração que Sites de Redes Sociais exercem sobre contingentes cada vez maiores de pessoas, Donath (2007) propõe que estes tipos de site podem representar o prenúncio do próximo estágio da evolução social humana. A partir da obra de Dunbar (1996), a autora propõe que o aumento do número de laços aumenta o acesso a benefícios, como companhia, acesso a informações, e apoios emocional e material. Se não fossem por restrições de tempo e constrangimentos cognitivos, as pessoas expandiriam suas redes até formar "superredes", com tantos laços quanto fosse praticável.

Para esta linha de pesquisa da evolução social, é possível estabelecer um paralelo com a selva, em que os primatas cuidam uns dos outros, removendo insetos parasitas de seus corpos (*grooming*). Esta prática tem função higiênica e relaxante, mas também é útil na criação de laços sociais. Primatas que mantêm este tipo de cuidado entre si têm maior propensão a se ajudarem e não brigarem. Entretanto, por limitação de tempo, não é possível manter este tipo de relação mais próxima com todos. Nas sociedades humanas, a linguagem, especialmente a fofoca, ou as conversas informais e descompromissadas exerceriam esta mesma função. Isto explicaria o hábito das pessoas

can have widely different audiences. In some cases this is understandable, as in the tendency for Facebook users to be more educated than MySpace users (BOYD, 2007), presumably because of Facebook's educational origins".

Tradução do autor para: "There isn't a typical SNS user because different general SNSs with similar features

de "puxar conversa", perguntar como as outras estão, falar sobre conhecidos em comum ou trivialidades etc. (*social grooming*) (DONATH, 2007).

Tecnologias da comunicação podem expandir o alcance social humano, e-mails e ferramentas de contato, por exemplo, ajudam a manter e expandir coleções de relações individuais. Sites de Redes Sociais são especialmente úteis neste sentido, pois "SNSs localizam pessoas no contexto de seus conhecidos, fornecem um suporte para a manutenção de um amplo leque de amigos e outros contatos, e permitem ao público exibir comentários interpessoais" (DONATH, 2007, p. 2) <sup>34</sup>.

De fato, em sua pesquisa sobre as redes Facebook e MySpace, Tufekci (2008) demonstrou que pessoas que fazem uso de Sites de Redes Sociais conseguem manter contato com um número de conhecidos significativamente maior, em comparação com pessoas que não aderiram às Redes Online. Outro aspecto interessante na pesquisa de Tufekci, realizada durante os anos de 2006 e 2007, é o aumento na porcentagem de adeptos aos sites de relacionamento, em consultas realizadas com intervalos de seis meses. O grupo dos não-usuários caiu de 17,1 para 12,5% em apenas 1 ano e meio, conforme mostra a tabela:

Tabela 3: Uso de Sites de Redes Sociais ao longo do tempo

	Sondagem 1 (Primavera 06)	Sondagem 2 (Outono 06)	Sondagem 3 (Primavera 07)	Total
Usuário	82.9	85.5	87.5	84.9
Não-usuário	17.1%	14.5%	12.5%	15.1%

Fonte: Tufekci (2008)

Apesar da rápida disseminação das tecnologias digitais e das Redes Online por várias partes do mundo, este fenômeno ainda é recente quando visto sob a égide da evolução humana. Por mais que os sites de relacionamento tragam importantes mudanças para as formas de interação entre as pessoas, trata-se de um processo ainda em fase inicial, cujas implicações mais profundas ainda precisarão ser mais bem compreendidas em futuros estudos científicos. Torna-se mais prudente, portanto, considerar qualquer caracterização em seu contexto específico.

2

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> Tradução do autor para: "SNSs locate people in the context of their acquaintances, provide a framework for maintaining an extensive array of friends and other contacts, and allow for the public display of interpersonal commentary".

## 2.3 O Site Orkut

Orkut é um site de relacionamentos criado em 22 de janeiro de 2004, como resultado de um projeto chefiado por Orkut Büyükkokten, engenheiro da empresa Google<sup>35</sup>. O Orkut permite manter contato com pessoas já conhecidas e também fazer novas amizades. O serviço foi criado como um projeto independente. No próprio site, o Orkut descreve-se como "uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do Orkut pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas" <sup>36</sup>. Na figura abaixo, temos o exemplo de um perfil no Orkut:



Figura 4: Exemplo de perfil do Orkut

(Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=12530095721530519467) Novembro, 2010

Hoje, o site figura no ranking Alexa como o 68° site mais acessado do mundo<sup>37</sup>. No ranking brasileiro, o Orkut é o terceiro endereço mais acessado do país<sup>38</sup>, atrás apenas do próprio google.com.br e google.com. Em janeiro de 2008, conforme dados da Google, a Rede Online contava com 23 milhões de usuários<sup>39</sup>. Já segundo reportagem

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup>Google Inc. é o nome da empresa que criou e mantém o maior site de busca da internet, o Google Search.

http://www.orkut.com.br/Main#About

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> http://www.alexa.com/topsites/global;2 (23 de novembro de 2010) 38 http://www.alexa.com/topsites/countries;0/BR (23 de novembro de 2010)

Reportagem de Diógenes Muniz, editor de informática Folha Online http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u361596.shtml

da Revista Época, de maio de 2010, somente os usuários brasileiros do Orkut somam 26 milhões<sup>40</sup>.

Para criar um perfil no Orkut, é necessário possuir uma conta de e-mail da Google. Na criação do perfil, são solicitadas informações pessoais como: nome, sobrenome, sexo, relacionamento, data de nascimento, cidade, interesses no Orkut, dentre outras, além de uma auto-descrição em um espaço denominado "quem sou eu". Há também um espaço para postar uma foto ou imagem. A rede de contatos consiste na possibilidade de 'adicionar' o perfil de outro usuário à 'lista de amigos'. Pedido que precisará ser aceito por quem o recebeu. É possível adicionar até 1000 contatos, por perfil. O Orkut também apresenta um espaço para depoimentos, ou seja, testemunhos feitos por outros. Há ainda um espaço para troca de recados (*scrapbook*).

Atualmente, cada usuário pode customizar seu perfil acrescentando aplicativos de sua preferência, dentre as mais de 11 mil opções disponíveis. Os aplicativos têm uma infinidade de tipos e objetivos: games, formas de paquera, avaliação de políticos, "caixa da verdade" para deixar e receber recados anônimos, temas de times de futebol, acompanhamento do desmatamento da Amazônia etc. Estes aplicativos podem ser desenvolvidos pelos próprios usuários ou ainda por empresas especializadas.

A sede do Orkut localizava-se apenas na Califórnia, nos Estados Unidos. Mas, em agosto de 2008, a Google decidiu que o site passaria a ser operado no Brasil, pela Google Brasil, em função da grande quantidade de usuários brasileiros e do crescimento de questões legais<sup>41</sup>.

Desde o dia 29 de outubro de 2009, o Orkut oferece aos usuários uma "nova versão", com layout reformulado, *feed* de notícias<sup>42</sup>, possibilidade de visualizar todos os amigos e Comunidades na página inicial, gerenciamento de cores e algumas novidades que tornam o site mais competitivo diante de outras Redes. Na versão de 2009, pode-se, por exemplo, postar mensagens curtas que serão exibidas para os amigos – simulando a lógica do Twitter, dentre outras inovações. Caso o usuário não se adapte, é possível voltar à versão antiga. As figuras abaixo mostram a página inicial do mesmo usuário nas versões "antiga" e "nova" (figuras 5 e 6, respectivamente).

68

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> Reportagem da Revista Época http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI143701-15224,00-ONDE+OS+BRASILEIROS+SE+ENCONTRAM.html

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> Reportagem da Folha Online: http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u430818.shtml

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Ferramenta para constante atualização de conteúdos informativos



Figura 5: Página inicial do Orkut na "versão antiga"

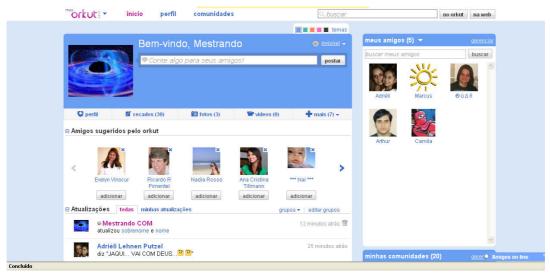


Figura 6: Página inicial do Orkut na "versão nova"

No próprio site, encontramos mapeamentos demográficos referentes à idade, interesses e país em que os usuários encontram-se. As estatísticas do Orkut são condizentes com levantamentos já realizados em outros Sites de Redes Sociais, no sentido de apontarem para predominância de um público jovem (THELWALL, 2008; TUFEKCI, 2008; BOYD, 2008). Conforme tabela 4, mais da metade, ou 53% dos usuários, declararam ter entre 18 e 25 anos.

Tabela 4: Distribuição dos usuários do Orkut por idade

Idade	
18-25	53,48%
26-30	14,99%
31-35	6,68%
36-40	4,15%
41-50	4,14%
50+	3,47%

Fonte: site Orkut (novembro de 2010)

O grupo de usuários que explicita interesse em amizades, somando 44%, supera com boa margem aqueles grupos que manifestam interesse em namoro, em "companheiros para atividades" ou em atividades profissionais, como pode ser verificado na tabela 5. Estes dados sugerem que o uso primário do Orkut tem ênfase, realmente, na formação de relações de amizade, e não em outros interesses como paquera ou conexões para profissão.

Tabela 5: Distribuição dos usuários do Orkut por interesses

Interesse	
Amigos	44,04%
Companheiros para atividades	13,53%
Contatos profissionais	13,02%
Namoro	14,41%

Fonte: site Orkut (novembro de 2010)

Pelas estatísticas do site, percebe-se expressiva predominância de brasileiros, como mostra a tabela 6. É bem verdade que não há como atestar até que ponto vai a veracidade destes números, uma vez que os usuários preenchem seus perfis como bem entenderem, sem compromisso com a verdade, necessariamente. É bastante comum encontrar no Orkut perfis fakes, ou seja, fictícios. Há aqueles perfis claramente falsos, como de celebridades ou de animais de estimação; aqueles que, apesar de falsos, se pretendem verdadeiros; e ainda aqueles que alteram apenas alguns dados específicos. No que diz respeito à idade, por exemplo, apesar de ser "proibida" pelos termos de uso do site<sup>43</sup>, a entrada de menores de 18 anos é perfeitamente possível, desde que este menor saiba manusear o computador e a plataforma online.

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> Disponível em http://www.orkut.com.br/html/pt-BR/additionalterms.orkut.html

Tabela 6: Distribuição dos usuários do Orkut por país

País	
Brasil	50,66%
Índia	20,39%
Estados Unidos	17,76%
Paquistão	0,86%
Paraguai	0,44%
Reino Unido	0,40%
Portugal	0,36%
Afeganistão	0,35%
Japão	0,34%
Canadá	0,34%

Fonte: site Orkut (março de 2010)

Assim, dados relativos à nacionalidade também podem ser alterados. Entretanto, isto vale para usuários de qualquer país, e pode significar menos brasileiros, ou mais, se considerarmos que participantes do Brasil podem designar outra origem. De toda forma, estes dados demográficos já apontam na mesma direção, praticamente desde início do Orkut. Fragoso (2006) registrou que em maio de 2006, os brasileiros somavam 70% dos usuários do Orkut:

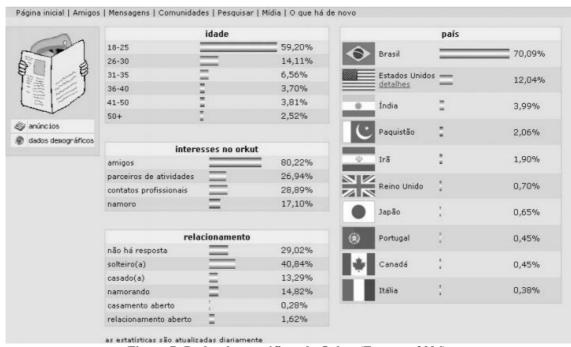


Figura 7: Dados demográficos do Orkut (Fragoso, 2006)

A autora explica que, quando surgiu, em janeiro de 2004, o Orkut tinha predomínio de americanos. Em fevereiro daquele ano, ou seja, apenas um mês depois de seu surgimento: "mais que 60% dos usuários do Orkut eram estadunidenses. Em

seguida vinham os usuários do Reino Unido e Canadá, cada um com pouco mais de 3%. Outros países em que o Orkut parecia inicialmente fadado ao sucesso eram a Holanda, Alemanha e Suécia" (FRAGOSO, 2006, p. 6). Entretanto, não demorou para que estes fossem superados pelos brasileiros, o que ocorreu já no final de junho de 2004.

A razão para a "invasão" de brasileiros no site não é consensual ou óbvia. Para Thelwall (2009), "a popularidade do Orkut do Google no Brasil não parece ter qualquer causa lingüística ou de marketing" (THELWALL, 2009, p. 13) <sup>44</sup>. No entendimento de Morais e Rocha (2005), há um elemento cultural muito forte por trás desta estatística. A identificação do brasileiro com o Orkut teria raízes profundas na cultura nacional. Os autores partem da hipótese de que o elemento da cordialidade motiva a participação em massa dos brasileiros neste site de relacionamentos. A noção do homem cordial brasileiro (HOLANDA, 1995) refere-se a este traço de personalidade — de pessoa amistosa, generosa, hospitaleira, de fácil trato e amizade — típico do Brasil, e que estaria presente no uso do Orkut:

"Percebo que existe uma cordialidade tanto na participação nas comunidades quanto no número de amigos. Simplesmente adicionar como amigo por adicionar, sem ter realmente vínculo ou até para não negar o convite para amizade; ou estar em uma comunidade sem participar traduz um pouco deste 'homem cordial'" (MORAIS e ROCHA, 2005, p. 8).

Já para Fragoso (2006), é problemático pensar a participação de usuários brasileiros no Orkut por meio de estereotipias, ainda que a maioria das tentativas de resposta siga nesta linha. "Até mesmo os acadêmicos tendem a recorrer aos estereótipos ao explicar porque o Orkut se tornou tão popular no Brasil" (FRAGOSO, 2006, p. 12). A autora demonstra manifestações no site de relacionamento que vão em sentido oposto ao do perfil brasileiro cordial ou generoso:

\_

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> Tradução do autor para: "The popularity of Google's Orkut in Brazil does not seem to have any linguistic or marketing cause".



Figura 8: Exemplos de Comunidades e mensagens anti-EUA no Orkut (FRAGOSO, 2006)

No caso trata-se de Comunidades e mensagens hostis a americanos, que eram maioria logo no início do site. Comunidades como "Eu Odeio os EUA - I Hate the USA" e "Eu Odeio os Estados Unidos", além de tópicos como "O que ves mais odeiam nos Americanos?", representavam uma espécie de demarcação simbólica do território, por parte dos brasileiros. Aliás, esta rixa com os americanos e a tentativa de tornarem-se maioria no site, segundo a autora, estimularam o ingresso de usuários no Brasil: "a 'generosidade' com que os brasileiros convidavam outras pessoas para o Orkut aumentou conforme se acirrava a competição com os usuários estadunidenses e foi certamente um fator fundamental para a 'invasão verde-amarela"" (FRAGOSO, 2006, p. 9).

De fato, procurar identificar características inatas aos brasileiros ou generalizantes são explicações frágeis. O fenômeno da invasão brasileira no Orkut não é exatamente raro ou atípico. Segundo levantamento do site wired.com<sup>45</sup>, o Friendster obteve grande popularidade nas Filipinas, por exemplo. Por sua vez, o LinkedIn, sem qualquer esforço promocional da companhia, deslanchou primeiro na Islândia, depois na

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> Glasner, Joanna (2005). Disponível em: http://www.wired.com/techbiz/media/news/2005/03/67027

Finlândia, Israel e Holanda, dentre outros lugares. Ambas as redes têm origem americana. Fenômenos como estes têm relação, primeiramente, com a mídia em que se dão. É característico da própria Internet fluxos e práticas interacionais que tenham menores restrições ou constrangimentos geográficos. Não é grande empecilho para cidadãos brasileiros, filipinos ou islandeses, acessar um endereço criado nos Estados Unidos.

No caso das Redes Online, em específico, podemos pensar que há tendência para as pessoas optarem por aquele site em que já há uma quantidade significativa de possíveis amigos ou conhecidos. Afinal, a proposta do site passa, centralmente, pelo estabelecimento de conexões sociais. Desta forma, uma vez que já houve um fator específico que atraiu pessoas de determinada nacionalidade para o site – como a rivalidade com americanos, no caso dos brasileiros no Orkut – é natural que haja uma espécie de movimento de manada: quanto mais brasileiros existirem no site, maior será o interesse de outros brasileiros para entrar.

Outra ferramenta do Orkut, especialmente importante para este estudo, são as Comunidades. As Comunidades são espaços temáticos em que o usuário ingressa, de acordo com seus interesses, tornando-se um dos membros. É possível participar de até 1.000 Comunidades, mas não há limites para a quantidade de membros. Em algumas, a entrada é do tipo moderada, ou seja, precisa ser autorizada pelo criador da Comunidade. Em outras, a entrada é do tipo pública, livre. É possível deixar de ser membro a qualquer momento, sempre que desejado. O criador (ou dono), bem como os moderadores, têm o poder de expulsar pessoas quando julgarem necessário, além de deletar mensagens ou tópicos. Todos que possuem um perfil no Orkut podem criar Comunidades.



Figura 9: Página inicial de uma Comunidade<sup>46</sup> do Orkut

Os integrantes das Comunidades podem interagir por meio do Fórum, criando tópicos de discussão. Os tópicos podem receber um número ilimitado de mensagens, possibilitando a interação entre os usuários. Nos tópicos, aparecem 10 mensagens por página (daquelas postadas há mais tempo até as mais recentes).

Não são encontrados com facilidade aplicativos de boa qualidade que possam monitorar ou interferir de alguma forma nas Comunidades do Orkut. Possivelmente, porque a API<sup>47</sup> do site não é das mais maduras e amigáveis na *web*. Mesmo as trocas de conteúdos que se dão diretamente entre os perfis, como no *scrapbook*, não podem ser devidamente monitoradas por questões de respeito à privacidade. O SCUP<sup>48</sup> – ferramenta brasileira de monitoramento de mídias sociais – por exemplo, apenas em 2010 adicionou o Orkut a seu portfólio de monitoramento digital. Entretanto, o serviço restringe-se a coleta de títulos de tópicos das Comunidades, e não inclui as mensagens postadas pelos os usuários.

Neste trabalho, optou-se por estudar Comunidades Virtuais do Orkut que tratam de candidatos à presidência da república nas eleições brasileiras de 2010, como veremos a seguir.

48 http://www.scup.com.br/home/

75

<sup>46</sup> http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=379251

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> Sigla referente a *Application Programming Interface* (ou Interface de Programação de Aplicativos)

#### 3. Comunidades do Orkut sobre Presidenciáveis

Neste capítulo, são elencados dados gerais das Comunidades selecionadas para a pesquisa, bem como dados obtidos com a observação e monitoramento dos conteúdos postados, além de entrevistas com os membros. De posse destas informações, avaliamos em que aspectos as práticas de interação existentes em Comunidades do Site Orkut relacionam-se com os elementos conceituais — de Pertencimento, Territorialidade, Permanência e Afetividade — destacados no primeiro capítulo. Antes disto, apresentamos nossa metodologia de pesquisa.

## 3.1 Metodologia de Pesquisa

Conforme comentado anteriormente, esta dissertação fez uma análise de Comunidades do Orkut voltadas a candidatos à presidência da república nas eleições brasileiras de 2010. Trabalhamos com as três principais candidaturas, quais sejam: a de Dilma Rousseff, pelo Partido dos Trabalhadores (PT); a de José Serra, pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); e de Marina Silva, pelo Partido Verde (PV). As três Comunidades escolhidas foram: "Votamos Dilma Presidente – PT<sup>49</sup>"; criada em 18 de março de 2005; "José Serra Presidente" <sup>50</sup>, criada em 24 de outubro de 2006; e "Marina Silva – PV" <sup>51</sup>, criada em 17 de abril de 2006.

Para Kozinets (2007), o procedimento de coleta e análise de dados, no estudo de comunicações mantidas com o uso do computador, pode passar por três momentos. A partir de uma proposta metodológica netnográfica, o autor indica que:

"A coleta de dados é direcionada para capturar três tipos diferentes de dados. O primeiro é o dado que o pesquisador copia diretamente das comunicações mediadas por computador dos membros das comunidades online. A quantidade prodigiosa de informação deste tipo e a facilidade com que é baixada podem tornar seu manuseio assustador. O pesquisador pode precisar de um nível ou vários níveis de filtragem de relevância. O segundo dado é aquele a que o pesquisador se dedica nas observações da comunidade, seus membros, interações e significados, além da participação do próprio pesquisador. Finalmente, netnógrafos podem abordar indivíduos e entrevistá-los" (KOZINETS, 2007, p. 132)<sup>52</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1583686 – Comunidade "Votamos Dilma Presidente – PT".

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=22482901 – Comunidade "José Serra Presidente"

<sup>51</sup> http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=11934095 - Comunidade "Marina Silva - PV"

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> Tradução do autor para: "Data collection is directed at capturing three different types of data. The first is data that the researcher directly copies from the computer-mediated communications of online

Neste sentido, primeiramente observamos a quantidade de membros, o momento da criação, o volume de conteúdos postados, dentre outros aspectos, de Comunidades do Orkut voltadas para os presidenciáveis. Estas informações iniciais permitiram definir com maior segurança quais Comunidades seriam mais adequadas para compor a dissertação. Em uma segunda fase, com as Comunidades já selecionadas, nos dedicamos à observação e monitoramento mais diretos. Porém, optamos por não intervir nas interações entre os membros. Ainda para Kozinets (2007), o pesquisador pode optar por tornar-se um participante ativo ou apenas observar as práticas comunitárias, com pouca ou nenhuma interferência.

"Parte da confusão em relacionar netnografia com métodos apropriados pode ter surgido como resultado do pouco esclarecimento no que diz respeito aos diferentes tipos de netnografia que são possíveis. Em particular, eu gostaria de especificar que a extensão de participação na pesquisa em uma comunidade online pode definitivamente variar entre netnografias. [...] Há um espectro de participação do pesquisador em comunidades online (e offline) que inclui participação em interações, práticas, trocas e informação. Isto pode variar de uma participação muito distanciada até uma que é altamente envolvida, e as representações de netnografia que surgem destas abordagens podem divergir significativamente" (KOZINETS, 2007, p. 132)<sup>53</sup>.

Deste modo, o pesquisador pode optar por um nível de participação na Comunidade Virtual, a partir de um leque bastante amplo, conforme mostra figura 10. Nesta pesquisa, não interferimos nas discussões e trocas mantidas pelos usuários nos fóruns.

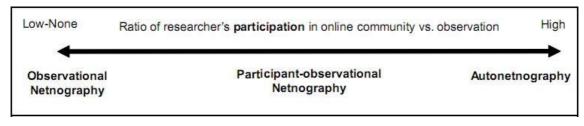


Figura 10: Espectro de Kozinets para participação do pesquisador em Comunidades

community members. The prodigious amount of this information and the ease of its downloading can make handling it daunting. The researcher may require a level or several levels of filtering for relevance. Second is data that the researcher inscribes regarding observations of the community, its members, interactions and meanings, and the researcher's own participation. Finally, netnographers may wish to approach individuals and interview them. E-mail is a common forum for this, but so too is chat or Instant Messaging'.

Tradução do autor para: "Some of the confusion about linking netnography with appropriate methods may have come as a result of the lack of clarity regarding the different types of netnography that are possible. In particular, I would like to specify that the extent of research participation in an online community can definitely vary between netnographies. [...] there is a spectrum of researcher participation in online (and related offline) communities that includes participating in interactions, practices, exchanges and information. This can vary from a very distanced participation to one that is highly involved, and the representations of netnography that ensue from these approaches can diverge significantly".

Para além dos dados observados e colhidos nas Comunidades, também julgamos importante obter relatos dos participantes sobre esta prática constatada no site de relacionamentos Orkut. Esta estratégia metodológica nos permitiu maior compreensão de aspectos qualitativos, a exemplo das dinâmicas interativas, dos significados produzidos e das especificidades existentes nos grupos online em questão. A este respeito, aceitamos que:

"Comunidade é ao mesmo tempo um objeto de estudo (uma entidade, uma manifestação) e o processo comunicativo de negociação e produção de uma comunhão de significado, estrutura e cultura. O terreno da comunidade é mapeado por meio de um processo de dinâmicas de reconciliação interpessoal, dinâmicas coletivas e ideologias. Estes processos adquirem nova significação quando são executados no ciberespaço entre pessoas cujas conexões entre si são mantidas somente por um meio de comunicação de massa" (FERNBACK, 1999, p. 205)<sup>54</sup>.

Assim, consideramos fundamental recorrer à narrativa das pessoas para compreender os processos de comunicação e interação que travam nestas páginas da *web*. As referências teóricas reunidas e articuladas pelo pesquisador complementam e auxiliam na análise do objeto que, neste caso, necessita também de olhares dos próprios participantes. Somente a visão do pesquisador, ainda que teoricamente embasada, parece não dar conta de descrever um contexto social específico, na medida em que este é ativo e cotidianamente construído por seus participantes. Desta feita, as entrevistas permitem a exploração do objeto de pesquisa, a partir dos pontos de vista e dos mundos vividos dos participantes. Sobre este procedimento metodológico, tendemos a concordar que:

"O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo de vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação" (GASKELL, 2002, p. 65).

No que diz respeito às perguntas elaboradas para as entrevistas, levamos em conta a proposta teórica da dissertação, bem como as formulações dos autores já apresentadas nos capítulos anteriores. Naturalmente, as entrevistas precisam estar abertas para intervenções não planejadas, imprevisibilidades, solicitações para maiores

communication".

Tradução do autor para: "Community is both an object of study (an entity, a manifestation) and the communicative process of negotiation and production of a commonality of meaning, structure, and culture. The terrain of community is mapped through a process of reconciling interpersonal dynamics, collective dynamics, and ideologies. These processes take on new significance when they are executed in cyberspace among people whose connectedness to one another is enabled only by a medium of mass

esclarecimentos etc. Porém, fez-se necessário um roteiro de itens importantes a serem explorados, ou ainda, uma agenda a ser seguida pelo pesquisador ao longo das entrevistas. Para Gaskell (2002), trata-se de um tópico guia, que não deve exceder o espaço de uma página:

"Por detrás de uma conversação aparentemente natural e quase casual encontrada na entrevista bem-sucedida, está um entrevistador muito bem preparado. Se forem feitas perguntas inadequadas, então não apenas foi desperdiçado o tempo do entrevistado, mas também do entrevistador. É fundamental colocar tempo e esforço na construção de um tópico guia, e é provável que se tenha de fazer várias tentativas. Em sua essência, ele é planejado para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa" (2002, p. 66).

No caso desta dissertação, o tópico guia das entrevistas consistiu essencialmente nos elementos conceituais relacionados a Comunidades Virtuais (de Pertencimento, Territorialidade, Permanência e Afetividade), descritos no item 1.3.1. Um objetivo central para esta pesquisa foi avançar na possibilidade de uma interseção teórica entre os conceitos de Comunidade Virtual e de Sites de Redes Sociais. Neste sentido, a abordagem dos usuários do Orkut esteve embasada nestes aspectos da experiência comunitária.

Além disso, as entrevistas também levantaram aspectos relativos à freqüência com que os participantes acessam o site Orkut e a respectiva Comunidade sob análise. Com isso, procuramos examinar a relevância de tais práticas no cotidiano dos entrevistados. Segundo Gaskell, "para fazer com que a entrevista deslanche, é útil começar com algumas perguntas bem simples, interessantes e que não assustem" (2002, p. 83). Deste modo, tais aspectos de acesso ao Orkut e às Comunidades foram os primeiros a serem abordados nas entrevistas, por meio das seguintes questões: (1) Com que freqüência você entra no Orkut? (2) Com que freqüência você entra na Comunidade \_\_\_\_\_\_\_ do que nas outras de que faz parte? (4) Com que freqüência você costuma ler tópicos e mensagens nesta Comunidade? (5) Com que freqüência você costuma postar tópicos ou mensagens nesta Comunidade?

Em seguida, foram feitas as perguntas elaboradas a partir dos elementos conceituais associados à Comunidade Virtual. Com base no elemento da Permanência, formulamos as perguntas: (1) Há quanto tempo você está nesta Comunidade,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> Esta pergunta e as demais em aberto foram complementadas com o título da Comunidade que o entrevistado em questão freqüenta.

aproximadamente? (2) Você pretende participar da Comunidade apenas no período eleitoral, ou continuará participando mesmo com o fim das eleições?

Com base no elemento da Territorialidade, formulamos as perguntas: (1) Você costuma ir à Comunidade \_\_\_\_\_\_ sempre que pode ou passa por ela apenas eventualmente? Por quê? (2) É importante para você interagir, especificamente, com os membros da Comunidade \_\_\_\_\_, ou daria no mesmo interagir com outras pessoas em outros lugares da internet com a mesma temática?

Com base no elemento da Afetividade, formulamos as perguntas: (1) A Comunidade serve para você compartilhar suas idéias e sentimentos? Que importância isto tem para você? (2) Você tem ligação afetiva ou de amizade com alguns membros da Comunidade?

Com base no elemento do Pertencimento, formulamos as perguntas: (1) Você vê os membros da Comunidade como um grupo do qual você faz parte? (2) Você tem a sensação de que você pertence à Comunidade?

É sempre importante ressaltar que nenhuma entrevista foi igual à outra, na medida em que cada entrevistado demandou um procedimento específico. Foram bastante comuns solicitações para desenvolver ou explicar melhor determinadas respostas. Ou ainda, o próprio entrevistado levantou aspectos imprevistos, mas que foram mais bem examinados na conversa, por terem sido considerados relevantes para a pesquisa.

Sobre a quantidade de entrevistados, é necessário manter em mente que não se trata, aqui, de uma amostra probabilística para representar a totalidade dos usuários. As entrevistas exercem a função de introduzir à pesquisa um conjunto de visões proeminentes sobre o fenômeno, as quais são necessariamente pouco numerosas. A este respeito, temos que "a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão" (GASKELL, 2002, p. 68).

Assim, trabalhamos com o número de 30 entrevistas, que consideramos satisfatório para nossos propósitos. No caso, foram entrevistados 10 participantes de cada um dos agrupamentos online analisados. Visando preservar a privacidade dos colaboradores, cada um deles foi identificado por um número que variou de 1 a 10, em cada As 30 entrevistas encontram-se, na íntegra, no Anexo A (disponível na forma de CD-Rom).

Nesta dissertação, os critérios para selecionar as Comunidades foram: quantidade de membros e volume de tópicos criados. No caso da candidata Dilma Rousseff, devemos observar que existe uma Comunidade denominada "Apoiamos Lula AGORA É DILMA PT", criada em 23 de junho de 2006, com número maior de participantes, em comparação com a Comunidade selecionada para esta dissertação. Porém, apesar de também fazer referência à candidata do PT nas eleições de 2010, a página com mais participantes foi criada como homenagem ao presidente Luís Inácio Lula da Silva (para apoiar sua campanha à reeleição em 2006), e apenas com a proximidade das eleições de 2010 foi acrescida a referência à Dilma. Com isso, avaliamos que um espaço originalmente voltado à petista permitiria comparação mais adequada com as Comunidades das outras candidaturas.

Já a Comunidade da candidata Marina Silva selecionada para esta pesquisa é, de fato, a que apresenta o maior número de membros e o maior volume de criação de tópicos, em todo o Orkut, no período de produção da pesquisa. Também no caso do candidato José Serra, há outra Comunidade com maior quantidade de membros, a "José Serra – Presidente" <sup>56</sup>, criada em 31 de agosto de 2004. Porém, também neste caso, a página não estava inicialmente voltada à candidatura do PSDB: tratava de vídeos do site Youtube. Apenas com a aproximação da eleição, o título foi alterado. Além disso, apesar da maior quantidade de membros, esta Comunidade apresentava menor volume de criação de tópicos, conforme observação anterior ao início do monitoramento dos dados.

Trabalhamos apenas com as candidaturas de Dilma, Serra e Marina, em função da distância que há entre estas candidaturas e as outras, dos candidatos denominados "nanicos". A cobertura jornalística – reportagens, entrevistas, debates etc. – concedeu mais espaço para estes três nomes, e também as pesquisas de intenção de votos registraram a distância entre estas candidaturas e as menores, conforme figura 11, que mostra evolução das intenções de votos segundo o IBOPE. Na pesquisa divulgada no dia 17 de setembro de 2010, Dilma Rousseff apresentava 51% dos votos, José Serra aparecia com 25%, e Marina Silva pontuou 11%. Nenhum outro candidato atingiu a marca de 1% das intenções.

-

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=355236 Comunidade "José Serra - Presidente"

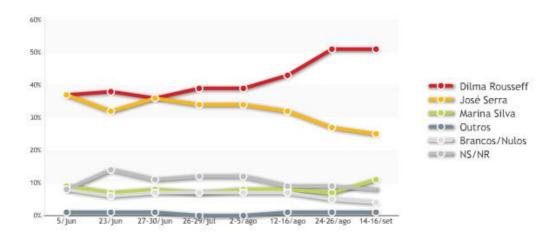


Figura 11: Evolução das intenções de voto segundo IBOPE<sup>57</sup>

As Comunidades do Orkut voltadas aos três maiores candidatos, selecionadas para a dissertação, permitem comparativo entre os diferentes casos, ao mesmo tempo em que têm condições de oferecer maior volume de interações e conteúdos postados, favorecendo a coleta de dados e a análise das práticas comunitárias online a que esta dissertação dedica-se.

O monitoramento das Comunidades foi realizado na segunda quinzena de agosto, dos dias 15 a 30. O mês de agosto apresentou alguns marcos importantes na eleição presidencial brasileira de 2010, como o primeiro debate, na Rede Band, no dia 5; a rodada de entrevistas com os três principais candidatos, na bancada do Jornal Nacional, da Rede Globo, nos dias 9 (Dilma), 10 (Serra) e 11 (Marina); e o início do horário eleitoral, no dia 17. Eventos como este concederam maior visibilidade às eleições, favorecendo o debate entre as pessoas acerca desta temática.

Neste período de 15 a 30 de agosto, foram monitorados dados das três Comunidades, como: (1) acompanhamento diário da quantidade de membros, (2) número de tópicos criados ou comentados, (3) quais membros criaram os tópicos e (4) número de mensagens postadas. Para além destas informações gerais, também foram obtidos dados relativos às práticas de interação online, nestas Comunidades do Orkut, por meio da observação dos tópicos criados ou comentados no período e das entrevistas com 10 membros de cada um dos três espaços. Foram selecionados para as entrevistas membros das Comunidades com alguma participação na criação de tópicos ou postagem de mensagens. Um primeiro contato foi feito pelo Orkut, e aqueles usuários que

\_

Francisco Reportagem do Estadão.com.br http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,veja-a-evolucao-doscandidatos-nas-pesquisas,553498,0.htm

aceitaram participar da pesquisa foram entrevistados por MSN, *software* de troca de mensagens instantâneas, ou pelo aplicativo de *chat* do próprio Orkut. Ao final do mês de outubro, já estavam concluídas as 30 entrevistas.

Tanto os dados obtidos com a observação direta das Comunidades, como os relatos dos participantes concedidos por meio das entrevistas, foram importantes para compreensão destas práticas em ambiência digital. Para a coleta de dados observados nas páginas do Orkut, fizemos uma observação geral, em um primeiro momento, que nos permitiu reconhecer superficialmente as interações que se dão nas Comunidades. Posteriormente, desenvolvemos uma observação mais ostensiva, monitorando diariamente, por uma quinzena, dados referentes à participação dos usuários. Finalmente, abordamos usuários para que concedessem entrevistas.

## 3.2 Apresentação e Análise dos Dados

A partir deste ponto apresentaremos os dados obtidos com a observação e o monitoramento das Comunidades, além das entrevistas com os participantes, assim como faremos a devida análise das informações, no sentido de avançar na reflexão proposta por esta pesquisa.

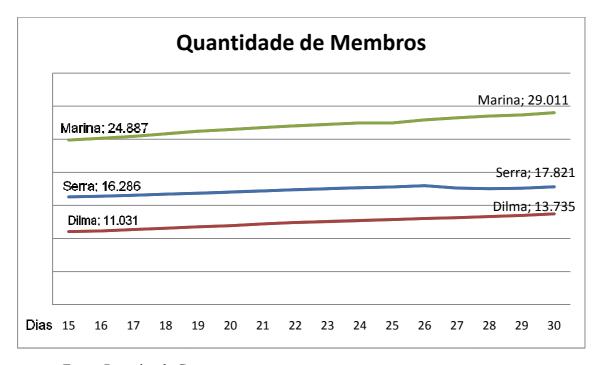
## 3.2.1 Do Monitoramento e Observação das Comunidades

Com o monitoramento e observação das Comunidades, pudemos verificar que, nos três casos, houve crescimento sistemático das quantidades de participantes, ao longo da segunda quinzena de agosto. Este resultado já era esperado, na medida em que a disputa presidencial ganhava forte visibilidade, principalmente no mês analisado, em virtude de entrevistas com os candidatos nos jornais, de matérias diárias sobre as agendas das campanhas, do horário eleitoral no rádio e na televisão, dentre outros fatores. Ao passo que o tema eleitoral foi mais fortemente agendado nos grandes veículos de comunicação, as Comunidades do Orkut sobre este tema também se tornaram mais populares.

No caso da Comunidade da candidata Dilma Rousseff, o crescimento foi de 11.031 membros, registrados no dia 15, para 13.725, marca alcançada no dia 30, ou seja, a Comunidade ganhou 2.694 participantes. A Comunidade da candidata Marina Silva cresceu de 24.887 para 29.011 membros, um saldo positivo de 4.124. No caso da Comunidade voltada a José Serra, o salto foi de 16.286 para 17.821 integrantes, um

ganho de 1.535. As evoluções das quantidades de membros estão representadas no gráfico 1, abaixo.

Gráfico 1: Evolução das quantidades de membros nas Comunidades



Fonte: Pesquisa de Campo

Observa-se que o crescimento da quantidade de membros foi estável, no período analisado, sem sobressaltos em nenhum dos dias. A Comunidade da candidata Dilma cresceu aproximadamente 24,4% em quantidade de membros, no período; a Comunidade da candidata Marina, 16,5%; e a de Serra, 9,4%.

Tanto a menor quantidade de membros ao longo de todo período analisado, quanto a maior taxa de crescimento da Comunidade voltada à Dilma Rousseff, podem ser explicados pelo fato de, há poucos dias do início do monitoramento (na primeira semana de agosto), ter sido excluída a Comunidade que era a maior do Orkut voltada à presidenciável do PT. Com a exclusão da maior Comunidade, a candidatura petista passou a estar representada nas Comunidades do Orkut por uma página que reunia um patamar inferior de participantes – em comparação com as candidaturas de Marina e Serra – apesar de Dilma já liderar as pesquisas de intenção de votos com boa margem, àquela altura.

Possivelmente, ao passo que os membros percebiam a exclusão da Comunidade que costumavam integrar, migravam para outras Comunidades dedicadas à petista,

incluindo esta que era a segunda maior e que fez parte da dissertação. Esta migração entre as páginas dos partidários de Dilma nunca foi intensa o suficiente para fazer a Comunidade da petista alcançar a dos adversários em quantidade de membros, como vemos no gráfico 1. Porém, foi significativa o bastante para fazer com que a taxa de crescimento fosse a mais alta.

No que diz respeito à evolução dos tópicos criados ou comentados<sup>58</sup> no período, verifica-se que as linhas são muito mais instáveis, conforme Gráfico 2.

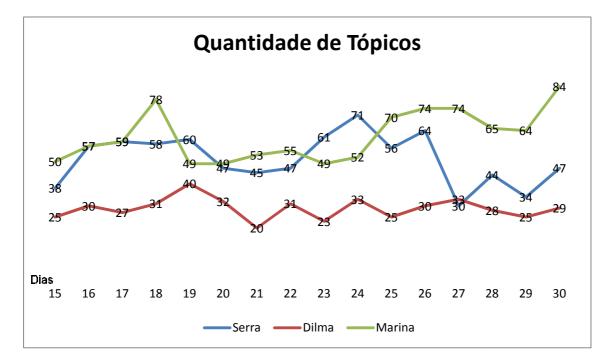


Gráfico 2: Evolução das quantidades de tópicos criados ou comentados

Fonte: Pesquisa de Campo

No caso da Comunidade "Votamos Dilma Presidente – PT", o dia 21 de agosto foi o que apresentou o menor número de tópicos criados ou comentados: 21; e o dia 19 representou o auge desta evolução, com 40 tópicos. Na Comunidade "Marina Silva – PV", a linha de conteúdos postados variou de 49, nos dias 19, 20 e 23 de agosto, a 84, no último dia de monitoramento. Já na "José Serra Presidente", o mínimo foram 30 típicos criados ou comentados, no dia 27 de agosto, e o ápice foi no dia 24 de agosto, com 71 tópicos.

<sup>58</sup> Por "tópicos comentados" nos referimos aos tópicos que foram criados antes do período de monitoramento das Comunidades mas que receberam mensagens dos participantes neste período.

monitoramento das Comunidades, mas que receberam mensagens dos participantes neste período, abrigando, portanto, parte das interações verificadas.

Da mesma forma, a evolução das quantidades de mensagens postadas apresentou forte variação, principalmente nas Comunidades voltadas às candidaturas de Marina Silva e José Serra. No caso da Comunidade voltada à Dilma Rousseff, a variação foi menor, ainda que considerável, conforme mostra o Gráfico 3.

**Quantidade de Mensagens** Dias Dilma Marina Serra

Gráfico 3: Evolução das quantidades de mensagens postadas

Fonte: Pesquisa de Campo

A Comunidade "Votamos Dilma Presidente – PT" teve o mínimo de 49 mensagens postadas no dia 23, e o máximo de 120 mensagens no início do monitoramento, em 15 de agosto. Neste dia, o tópico intitulado "Dilma", criado pelo participante "Brasil", foi o mais comentado, com 33 mensagens em um único dia. Nele, o perfil denominado "Brasil" fazia um apelo para que as pessoas não votassem na candidata Dilma Rousseff, conforme figura 12:

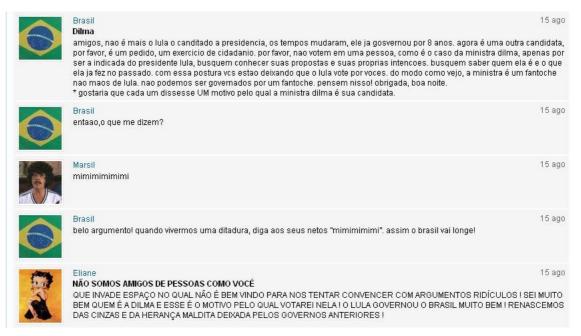


Figura 12: Tópico da Comunidade "Votamos Dilma Presidente – PT"

Como podemos verificar, o tópico provocou reações indignadas dos participantes da Comunidade, gerando conflito e alguma agressividade. A participante "Eliane" viu o criador do tópico como um "estranho", que "invade" um espaço que não lhe pertence, e no qual não é bem-vindo.

Já na Comunidade "Marina Silva – PV", o dia 15 foi o que apresentou menor volume de interação, com 198 mensagens postadas. O auge do volume de interações deu-se no dia 18, com 582 mensagens. Neste dia, o assunto que mais polarizou a comunicação entre os membros foi o debate online entre os presidenciáveis promovido pela Folha / UOL, no próprio dia 18, como vemos na figura 13. O tópico intitulado "QUARTA-FEIRA TEM DEBATE NO UOL/FOLHA", criado pelo usuário "Fernaudo", recebeu 135 mensagens no dia.



Figura 13: Tópico da Comunidade "Marina Silva – PV"

Como podemos constatar, alguns usuários aproveitaram o tópico para acompanhar o debate ao vivo, trocando impressões sobre os desempenhos dos presidenciáveis. Naturalmente, os participantes torceram pela candidata Marina Silva, registrando, por exemplo, um momento em que a candidata verde teria sido aplaudida; ao mesmo tempo, foram mais críticos em relação a Serra e Dilma, observando despreparo da petista e abandono da "fase paz e amor" por parte de ambos.

Na Comunidade "José Serra Presidente", o dia 29 registrou a menor quantidade de mensagens postadas: 187; e o dia 18 registrou a maior movimentação de mensagens, com 637 postagens. Também neste caso, o maior volume de participação esteve vinculado ao debate online. O tópico "1° debate online entre presidenciáveis hoje", criado pela participante "MARGARIDA", recebeu 242 postagens no dia.

#### 3.2.2 Das Entrevistas com os Participantes das Comunidades

No início das entrevistas, registrávamos os seguintes dados demográficos dos entrevistados: (1) gênero, (2) idade e (3) região do Brasil em que reside. Os participantes foram majoritariamente homens: 73%, contra 27% de mulheres. A idade média dos entrevistados é de 26 anos, com o mais novo tendo 17 anos e o mais velho, 47. Na divisão geográfica, 17% são da região Sul, 20% são da região Norte / Centro-

Oeste, 27% são do Nordeste, e 43% são do Sudeste. Estas informações encontram-se na tabela 7.

Tabela 7: Dados demográficos dos entrevistados

Gênero	
Homens	73%
Mulheres	27%
Idade	
Média de idade	26 anos
Mais jovem	17 anos
Mais velho	47 anos
Região	
Sul	17%
Norte / COeste	20%
Nordeste	27%
Sudeste	43%

Ao procedermos com as entrevistas, a primeira pergunta que fizemos aos participantes foi "Com que freqüência você entra no Orkut?". A grande maioria, ou 28 dos 30 entrevistados, respondeu que acessa o Orkut com freqüência diária. Apenas 2 participantes relataram acessar o site cerca de três vezes durante a semana. Um destes 2 usuários participa da Comunidade da Dilma, e a outra participa da Comunidade da Marina. Estes resultados mostram que a participação no Orkut é uma prática muito relevante para a vasta maioria dos entrevistados, uma vez que consiste em um hábito que já faz parte de suas rotinas. Na tabela 8, trazemos as porcentagens<sup>59</sup> das repostas distribuídas por Comunidade e considerando a totalidade dos entrevistados, ou seja, o resultado "Global".

Tabela 8: Freqüência de acesso ao Orkut

	Dilma	Marina	Serra	Global
Diariamente	90%	90%	100%	93%
Três vezes por semana	10%	10%	0%	7%

<sup>59</sup> Todas as porcentagens desta pesquisa foram arredondadas para o número inteiro mais próximo.

89

Em seguida, a pergunta que fizemos foi "Com que freqüência você entra na Comunidade \_\_\_\_\_\_?". A maioria dos respondentes acessa a Comunidade sobre presidenciável de que faz parte com a mesma freqüência com que acessa o Orkut. Do total de 30 participantes, 20 relataram acessar a Comunidade com esta freqüência, o que representa aproximadamente 67%. Os outros 33% dos entrevistados entram na Comunidade apenas parte das vezes em que acessa o site. Neste segmentos, tivemos respostas como: duas, três ou quatro vezes ao longo da semana, "poucas vezes", "algumas vezes na semana", dentre outras.

Considerando as respostas distribuídas por Comunidades, nas de Dilma e de Serra foi predominante o grupo que acessa a Comunidade sempre que entra no site, o mesmo não se deu na página da candidata Marina, conforme verificamos na tabela 9.

Tabela 9: Frequência de acesso à Comunidade

	Dilma	Marina	Serra	Global
Mesma freqüência que acessa	80%	30%	90%	67%
o Orkut				
Parte das vezes em que acessa	20%	70%	10%	33%
o Orkut				

Também perguntamos "Você entra mais na Comunidade \_\_\_\_\_\_ do que nas outras de que faz parte?". Uma parcela majoritária dos respondentes afirmou entrar mais na Comunidade de seu candidato à presidencia do que nas outras das quais participam, ou ainda que a Comunidade está entre aquelas que mais freqüenta. Assim, 23 dos 30 entrevistados, ou 77%, responderam positivamente à questão.

Novamente, a Comunidade da Marina foi a exceção, na medida em que apenas metade dos seus entrevistados relatou entrar nesta página com a mesma freqüência com que acessa o Orkut, índice consideralmente inferior aos verificados nas Comunidades de Dilma e Serra. Podemos constatar os dados na tabela 10.

Tabela 10: Comparativo entre acesso à Comunidade do presidenciável e a as outras das quais o entrevistado faz parte

	Dilma	Marina	Serra	Global
Sim / Está entre as que	80%	50%	100%	77%
mais acessa				
Não	20%	50%	0%	23%

A menor participação dos integrantes da Comunidade da Marina – seja na freqüência de acesso, seja na comparação com outras Comunidades – está relacionada com a ausência da candidata no segundo turno das eleições. Este fator teve claro impacto negativo no interesse e engajamento dos entrevistados na Comunidade. O surgimento de partidários dos outros candidatos tentando conquistar votos e a mudança no foco das discussões provocaram resistência e afastamento dos apoiadores de Marina. Os relatos abaixo ilustram este processo:

"Estou "dando um tempo" no momento, o objetivo da comunidade tem sido distorcido no 2º turno, culpa de uma invasão de militantes dos candidatos, assim que passar esse periodo retorno mais ativamente"

(participante 1 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Não (está entre as Comunidades mais acessadas). Mas ela está entre as primeiras. Estava alias... agora que ela saiu da eleicao nao entro tanto assim" (participante 2 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

Em seguida, perguntamos aos usuários: "Com que freqüência você costuma ler tópicos e mensagens nesta Comunidade?". A quase a totalidade de 29 entrevistados, ou 97%, lê o conteúdo sempre que entra na Comunidade. Apenas 1 respondente, ou 3%, afirmou ler o conteúdo postado em uma freqüência inferior àquela com que entra na Comunidade. Isto significa que a prática de leitura das postagens feitas nas Comunidades está intimamente associada ao acesso às mesmas. Este resultado mostrouse uniforme nos três casos analisados, como mostra a tabela 11.

Tabela 11: Frequência de leitura de tópicos e mensagens na Comunidade

	Dilma	Marina	Serra	Global
Sempre que entra na	100%	100%	90%	97%
Comunidade				
Uma vez na semana	0%	0%	10%	3%

Os entrevistados também tiveram que responder à seguinte questão: "Com que freqüência você costuma postar tópicos ou mensagens nesta Comunidade?". Dos 30 participantes, 10 relataram postar conteúdos com freqüência alta, ou seja, em todas ou na maioria das vezes em que entram na Comunidade. Este grupo representa 33% do total. Uma quantia de 13 participantes, ou 43%, posta conteúdos com a freqüência de duas a três vezes na semana, ou condiciona a postagem de tópicos ou mensagens das seguintes formas: quando encontra "algo interessante" para postar, quando tem "novidade", quando lê "algo que interessa" ou tem "algo a dizer", quando tem "certeza ou conhecimento do assunto", "conforme aparecem idéias", dentre outros. Finalmente, 7 entrevistados postam conteúdos com baixa freqüência, ou seja, raramente ou quase nunca. Estes dados compõem a tabela 12.

Tabela 12: Frequência de postagem de tópicos ou mensagens na Comunidade

	Dilma	Marina	Serra	Global
Todas / na maioria das vezes em que entram	20%	30%	50%	33%
Algumas vezes na semana ou quando considera oportuno	50%	30%	50%	43%
Raramente	30%	40%	0%	23%

Desta feita, observa-se que a prática de postar conteúdos é bem menos frequente do que a prática de ler os mesmos. Portanto, temos uma interação silenciosa que demonstrou-se, nesta pesquisa, mais significativa do que a interação direta e explícita, nestas Comunidades. Na maior parte das vezes, os usuários entram na Comunidade, tomam algum conhecimento das informações ali encontradas e das mensagens de outros participantes, mas não necessariamente intervém na dinâmica do site.

A partir deste ponto, demos inicio às perguntas relacionadas aos elementos conceituais de Comunidade Virtual. A primeira delas, relativa ao elemento da

**Permanência**, foi: "Há quanto tempo você está na Comunidade, aproximadamente?". Observando as respostas mais comuns para esta indagação, dividimos os entrevistados em três categorias principais, com base no tempo de permanência na Comunidade: (1) aqueles que estão há alguns dias ou não mais que um mês – que seriam os integrantes mais recentes; (2) os que estão na Comunidade por cerca de 2 ou 3 meses; e (3) os que estão na Comunidade há mais de 6 meses ou anos – ou seja, os membros mais antigos.

Assim, tivemos que 11 entrevistados, 37% do total, compõem o grupo de integrantes mais recentes. Foram 12 aqueles com um tempo de permanência intermediário, o que equivale a 40%. Fazem parte do grupo mais antigo nas Comunidades, 7 participantes, ou ainda, 23%. Na tabela 13, temos estes dados gerais e os dados específicos de cada Comunidade.

Tabela 13: Período aproximado como membro da Comunidade

	Dilma	Marina	Serra	Global
Menos de 1 mês	60%	0%	50%	37%
De 2 a 3 meses	40%	60%	20%	40%
Mais de 3 meses	0%	40%	30%	23%

Estes períodos de permanência são bastante expressivos. Se somarmos os dois últimos grupos, de participantes que estão há mais tempo nas Comunidades, temos que 63% dos entrevistados integram as páginas há no mínimo 2 meses. Portanto, não verificamos aqui ambiências que os usuários apenas visitam e desligam-se logo depois. Os vínculos com estas páginas da *web* permanecem por um tempo considerável.

É valido salientar que estes marcos no tempo utilizados para categorizar as repostas – "menos de um mês" e "de dois a três meses" – estão diretamente vinculados ao tema eleitoral das Comunidades. Muitas vezes, as respostas dos entrevistados eram dadas em relação à eleição, por exemplo: "desde meados do primeiro turno", "desde o começo do segundo turno" etc. Se somarmos os dois primeiros grupos da tabela 13, temos que 77% dos entrevistados ingressaram na comunidade há menos de 3 meses, ou seja, após o início das campanhas. Este é um indicativo de que agrupamentos online como os analisados nesta pesquisa possuem uma forte característica de sazonalidade. No caso, o início das eleições – bem como o advento do segundo turno – foram fatores relevantes para o ingresso de boa parte dos entrevistados nas Comunidades.

A Comunidade da candidata do Partido Verde apresenta tendência particular: ao contrário das outras duas páginas, na de Marina Silva não houve entrevistados que tenham ingressado há menos de 1 mês — o que também apresenta vinculação com os desdobramentos da eleição, na qual a candidata verde não foi ao segundo turno.

A segunda pergunta que elaboramos para o elemento da Permanência foi: "Você pretende participar da Comunidade apenas no período eleitoral, ou continuará participando mesmo com o fim das eleições?". Aqui, tivemos que 24 participantes, 80%, pretendem continuar na Comunidade mesmo após as eleições. Para 2 entrevistados, 7%, a permanência ou não nos grupos analisados dependerá de fatores ainda não conhecidos. Tivemos ainda 4 participantes, 13%, que não pretendem continuar nas páginas dos candidatos, com o fim das eleições. Os resultados gerais e por Comunidade estão demonstrados na tabela 14.

Tabela 14: Intenção de continuar participando da Comunidade após fim das eleições

	Dilma	Marina	Serra	Global
Continua	70%	100%	70%	80%
Depende	10%	0%	10%	7%
Não continua	20%	0%	20%	13%

Os participantes que pretendem continuar nas Comunidades destacaram: a importância de acompanhar e discutir sobre o mandato (em caso de vitória), a importância de continuar "a luta" ou "o movimento", a intenção de se atualizar sempre sobre os temas políticos, a intenção de continuar apoiando o político, o desejo de interar-se sobre os futuros planos do candidato, a manutenção de preferências partidárias, dentre outros. A seguir, temos exemplos de respostas a esta questão:

"Vou participar sempree... pra acompanhar seu mandato se caso ela ganhar" (participante 1 da Comunidade da Dilma).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Com certeza não deixarei de ser membro, a não ser q me tirem de lá....rsrssr...eu sou fã dela e de sua política de governo e por isso entrei...e não com pretesto [sic] de somar mais uma pessoa na epoca de eleição"

(participante 4 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

### "Sempre fui PSDB..e continuarei sendo"

(participante 1 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

Já entre aqueles que condicionaram a permanência, verificou-se preocupação com os rumos das Comunidades no pós-eleição. Temos como exemplos as seguintes respostas:

"Vamos ver a proposta da comunidade..."
(participante 2 da Comunidade da Dilma).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Dependerá da propria comunidade se esta tiver compromisso de continuar debatendo eu estarei lá"

(participante 9 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

De maneira geral, a permanência na Comunidade também surge de maneira bastante expressiva como intenção de continuar participando, mesmo com o fim das eleições. Os vínculos que os entrevistados mantêm com estes espaços online são fortes o suficiente para fazer com que pelo menos 80% dos respondentes pretenda continuar como membro mesmo com o fim do evento a que as Comunidades estão voltadas.

Com relação ao elemento da **Territorialidade**, primeiramente fizemos a pergunta "Você costuma ir à Comunidade \_\_\_\_\_\_ sempre que pode ou passa por ela apenas eventualmente? Por quê?". Dos 30 participantes, 25 relataram entrar na Comunidade sobre presidenciável sempre que podem, o que significa 83%. Apenas 5, ou 17%, passam pela página apenas eventualmente. Nos dados específicos das Comunidades, novamente a da candidata Marina destoou com um nível de participação menos assíduo: 60% dos participantes desta página afirmaram visitá-la com menor freqüência, tal pode ser observado na tabela 15.

Tabela 15: Passagem eventual ou sempre que possível pela Comunidade

	Dilma	Marina	Serra	Global
Sempre que pode	90%	60%	100%	83%
Eventualmente	10%	40%	0%	17%

Pelos dados gerais, vemos que uma confortável maioria dos entrevistados valoriza a Comunidade o suficiente para fazer dela um espaço ao qual retornam

constantemente. Estes agrupamentos do Orkut analisados destacam-se como um território eletrônico de importante significado para seus integrantes, de acordo com as entrevistas realizadas. Não se tratam, assim, de "lugares de passagem", genéricos ou com o mesmo status de inúmeros outros encontrados na Internet.

Como justificativa para o contínuo regresso às páginas dos presidenciáveis, os entrevistados apontaram elementos como: interesse por fatos novos da campanha, interesse pela opinião de outros apoiadores do candidato, gosto pela política, busca por informações gerais sobre a eleição, intenção de ajudar de alguma forma na campanha, observação de tendências eleitorais, injeção de ânimo à militância, dentre outros. A seguir temos exemplos de respostas para esta pergunta:

"Sempre que posso [...] faço questão, como cidadã, de participar do processo político, mesmo que em uma micro esfera, que com a internet, com as redes sociais, não são tão micro assim"

(participante 7 da Comunidade da Dilma).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Todos os dias eu entro, nem sempre comento, mas o meu objetivo é exatamente observar como estão as discussões em torno do projeto que a Marina defendeu e como estão se portando os eleitores dela e quais suas tendências no 2º Turno e daqui pra frente" (participante 9 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Em primeiro lugar para dar ânimo a militância pq tem hora que a gente desanima mesmo, para acrescentar fatos, acompanhar o desenvolvimento da campanha, saber novidades e para derrubar as mentiras e destruir o PeTralhas [sic] infiltrados que vão lá querendo agitar"

(participante 5 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

No caso particular da Comunidade da candidata Marina, constatamos que o fato de a candidata não ter ido ao segundo turno das eleições provocou afastamento e menor interesse em participar por parte de alguns integrantes, conforme relatos:

"Bom, como já mencionei, a comunidade tem sido alvo das investidas dos militantes dos candidatos do 2º turno, o que tem distorcido seu objetivo, isto tem feito diminuir a freqüência com que vou a comunidade"

(participante 1 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Ultimamente pessoas estão tentando conseguir votos para os outros partidos com o pretesto [sic] de q votaram na Marina no primeiro turno e agora resolveram votar no Serra ou na Dilma... ai p mim perdeu a graça"

(participante 4 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

A segunda questão formulada com base no elemento da Territorialidade foi "É importante pra você interagir, especificamente, com os membros da Comunidade \_\_\_\_\_\_, ou daria no mesmo interagir com outras pessoas em outros lugares da internet com a mesma temática?". As respostas para esta questão foram marcadamente divididas. Exatamente 15, ou 50% dos respondentes, demonstraram preferência pela interação especificamente nas Comunidades analisadas, e outros 15 manifestaram indiferença no que se refere a onde as interações acontecem. O equilíbrio permanece na distribuição dos resultados pelos três grupos, ainda que não com a mesma exatidão, pelo que vemos na tabela 16.

Tabela 16: Importância da interação específica com os membros da Comunidade

	Dilma	Marina	Serra	Global
É importante	50%	60%	40%	50%
Dá no mesmo	50%	40%	60%	50%

Aqueles que dão importância às interações que ocorrem especificamente nas Comunidades analisadas apontam como motivos para tal: partilha de interesses e convergência de pensamento entre os membros, qualidade dos argumentos expostos naquelas páginas, quantidade de pessoas e conteúdos postados diariamente, maior tempo de participação na Comunidade, maior organização da Comunidade, maior dinamismo nas interações da Comunidade etc. Seguem exemplos de relatos de entrevistados com esta opinião:

"É importante interagir especificamente, pois, posso fornecer e receber argumentos que possam ser usados em um eventual debate, entre amigos" (participante 10 da Comunidade da Dilma).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Acho que é importante interagir com todos, mas principalmente com o pessoal da Marina na comunidade, pois ali estamos acompanhando tudo o que está acontecendo, as pessoas estão ali especificamente p/ isso, mais informadas sobre a Marina, o que seria diferente do que falar do mesmo assunto com outras pessoas diferentes em outras partes da internet"

(participante 7 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Gosto mais daquela comunidade por ser mais organizada que outras de grande porte e por causa da presença de pessoas ligadas à coordenação da campanha"

(participante 4 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

Por outro lado, os que não dão maior importância às Comunidades analisadas relatam: priorização do apoio ao candidato em detrimento das interações com outros usuários, interesse por saber o que as pessoas pensam sobre o assunto independentemente de onde, atribuição de importância a interações em todos os lugares da *web* que discutem a temática, preferência por interagir com pessoas cujos votos ainda possam ser conquistados, dentre outros, como vemos nos exemplos seguintes:

"Daria no msm [...] o importante é saber oq as pessoas de ambos partidos pensam a respeito"

(participante 6 da Comunidade da Dilma).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Daria no mesmo para mim. Alias preferia interagir em outras comunidades por que na comunidade Marina Silva PV todos já eram marineiros [sic]"

(participante 2 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"De outros lugares da mesma forma [...] sou muito comunicativa"

(participante 2 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

Desta forma, a percepção das Comunidades estudadas como territórios mais importantes que os demais não surgiu de maneira expressiva. Esta é a visão de metade dos respondentes, mas para outro grupo, tão significativo quanto, as interações nas páginas observadas são importantes apenas na medida em que exercem função político-eleitoral, o que pode ocorrer em outros espaços.

A primeira pergunta pensada a partir do elemento da **Afetividade** foi "A Comunidade serve para você compartilhar suas idéias e sentimentos? Que importância isto tem para você?". Para esta questão, a totalidade dos entrevistados respondeu de forma positiva, apenas um participante relatou que este efeito da Comunidade ocorre apenas em termos, o que pode ser considerado uma resposta parcialmente afirmativa. Desta forma, 29 respondetes, ou 97%, confirmaram que os agrupamentos servem para a partilha de idéias e sentimentos. Apenas 1 participante, ou 3%, afirmou que isto ocorre "de certo modo", conforme tabela 17.

Tabela 17: Compartilhamento de idéias e sentimentos na Comunidade

	Dilma	Marina	Serra	Global
Sim	100%	90%	100%	97%
De certo modo	0%	10%	0%	3%

Assim, a comunhão de pensamentos e emoções surge de maneira muito forte na pesquisa. Na percepção dos entrevistados, este compartilhamento é importante uma vez que: representa todo um movimento ou luta, permite a expressão dos indivíduos, permite a expressão do "cidadão comum", facilita o encontro de semelhantes, amplia a quantidade de pessoas que "ouvem" as opiniões anunciadas, gera satisfação pessoal, colabora com a respectiva candidatura, influencia o futuro do país, dentre outras. Destacamos como exemplos, as seguintes respostas:

"Bom, eu acredito que seja importante sim compartilhar as ideias... como se fosse um movimento... uma luta pelo o que queremos [...] Hoje podemos expor que pensamos sem medo de represálias"

(participante 3 da Comunidade da Dilma).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Sim, tem uma grande importância porque na comunidade sua "voz" é "ouvida" por muito mais pessoas. A não ser que você seja uma pessoa famosa acostumada a fazer discursos, a sua voz não é ouvida por muita gente. Já na comunidade, centenas de pessoas leem o que você escreve. Acho isso bem importante, pelo menos para mim"

(participante 2 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Muita cara... levo essa ideias muito a serio a ponto de deixar de lado ate paquera de net pela comunidade que estou engajado [...] faz muita importancia pois vc encontra pessoas que nutrem o mesmo sentimento e ideal e querem o mesmo objetivo e isso faz bem" (participante 1 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

A segunda pergunta vinculada ao elemento da Afetividade foi "Você tem ligação afetiva ou de amizade com alguns membros da Comunidade?". Neste caso, a grande maioria dos entrevistados respondeu de forma negativa. Dos 30 participantes, 26, ou 87%, não mantêm relações afetivas ou de amizade com outros membros das Comunidades. Apenas 4, 13%, responderam positivamente à pergunta. É o que constatamos na tabela 18.

Tabela 18: Ligação afetiva ou de amizade com alguns da Comunidade

	Dilma	Marina	Serra	Global
Não	90%	80%	90%	87%
Sim	10%	20%	10%	13%

O elemento da Afetividade não surge de maneira considerável na forma de relacionamentos afetivos ou amizades entre os membros da Comunidade. A maioria dos respondentes relata que os laços mantidos nestes agrupamentos estão mais voltados para a questão política, e são menos pessoais, como nas respostas seguintes:

"Não tenho amizades com nenhum menbro [sic], e na verdade nem tenho contato com nenhum participante"

(participante 4 da Comunidade da Dilma).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Não tenho nenhuma amizade. Mas tem certas pessoas que respeito mais e outras menos (politicamente) dependendo do tipo de mensagens que eles vao postando... Dai leio as mensagens dessas pessoas com mais interesse ou mais cético... Essa é basicamente a minha diferenciação. Por exemplo: pessoas muito esquerdistas, ou pessoas muito religiosas eu leio com mais ceticismo"

(participante 2 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Não faço diferenciação nenhuma. Sem relação íntima. Minha relação são com os tópicos, temas, argumentos. [...]"

(participante 5 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

Tendo em vista o elemento do **Pertencimento**, elaboramos a questão "Você vê os membros da Comunidade como um grupo do qual você faz parte?". A resposta mais freqüente foi afirmativa: 17 entrevistados, ou 57%, confirmaram que se sentem parte de um grupo. Tivemos ainda 7 respondentes, 23%, que afirmou ter este sentimento apenas parcialmente. Finalmente, 6 usuários, ou 20%, relatou não reconhecer os membros das Comunidades como grupos de que fazem parte. Os dados estão distribuídos na tabela 19.

Tabela 19: Percepção dos membros da Comunidade como um grupo de que se faz parte

	Dilma	Marina	Serra	Global
Sim	40%	70%	60%	57%
Parcialmente	50%	10%	10%	23%
Não	10%	20%	30%	20%

A identificação dos membros das Comunidades como grupos de que os entrevistados fazem parte foi verificado na pesquisa de maneira considerável, seja com a confirmação direta desta experiência, seja reconhecendo que ela se dá em certos termos. Estes dois estratos somados alcança 80% dos respondentes. Para alguns, a sensação é exatamente a de que todas aquelas pessoas formam um mesmo grupo, na medida em que há: comunhão de idéias, comunhão de objetivos, concepção política semelhante, mesma percepção do que é prioritário para o país, proteção mútua etc. Abaixo temos exemplos de relatos neste sentido:

"Sim, eles tem a mesma concepção política que eu"

(participante 9 da Comunidade da Dilma)

Fonte: Pesquisa de Campo

"Sim [...] pelo fato de todos os membros da comunidade seguem a mesma linha de raciocínio, que seria o desejo de um presidente que aliasse a economia do país com sustentabilidade"

(participante 5 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Isso, é tipo uma selva cara se vc nao acha seus iguais vem algo maior e te devora" (participante 1 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

Já para o grupo de entrevistados que enxerga unidade entre os membros apenas de maneira parcial, há elementos de identificação e convergência, mas também existem diferenças e oposições bem distintas, o que nem sempre foi visto como algo negativo ou prejudicial. É o que vemos nas respostas que seguem:

"Em partes! vejo gente que enxerga a política como eu: um meio de minimizar as diferenças e promover melhorias para o povo. Mas percebo membros que parecem estar em um campo de batalha. brigam mais por siglas do que por idéias" (participante 5 da Comunidade da Dilma).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Em parte. Nem todos os membros de uma comunidade partilham da mesma ideia, mas é exatamente isso que proporciona uma melhor interação ou despertamento [sic] crítico dos assuntos que são de interesse ou que dizem respeito à comunidade. O grupo geralmente partilha o mesmo pensamento, a comunidade não, apesar de que ela está fundamentada em uma ideologia própria"

(participante 9 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Mais ou menos isso [...] Estamos ali para apoiar um mesmo candidato. Com o tempo, acabamos se conhecendo e formando um grupo"

(participante 7 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

A última pergunta que fizemos, também ancorada no elemento do Pertencimento, foi "Você tem a sensação de que você pertence à Comunidade?". A sensação de pertencimento foi atestada por uma maioria de 25 entrevistados, ou 83% do total. Houve 2 participantes que perceberam esta sensação parcialmente, o que significa 7%. A negação do pertencimento à Comunidade foi indicada por 3 participantes, 10%. Os dados podem ser verificados na tabela 20.

Tabela 20: Sensação de pertencimento à Comunidade

	Dilma	Marina	Serra	Global
Sim	90%	80%	80%	83%
Parcialmente	10%	10%	0%	7%
Não	0%	10%	20%	10%

O vínculo com a Comunidade foi apontado como algo relevante pelos entrevistados na medida em que: as idéias expressas permitem identificação, a Comunidade proporciona sensação de coletividade, as opiniões de cada membro são consideradas válidas, os objetivos são convergentes, a visão de país e de política são as mesmas, os interesses são comuns, as diferenças podem ser superadas, o entendimento do que é melhor para o país é compartilhado, a opção para a eleição presidencial é a mesma etc. Na sequência, vemos exemplos de respostas para esta questão:

"SIM, PARECE UMA FAMILIA, ISSO É MUITO BOM, TODOS SE RESPEITAM" (participante 8 da Comunidade da Dilma).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Sim [...] Porque entendemos que o melhor que se tem pra fazer no Brasil, nesse momento, é continuar distribuindo renda. Esse pensamento é o que me vincula à comunidade" (participante 10 da Comunidade da Dilma).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Ah é dificil dizer, mas é uma coisa assim, tipo, parece que aquilo ali é um pedaço de mim que estava faltando, um cantinho que eu precisava para poder por pra fora muitas coisas que me afligiam na questão politica. E eu discuti muito ali..rs"

(participante 3 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Me sinto vinculado a comunidade sim. Acho que faço parte da comunidade, como uma espécie de família. [...] porque temos interesses em comum. Porque somos parecidos. Porque nos indentificamos. Acho que isso aproxima as pessoas por lá. Acaba indo um pouco além da questão "eleição", Marina Silva, etc. Exemplo: No Rio, os Voluntários do Gabeira se juntaram e vão virar Voluntários do Rio de forma a atuar na sociedade por um estado melhor, etc. Essas pessoas tem visões em comum e por isso acabam se juntando. Acho que isso está acontecendo com a comunidade da marina também"

(participante 7 da Comunidade da Marina).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Sim [...] Justamente essa possibilidade de compartilharmos pensamentos em comum, idéias, sentimentos etc, e isso tudo a respeito de um assunto polêmico (política), que muitas vezes não é bem aceito em outras comunidades ou causa brigas entre pessoas com visões partidárias diferentes em outras comunidades"

(participante 4 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

"Sim, acho que todos que estão ali, e participam frequentemente dela pertencem [...] É um lugar legal, com pessoas que geralmente pensam quase da mesma maneira sobre o assunto. Consiste na troca de ideias, de se aprofundar melhor sobre um mesmo tema, em fazer amizades..."

(participante 7 da Comunidade do Serra).

Fonte: Pesquisa de Campo

Os dados e relatos reunidos neste capítulo permitiram conhecimento aproximado e análise embasada dos agrupamentos selecionados para a dissertação. Mensurações quantitativas, dinâmicas específicas e visões dos próprios participantes acerca do fenômeno estudado foram aspectos satisfatoriamente contemplados nesta seção. Diante destas informações, faremos comentários mais conclusivos no próximo capítulo.

#### 4. Conclusão

A pesquisa demonstrou que as Comunidades do Orkut analisadas efetivamente constituem ambientes com grande concentração de partidários das candidaturas de grande porte, como as de Dilma Rousseff, Marina Silva e José Serra. Em todas, foram registrados dezenas de milhares de participantes. Ao fim do monitoramento feito em agosto, as três páginas somadas reuniam mais de 60 mil pessoas. Conforme a eleição avançou, estes valores tornaram-se ainda mais representativos. Até o encerramento desta dissertação, em novembro de 2010, a Comunidade da Dilma havia atingido mais de 42 mil membros, a de Marina havia ultrapassado os 54 mil integrantes, e a de Serra chegou à marca de 47 mil usuários.

Os gráficos de tópicos e de mensagens postados na segunda quinzena de agosto mostraram que o volume de participação nas Comunidades foi significativo, chegando a centenas de mensagens postadas em um único dia, por uma variedade de participantes. Se tomarmos como exemplo o dia 18, temos que mais de 1.200 mensagens foram postadas nos três agrupamentos somados. Este número demonstra grande movimento nas páginas e indica a importância da plataforma Orkut para eventos de grande mobilização popular, no Brasil.

No que se refere à aproximação entre os grupos analisados e o conceito teórico de Comunidade Virtual, temos que os três grupos tiveram diferentes enquadramentos nos elementos conceituais destacados. A Permanência, a Territorialidade, a Afetividade e o Pertencimento, manifestaram-se de maneira mais nítida em algumas das três Comunidades do Orkut estudadas. Da mesma forma, os graus de interesse, acesso e participação dos membros apresentaram níveis distintos nos três agrupamentos online. Notadamente, a Comunidade da Marina foi a que menos se aproximou do conceito de Comunidade Virtual, apesar de ser a que apresentou a maior quantidade de membros e de conteúdos postados, ao longo de todo o período de monitoração. Já as Comunidades de Dilma e Serra exibiram traços comunitários mais claros.

A Comunidade "Marina Silva- PV" apresentou forte e surpreendente dinamismo no monitoramento de agosto, superando as páginas das candidaturas mais bem posicionadas nas pesquisas e com maior visibilidade, nos aspectos de quantidade de membros e quantidade de conteúdos postados. Porém, já com os primeiros dados das

entrevistas, verificou-se menor envolvimento e participação dos integrantes da Comunidade de Marina.

Especificamente, tivemos que o acesso à Comunidade da candidata verde era claramente inferior aquele verificado nas páginas de Dilma e Serra, em que pese o fato de o acesso ao site Orkut ser muito equilibrado nos três casos. Uma taxa bastante elevada de apoiadores de Dilma e Serra afirmou entrar nas Comunidades de seus candidatos com a mesma freqüência com que acessam o Orkut: 80 e 90%, respectivamente. No caso da Comunidade de Marina Silva, este índice cai para 30%. Da mesma forma, a maioria dos partidários da petista e do tucano apontou as Comunidades de presidenciáveis que integram como a que mais acessam (ou uma das): 80 e 100%, respectivamente. Com a candidata do PV, este número cai para 50%. Com a análise das repostas dos entrevistados, ficou claro que o fator que reduziu os níveis de interesse e participação na Comunidade "Marina Silva – PV" foi o fato de a candidata não ter passado para o segundo turno.

O elemento da **Permanência** apareceu de maneira satisfatória nos três agrupamentos do Orkut analisados, tanto do ponto de vista do tempo que os respondentes já estavam nas Comunidades, como no que diz respeito à intenção de continuar como membro, mesmo com o fim das eleições. Observamos que os agrupamentos analisados não são apenas visitados pelos usuários, com baixo poder de retenção. Tratam-se mesmo de agrupamentos que representam um ideário para parte de seus integrantes, ou seja, agrupamentos aos quais, de maneira geral, os usuários estão vinculados subjetivamente. Com isso, permanecem por tempo considerável.

Neste quesito, verificou-se que o começo das campanhas partidárias funcionou como um catalisador para o ingresso de boa parte dos participantes nas Comunidades. Mais de 70% dos entrevistados ingressou nas páginas dos presidenciáveis após o início do primeiro turno. Assim, percebe-se que, de acordo com parcela expressiva dos respondentes, tais agrupamentos online adquirem maior significado e atraem as pessoas em um período específico.

Ainda que estes respondentes já tivessem predisposições partidárias, avaliações políticas e de governo, ou simpatias por candidatos, o aspecto da agregação a um grupo só foi intensificado com a chegada das campanhas. Este processo está de acordo com a visão de autores (FEATHERSTONE, 1997; MAFFESOLI, 1996, 2006; LEMOS, 2004; WELLMAN, 2002) sobre a dinâmica sociológica contemporênea, em que as reuniões

apresentam mais características de espontaneidade, informalidade, efemeridade e menos traços institucionais, rígidos ou pré-elaborados.

A Territorialidade surgiu com clareza nas Comunidades de Dilma e de Serra, mas o mesmo não ocorreu na Comunidade da Marina. Enquanto 90 e 100% dos apoiadores da petista e do tucano, respectivamente, afirmaram visitar suas Comunidades sempre que podem, este índice diminui para 40% entre os simpatizantes da candidata do PV. Assim, duas das Comunidades destacam-se como territórios eletrônicos e simbólicos que não consistem em meros "lugares de passagem como todos os outros", como menciona Lemos (2002). Os usuários regressam constantemente a estas páginas, pois atribuem a elas práticas e significados relevantes. No caso da Comunidade da candidata Marina, o assédio de partidários dos outros presidenciáveis e a conseqüente mudança de foco nas discussões mantidas, no segundo turno, surgiram como fatores que progressivamente afastaram os membros, conforme detectado nas entrevistas.

Outro aspecto relativo à Territorialidade investigado nesta pesquisa foi a importância que os participantes atribuíam às interações travadas especificamente naqueles espaços dedicados aos presidenciáveis. Neste aspecto, os entrevistados mostraram-se marcadamente divididos, nos três casos analisados. Metade dos respondentes dava preferência às Comunidades analisadas, e a outra metade valorizava as interações como um todo, desde que estivessem em função do debate eleitoral. Portanto, o elemento da Territorialidade, nestes termos, não surge de maneira nítida, apenas de maneira parcial, mas ainda assim considerável.

O item da **Afetividade** aparece de maneira muito clara e uniforme no que tange ao compartilhamento de idéias e sentimentos, de acordo com o que formulam autores referenciados nesta pesquisa (MAFFESOLI, 1996; WEBER, 2002; WELLMAN E GULIA, 1999). A expressiva maioria de 97% dos respondentes confirmou esta função da Comunidade. Neste processo de partilha, a percepção de engajamento em uma "luta" ou "movimento", a valorização da expressão coletivizada, o encontro entre semelhantes, a satisfação pessoal, dentre outras leituras, foram detectadas pela pesquisa.

Porém, a Afetividade enquanto manutenção de laços ou experiências de cunho pessoal (LEMOS, 2002; RHEINGOLD, 1993) foi negada pela pesquisa, de maneira igualmente majoritária. Para o mesmo índice de 97% dos respondentes, as Comunidades não serviram para a formação de relações afetivas ou de amizade. Com esta pergunta, ficou claro que a participação dos usuários nos espaços analisados possui teor eminentemente político-eleitoral. O envolvimento, os objetivos, a identificação, a

interação com outros membros, dentre outros aspectos, estavam em função das estratégias de campanha ou do debate político.

Este retrato encontra ressonância com a proposta de Wellman (2002) do individualismo em rede, na qual a ênfase das interações na sociedade de hoje pode estar mais no indivíduo e suas redes, selecionadas de acordo com objetivos e necessidades específicas (eleitorais, neste caso). Por esta visão, o apoio, a reciprocidade e a solidariedade parcial, existentes entre os membros do grupo, provêm de relações especializadas, que se tornaram viáveis por meio das tecnologias digitais. Assim, os interesses temáticos e particulares sobrepõem-se à troca fortuita ou descomprometida que poderia levar ao estreitamento dos laços. Com isso, constatamos que a Afetividade manifestou-se nestas páginas do Orkut apenas de maneira parcial: implicando convergência de pensamento e de sentimento, mas sem aproximação pessoal.

Por sua vez, o elemento do **Pertencimento** emergiu de modo eloqüente nos dois aspectos investigados: os respondentes percebem os outros membros como grupos dos quais fazem parte, ao mesmo tempo em que têm a sensação de que pertencem às Comunidades, de maneira proeminente e nos três casos analisados. De maneira integral ou parcial, 80% dos entrevistados vêem os integrantes das páginas como um grupo coeso e do qual participam. Além disso, 90% atestaram a sensação de pertencimento, integral ou parcialmente, o que vai ao encontro do que formulam um conjunto de atores com os quais trabalhamos (ESPOSITO, 2007; GIDDENS, 1995; PALACIOS, 1991; VATTIMO, 2007; WELLMAN E GULIA, 1999). Novamente, a convergência de visões políticas teve papel decisivo. Porém, elementos tipicamente comunitários, como a analogia com uma família, a sensação de acolhimento e proteção, dentre outros, foram apontados pelos respondentes.

Deste modo, temos que os elementos da Permanência e do Pertencimento surgiram de maneiras bastante nítidas. O elemento da Territorialidade ficou claro no que diz respeito ao freqüente retorno dos usuários aos respectivos espaços de temática eleitoral. Já o elemento da Afetividade emergiu apenas de maneira parcial: há compartilhamento de pensamentos e emoções, mas não foi verificado envolvimento afetivo ou pessoal. De maneira geral, as Comunidades "Votamos Dilma Presidente – PT" e "José Serra Presidente" aproximaram-se satisfatoriamente do conceito de Comunidade Virtual; já a Comunidade "Marina Silva – PV" apresentou lapsos relevantes do ponto de vista das formulações teóricas reunidas nesta pesquisa. Devemos ainda observar que os agrupamentos online analisados contêm alguns elementos

comumente associados a Comunidades Virtuais, com claros níveis de identificação entre os membros, comunhão de certos valores, reforço de aspectos convergentes e minimização das diferenças, cumplicidade, reciprocidade, engajamento etc. Não obstante, observou-se que este sentimento comunitário esteve sempre muito vinculado ao tema político, de tal modo que as interações raramente deixaram de orbitar a seara eleitoral.

As experiências gregárias destas páginas do Orkut revelaram natureza marcadamente especializada, e não perderam de vista o foco eleitoral ao qual estavam voltadas. A este respeito, percebe-se que a questão projetista não desaparece por completo na experiência comunitária online. Os usuários não perderam de vista e mantiveram-se vinculados ao objetivo maior de eleger o presidenciável ao qual prestavam apoio, o que pode ser considerado um projeto político dos mais tradicionais e abrangentes. Ainda assim, não foram verificados traços formais, produtivistas, organizacionais ou que denotassem planejamentos mais elaborados e estáveis. Por isso, a diferença para a concepção projetista moderna é substancial e qualitativa, na medida em que o vínculo com o projeto maior e a dinâmica das interações não ocorreram conforme as características comunitárias e políticas tradicionais.

Estes agrupamentos apresentaram contornos mais passionais, fugazes, descontraídos e despretensiosos. Ao mesmo tempo em que entrevistados de mais de uma Comunidade foram capazes de associar aqueles grupos a famílias e de demonstrar profundo comprometimento com a atividade ali desenvolvida, a irreverência, o elemento lúdico e traços caricaturais não deixaram de se fazer presentes de modo constante: referências a "PeTralhas", as mais diversas ridicularizações dos adversários, lamúrias pelas paqueras deixadas de lado, manifestações de níveis quase absurdos de disposição, analogias com selvas ou campos de batalha etc. compuseram o universo dos respondentes.

O período de realização desta pesquisa não permitiu análise do que se passa com estas Comunidades após as eleições. Porém, no caso da Comunidade dedicada à Marina Silva, foi constatado que o fato de a candidata não ir para o segundo turno eleitoral já foi suficiente para provocar grande dispersão entre os membros, a ponto de ser a Comunidade que menos se aproximou do Conceito teórico aqui desenvolvido, na comparação com as páginas voltadas a Dilma e a Serra.

Este aparente paradoxo entre o intenso e apaixonado envolvimento com o grupo, confrontado pelo elemento lúdico ou pela dispersão tão imediata, é abordado de maneira

interessante pela idéia de "transfiguração do político", proposta pelo sociólogo Michel Maffesoli. De fato, o engajamento e o compromisso com o debate político nestes grupos surgiram de maneira expressiva, porém em termos que não se adéquam a concepções clássicas. Para além de uma militância organizada, produtivista ou racionalizada, constatamos reuniões mais orgânicas, informais e de teor mais emocional.

Ademais, podemos concluir que as Comunidades Virtuais do Orkut analisadas viabilizam o encontro de pessoas com algo a compartilhar, em processo semelhante aquele descrito por Tarde (2005), quando o autor refere-se à formação de "públicos" caracterizados pela convergência espiritual. No entanto, os processos comunicativos do presente estudo revelaram-se mais próximos da abordagem de Lévy (1999), uma vez que a participação e afinidade de pensamento nos grupos apresentaram contornos mais abertos do que rígidos.

Aceitando as premissas teóricas referentes à vida coletiva contemporânea e às interações grupais na *web*, foi verificada a possibilidade de interseção entre o Site de Redes Sociais Orkut e o conceito teórico de Comunidade Virtual – de forma relevante em duas das três Comunidades, e nos termos de alguns elementos conceituais mais do que outros. De todo modo, considerando o conjunto de nuances e especificidades, foi possível examinar como padrões mais abrangentes da vida coletiva contemporânea são operados em casos específicos de agrupamentos humanos, que utilizam como suporte central a Rede Mundial de Computadores.

# Referências Bibliográficas

- ADAMIC, L. A., BUYUKKOKTEN, O.; ADAR, E. (2003). A Social Network Caught in the Web. *First Monday*, 8(6). Retrieved July 30, 2007.
- ALDOUS, J. (1995). **O Intercâmbio entre Durkheim e Tönnies sobre a Natureza das Relações Sociais.** In: MIRANDA, O. (Org.). Para Ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Edusp.
- BECKER, H. (1963). **Outsiders**: Studies in The Sociology of Deviance. New York: Free Press.
- BEER, D. (2008). **Social Network(ing) Sites... Revisiting The Story so Far**: A response to danah boyd & Nicole Ellison. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(2), 516-529.
- BELLEBAUM, A. (1995). **Ferdinand Tönnies**. In: MIRANDA, O. (Org.). Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Edusp.
- BOYD, D. (2006). Friends, Friendsters, and MySpace Top 8: Writing community into being on social network sites. First Monday, 11(2), Retrieved June 23, 2007.
- BOYD, D.; ELLISON, N. (2007). **Social Network Sites: Definition, history, and scholarship**. *Journal of Computer-Mediated Communication, 13*(1), Retrieved December 10, 2007.
- BOYD, D. (2008). Why Youth (heart) Social Network Sites: The role of networked publics in teenage social life. In D. Buckingham (Ed.), *Youth, Identity, and Digital Media* (pp. 119-142). Cambridge, MA: MIT Press.
- BUCHANAN, M. (2002). **Nexus: Small Worlds and the Groundbreaking Theory of Networks.** London: W. W. Norton & Company.
- CAHNMAN, W. J. (1995). **Tönnies e a Teoria das Mudanças Sociais: Uma Reconstrução**. In: MIRANDA, O. (Org.). Para Ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Edusp.
- CASTELLS, M. (1999). A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra.
- COENEN-HUTHER, J. (1995). A Sociologia de Tönnies e o Estudo das Formas de Sociabilidade. In: MIRANDA, O. (Org.). Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Edusp.
- FERREIRA, A. B. de H. (1999). **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI**. CD-rom. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- DONATH, J. (2007). **Signals in social supernets**. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), Retrieved June 17, 2008.
- DONATH, J.; BOYD, D. (2004). **Public displays of connection**. *BT Technology Journal*, 22(4), 71-82.
- DUNBAR, R. I. M. (1996). *Grooming*, Gossip, and the Evolution of Language. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- DURKHEIM, É. (1999) **Da Divisão do Trabalho Social.** [Tradução Eduardo Brandão]. 2º Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- ENCICLOPÉDIA Einaudi. (1998). Vol. 13. **Lógica-Combinatória**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- ESPOSITO, R. (2007). **Niilismo e Comunidade.** In: PAIVA, R. (Org.). O Retorno da Comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X.
- FEATHERSTONE, M. (1997). **O Desmanche da Cultura**: Globalização, Pósmodernismo e Identidade. [Tradução Carlos Eugênio Marcondes Moura]. São Paulo: Studio Nobel, SESC.
- FERNBACK, J. (1999). **There is a There There**: Notes Towards a Definition of Cybercommunity. In: JONES, S. (Ed.). Doing Internet Research: Critical Issues and Methods for Examining the Net. Thousand Oaks, CA: Sage, 203-20.
- FONTANELLA, F. I.; PRYSTHON, A. (2004) **Trocando Figurinhas: sobre Orkut, Frivolidades, Neotribalismo e Flânerie.** In: Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.
- FRAGOSO, S. (2006). **Eu Odeio Quem Odeia...** Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na tomada do Orkut. E-Compós, v. 6, p. 1-22.
- GASKELL, G. (2002). **Entrevistas Individuais e Grupais**. In: BAUER, M. & GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 64-89.
- GIDDENS, A. (1991). **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista (UNESP).
- GOFFMAN, E. (1983). A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Vozes.
- GRANOVETTER, M. (1973). **The Strength of Weak Ties**. In: American Journal of Sociology. Vol. 78, N. 6.

- GRANOVETTER, M. (1983). **The Strenght of Weak Ties: a network theory revisited**. In: Sociologial Thoery, Vol. 1, p. 201-233.
- HALL, S. (1999). A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A.
- HOLANDA, S. B. de. (1995). Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.
- KNOKE, D. (1990). **Networks of Political Action**: Toward Theory Construction. Social Forces. 68(4):1041-63.
- KOZINETS, R. V. (2007). **Netnography 2.0**. In: BELK, R. W. Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing. Edward Elgar Publishing.
- LEMOS, A. (2004). Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. 2º Ed. Porto Alegre: Sulina.
- LÉVY, P. (1999). **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34.
- \_\_\_\_\_(1996). **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34.
- MAFFESOLI, M. (2009). A República dos Bons Sentimentos. São Paulo: Iluminuras.
- \_\_\_\_\_ (1997). **A Transfiguração do Político**: a Tribalização do Mundo. Porto Alegre: Sulina.
- \_\_\_\_\_ (1996). **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_ (2006). O Tempo das Tribos. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- McPHERSON, M., SMITH-LOVIN, L.; COOK, J. M. (2001). Birds of a Feather: Homophily in Social Networks. Annual Review of Sociology, 27, 415-444.
- MILGRAM, S. (1967). The Small World Problem. Psychology Today 1: 61.
- MIRANDA, O. (1995a). **A Dialética da Identidade em Ferdinand Tönnies**. In: MIRANDA, O (Org.). Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Edusp.
- \_\_\_\_\_ (1995b). A Armadilha do Objeto O Ponto de Partida de Ferdinand Tönnies. In: MIRANDA, O (Org.). Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Edusp.
- MORAIS, C.; & ROCHA, D. (2005). **Porque existe tanto brasileiro no Orkut? Ou as Redes sociais e o Homem Cordial.** Trabalho apresentado ao NP 08 Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro de Pesquisa da Intercom, Rio de Janeiro.
- PAIVA, R. (2007). **Para Reinterpretar a Comunicação Comunitária.** In: PAIVA, R. (Org.). O Retorno da Comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X.

- PALACIOS, M. (1995). **O Medo do Vazio: Comunicação, Sociabilidade e Novas Tribos**. In: RUBIM, A. Idade Mídia. Salvador: Ed. Edufba.
- PALACIOS, M. (1996). **Cotidiano e Sociabilidade No Cyberespaco**: Apontamentos Para Uma Discussão. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. J. (Org.). O Indivíduo e as Mídias. Rio de Janeiro: p. 87-104.
- RECUERO, R. (2006). **Comunidades em Redes Sociais na Internet:** Proposta da Tipologia Baseada em Fotolog.com. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS.
- \_\_\_\_\_ (2009). **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina. Coleção Cibercultura.
- RHEINGOLD, H. (1993). **The Virtual Community**: Homesteading on the Electronic Frontier. Reading. Massachusetts: Addison-Wesley.
- RODRIGUES, J. A. (1984). **Durkheim**. **Sociologia**. 3° Ed. RODRIGUES, J. A. (Org.). São Paulo: Ática.
- SIMMEL, G. (1976). **A Metrópole e a Vida Mental**. In: VELHO, O. G. (org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- (1972). **O Indivíduo e a Díade**. In: CARDOSO, F. H.; IANNI, O. (Org.). Homem e Sociedade. 7º Ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- TARDE, G. (2005). A Opinião e as Massas. São Paulo: Martins Fontes.
- THELWALL, M. (2008). **Social Networks, Gender and Friending**: An analysis of MySpace member profiles. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 59(8).
- \_\_\_\_\_ (2009). **Social Network Sites: Users and Uses**. In M. Zelkowitz (Ed.), *Advances in Computers* (pp. 19-73). Amsterdam: Elsevier.
- TONNIES, F. (1995). **Comunidade e Sociedade Textos Selecionados**. In: MIRANDA, Orlando (Org.). Para Ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Edusp.
- TUFEKCI, Z. (2008). Grooming, gossip, Facebook and MySpace: What can we learn about these sites from those who won't assimilate? *Information, Communication & Society, 11*(4), 544-564.
- VATTIMO, G. (2007). **O Belo como Experiência Comunitária.** In: PAIVA, R. (Org.). O Retorno da Comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X.
- WATTS, D. (1999). Small Worlds: The Dynamics of Networks Between Order and Randomness. Princeton: Princeton University Press.
- WEBER, M. (2002). Conceitos Básicos de Sociologia. São Paulo: Centauro.

- \_\_\_\_\_ (2004). **A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras.
- WELLMAN, B. (2002). Little Boxes, Glocalization, and Networked Individualism? In: TANABE, M.; BESSELAAR, P.; ISHIDA, T. (Org.). Digital Cities II:Computational and Sociological Approaches. Berlin: Springer.
- WELLMAN, B.; GULIA, M. (1999). **Net Surfers Don't Ride Alone**: Virtual Communities as Communities. In: WELLMAN, B. (Org.). Networks in the Global Village, Boulder: Westview Press.